

ARLETE MORAES

***PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO
MUNICÍPIO DE SALETE-SC: A FAMÍLIA ROHDEN***

FLORIANÓPOLIS - SC
NOVEMBRO – 2003

ARLETE MORAES

***PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO
MUNICÍPIO DE SALETE-SC: A FAMÍLIA ROHDEN***

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Geografia, na Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano, na Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Ph.D. Armen Mamigonian

FLORIANÓPOLIS-SC
NOVEMBRO-2003

**“PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO MUNICÍPIO DE
SALETE-SC: A FAMÍLIA ROHDEN”**

Arlete Moraes

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado em Geografia, área de concentração em Desenvolvimento Regional e Urbano, do Departamento de Geociências do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, em cumprimento aos requisitos necessários à obtenção do grau acadêmico de Mestre em Geografia.

Prof. Dr. Norberto Olmiro Horn Filho

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Ph.D. Armen Mamigonian (Presidente/Orientador-USP/UFSC)

Prof. Ph.D. Cécile Raud Mattedi (Membro-UFSC)

Prof. Dr. Carlos José Espíndola (Membro-UFSC)

Florianópolis, 11 de novembro de 2003.

*A Carlos Baptista Morais (in memoriam)
pelos conhecimentos passados (na minha infância)
sobre a história do município de Saete,
a qual despertou-me curiosidade e que, hoje, resulta nesta pesquisa.*

A verdadeira medida de um homem não se vê na forma como se comporta em momentos de conforto e conveniência, mas em como se mantém em tempos de controvérsia e desafio.
(Martin Luther King Jr.)

Agradecimentos

À Universidade Federal de Santa Catarina,
pela busca constante da qualidade de ensino.

A Cornélio Rohden, Lino Rohden, Laércio Rohden,
Cornélio Rohden, Agenor Rohden e Marлизete Rohden,
pela contribuição dada à pesquisa.

Aos funcionários da Rohden Artefatos de Madeira Ltda e da Rohden SA,
pelo fornecimento de dados e atenção dispensada.

Ao Professor Armen Mamigonian, pelos sábios ensinamentos,
que com sua experiência e paciência soube orientar
e incentivar a realização e conclusão desse trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia,
da Universidade Federal de Santa Catarina,
que souberam com muita sabedoria nos trazer novos conhecimentos.

À Prefeitura Municipal de Salete pelas informações prestadas,
sobre o desenvolvimento econômico municipal.

A todos, que direta ou indiretamente contribuíram
para a realização deste trabalho.

E em especial a meus pais, Arnildo e Neide Moraes,
pelas oportunidades e incentivos ao longo da vida.

A meus irmãos, Gilson e Gislaine Moraes,
que me ajudaram na configuração espacial das empresas.

A Helio Corrêa Filho,
pelos auxílios e paciência no transcorrer dos estudos.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE TABELAS	x
RESUMO.....	xi
ABSTRACT	xii
INTRODUÇÃO	14
1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	24
1.1. A FORMAÇÃO SOCIAL.....	33
1.2. CICLOS ECONÔMICOS: MÉDIOS E LONGOS.....	40
1.3. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL.....	45
1.4. PRINCIPAIS ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL CATARINENSE.....	51
1.5. A INDUSTRIALIZAÇÃO NO ALTO VALE DO ITAJAÍ.....	56
CONSIDERAÇÕES	64
2. O PROCESSO DE OCUPAÇÃO E A GÊNESE DO CAPITAL.....	67
2.1. COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE SALETE-SC	69
2.2. PROCESSO DE ACUMULAÇÃO E NÃO-ACUMULAÇÃO EM SALETE-SC	84
2.2.1. ATIVIDADE AGRÍCOLA E EXCEDENTE ECONÔMICO.....	86
2.2.2. ESTRUTURAÇÃO DO SETOR COMERCIAL LOCAL.....	103
2.2.3. ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E EXPANSÃO INTERNA E EXTERNA.....	110
2.3. A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO- ECONÔMICO	120

CONSIDERAÇÕES.....	125
3. GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICO DAS EMPRESAS ROHDEN.....	128
3.1. ORIGEM DAS EMPRESAS ROHDEN E EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES.....	132
3.2. ESTRUTURA ORGANIZACIONAL/OPERACIONAL.....	141
3.2.1. PROCEDÊNCIA DAS MATÉRIAS-PRIMAS EMPREGADAS NAS EMPRESAS.....	143
3.2.2. MAQUINÁRIO E TECNOLOGIAS ORGANIZACIONAIS.....	148
3.2.3. ALOCAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA NO PROCESSO PRODUTIVO.....	154
3.2.4. ACESSO, INSERÇÃO, CONSOLIDAÇÃO AOS MERCADOS INTERNO E EXTERNO.....	163
CONSIDERAÇÕES.....	166
4. INDÚSTRIA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL.....	169
4.1. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SETORES PRODUTIVOS MUNICIPAIS	172
4.2. RELAÇÃO RESIDÊNCIA <i>VERSUS</i> TRABALHO.....	178
CONSIDERAÇÕES.....	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
ANEXO - ORGANOGRAMA DAS EMPRESAS ROHDEN.....	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	188

LISTA DE ABREVIATURAS

ABIMIC	Associação Brasileira da Indústria de Madeira Mecanicamente Processada
ABIMÓVEL	Associação Brasileira de Indústria Móveis
AMAVI	Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico do Sul
CAD	<i>Computer Aided Desing</i>
CAM	<i>Computer Aided Manufacturing</i>
CNI	Confederação Nacional da Indústria
FSE	Formação Sócio Espacial
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISO	<i>International Organization for Standardization</i>
ISPO	<i>International Society For Prosthetics And Orthotics</i>
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
PRONAF	Programa Nacional da Agricultura Familiar
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Pequenas e Microempresas
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
PEA	População Economicamente Ativa

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Povoamento de Santa Catarina	52
--	----

Figura 2- Localização do município de Salete no contexto estadual.....	70
Figura 3- Povoamento no município de Salete a partir de 1933.....	77
Figura 4- População município de Salete – Ano 2000	83
Figura 5- Fatores que interferem na comercialização	109
Figura 6- Distribuição nos setores da indústria.....	117
Figura 7- Distribuição espacial da Empresa Rohden Artefatos	156
Figura 8 - Distribuição espacial da Rohden S.A.....	159
Figura 9- Organograma da Marroh Confecções Ltda, - Ano 2002	162
Figura 10- Layout, Marroh Confecções Ltda.....	163
Figura 11- Divisão setorial do município de Salete.....	177
Figura 12- Localização dos fluxos residência-trabalho nos estabelecimentos industriais	181

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Salete: distribuição da população municipal - 1970, 1980, 1989 e 1991	79
--	----

Tabela 2- Evolução da população economicamente ativa – PEA.....	80
Tabela 3- Distribuição das atividades no município de Saleté, em 1996.....	81
Tabela 4- Produção agrícola do Alto Vale em 1941	92
Tabela 5- Produção agrícola em 1941	93
Tabela 6- Quantidade de animais existentes em 1940	94
Tabela 7- Movimento agropecuário de 1995.....	98
Tabela 8- Distribuição espacial da população agrícola no município de Saleté Ano 1996	100
Tabela 9- Produção agropecuária municipal, em 1999.....	101
Tabela 10- Produção agropecuária municipal, em 2001.....	102
Tabela 11- Relação comercial: empresas X empregados, em 1996	107
Tabela 12- Relação comercial: empresas x empregados, em 2001	108
Tabela 13- Ano de fundação e população ocupada	115
Tabela 14- Relação indústrias/empregados, no município de Saleté – Ano 1998	116
Tabela 15- Receita bruta e ICMS lançado em 1999 no município de Saleté	119

RESUMO

Este estudo pretende compreender como ocorreu o processo de industrialização no município de Saleté – SC. O município foi colonizado por alemães e italianos,

nas décadas de 20 e 30, com auxílio da Empresa Colonizadora Bertoli. Saleté apresentou um processo industrial baseado na pequena produção mercantil. De modo que, a família Rohden aproveitou-se das características físicas do local, principalmente da exploração madeireira, para acumular capital e instalar sua pequena oficina artesanal. E com as mudanças econômicas, organizacionais e técnico-produtivas desencadeadas ao longo do tempo que possibilitou a expansão e modernização das empresas Rohden. Sob o aspecto da geografia industrial e econômica percebeu-se a dinâmica dos processos industriais: origem, desenvolvimento, ampliação de tecnologias, divisão do trabalho e outros. Assim sendo, verificou-se o dinamismo das empresas ao demonstrar condições básicas para inserirem-se e permanecerem no mercado externo. Todo este processo particular (das empresas) influenciou na organização e reconfiguração do espaço urbano municipal, além de contribuir para o desenvolvimento econômico e social local, em determinados momentos históricos.

Palavras-chave: Industrialização, geoeconomia, configuração espacial.

ABSTRACT

This study intended to understand how occurred the the process of industrialization in the Saleté's town in Santa Catarina. The town was colonized by Germans and Italians about decades of 20 and 30 (last century), with support from Bertoli's

Colonizer Business. Salete's town, since fundation, showed a industrial process based in small mercantil production. Family's Rohden utilized the phisical local characteristic, principally weith wood's exploration to accumulate capital and instal a small and manufacture workshop. And, with the economic changes, organizationaes and tecnicl-productives broked out by the times that possibilited na expansion and modernization of Rohden's Business. Sub the industrial geography's aspect and economic, noted the dinamics of industrial processes: origin, development, technologies' ampliacion, work's division and others. In such case, verified the business' to insert it selves and to continue at extern market. All this particular process (business) influenciated in the organization and reconfiguration of Salete's urban area, over there to contribute to the economic and social development of the town in some historic moments.

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre desenvolvimento econômico enfatizam a dinâmica do crescimento relacionado ao processo de industrialização. De modo, que alguns segmentos da indústria brasileira têm experimentado mudanças significativas em sua base produtiva e uma rapidez muito grande em se adaptar às condições de abertura comercial da economia, recorrendo à modernização tecnológica, procurando terceirizar etapas do processo produtivo, como forma de reduzir os custos para enfrentar a concorrência, geralmente externa.

Tendo em vista, que o tema da indústria é uma linha de pesquisa geográfica, que junto com a economia¹ relaciona a distribuição espacial das atividades produtivas, pois esta se configura como um elemento importante para o desenvolvimento sócio-econômico ao proporcionar a compreensão das mudanças e da reestruturação que ocorreram historicamente. E, também, observando mais especificamente os elementos que compõem a dinâmica dos processos industriais, desde a organização espacial das indústrias às suas relações sociais, tendo em vista as transformações da organização da produção, a evolução das forças produtivas e as alterações no processo de trabalho.

Este trabalho propôs conhecer como ocorreu o processo de industrialização no município de Salete - SC, a partir de 1922, que é ressaltado em 1933, com a chegada da família Rohden. Anteriormente, chamado de Ribeirão Grande, Salete, nasceu da expansão da colonização, principalmente européia -

¹ Neste sentido, a abordagem econômica se ocupa também em analisar as diversas formas no que se refere à função das empresas, buscando ponderá-las a partir de modelos de expansão e valorização do capital.

alemães e italianos – oriundos, respectivamente, da região Sul e do Médio Vale do Itajaí, Estado de Santa Catarina. Apresentou um processo industrial desenvolvido mais significativamente com a atuação da família Rohden, que através da pequena produção mercantil proporcionou avanços significativos no desenvolvimento do setor industrial, inicialmente local, com o auxílio dos padres católicos na aquisição e comercialização dos primeiros produtos.

Nesta pesquisa buscaram-se respostas para as freqüentes questões surgidas, com os estudos realizados anteriormente (Trabalho de Conclusão de Curso), que foi a força motriz para dar continuidade na pesquisa do fenômeno “industrialização no município de Saleté”. De modo que, o local escolhido pode proporcionar o entendimento das múltiplas determinações que se configuram na organização espacial e suas relações em determinados momentos históricos, percebidos através do conceito de formação social a apreensão da sucessão de modos de produção na sua complexidade sobre o local.

Para melhor compreender o processo, viu-se necessidade do estudo, baseado metodologicamente na categoria de formação sócio-espacial, que permitiu a compreensão da organização e configuração do espaço e do desenvolvimento sócio-econômico local, baseado no contexto mundial, nacional e regional.

Assim sendo, o fenômeno “industrialização”, faz parte de uma linha de pesquisa geográfica que ultimamente vem sendo difundida entre os geógrafos, por entender que o desenvolvimento industrial afeta a relação homem-natureza, enfatizando o aparecimento, a reconfiguração e/ou a revitalização das formas,

causando alterações nas de relações de produção e de trabalho na atividade industrial.

Como exemplo das alterações percebe-se que no início dos anos 70 a maioria dos ramos e setores produtivos considerava como padrão a utilização de mão-de-obra regularmente empregada na fábrica e participando de todas as etapas produtivas. Atualmente, os modos alternativos de reestruturação das relações de produção e do trabalho têm sido flexíveis, dos quais pode-se mencionar, a desintegração vertical e horizontal, contratação temporária, divisão do trabalho, e outros. Portanto, as alterações ocorridas na organização da produção industrial representam, parcialmente, as mudanças econômicas, organizacionais e técnico-produtivas que tem afetado a indústria.

O município de Salete adquiriu características industriais importantes, principalmente para o desenvolvimento econômico local. Por exemplo, em 1998 o conjunto industrial de Salete era constituído de 24 empresas/indústrias que compreendiam 1.082 empregados, dentre estas se destacaram três empresas pertencentes à família Rohden (Rohden S.A., Rohden Artefatos de Madeira Ltda. e Marroh Confeções Ltda.) que possuíam 964 empregados.

Considerando-se a importância do desenvolvimento econômico, social e espacial para o município, vê-se a pertinência da apreensão dos processos industriais, por meio da compreensão das características dos elementos que compõe o fenômeno, no intuito de conhecer o desenvolvimento industrial ocorrido no município de Salete.

Do ponto de vista da geografia industrial e econômica percebe-se a dinâmica dos processos que ocorrem nas empresas Rohden, baseado nos

estudos dos elementos, tais como: origem, desenvolvimento, aplicação de tecnologias, estrutura interna, inserção e atuação no mercado, práticas organizacionais, processos de produção, estratégias de competição, relações sociais, e outros; obterão-se-á condições básicas para conhecer as múltiplas determinações presentes no desenvolvimento industrial de Salete.

Na busca da interpretação destes elementos, certamente, a pesquisa visou contribuir tanto no plano teórico, quanto no plano prático, baseado no conceito de formação sócio-espacial. Em que, se pretendeu estabelecer uma fusão entre o plano teórico e o plano prático, a fim de obter a compreensão do fenômeno e dar uma pequena contribuição à ciência geográfica.

Ao procurar compreender o fenômeno industrial deparou-se com a seguinte questão: entender o conflito das múltiplas determinações, que se estabeleceram entre o contexto sócio-espacial e o arranjo sistêmico dos elementos que compõem as indústrias, refletindo na organização da estrutura interna e nas estratégias competitivas adotadas. Partindo, do princípio, de que a estrutura interna das indústrias, em certo sentido, absorve e reflete as forças oriundas do contexto (local, regional, nacional e mundial) em que está inserida. Portanto, neste trabalho, foi preciso considerar, também, que as estruturas internas das empresas Rohden, se expressam pela luta e interação entre o velho e o novo, o que, também, implica que múltiplas forças da estrutura interna contribuíram para a organização do próprio contexto em suas múltiplas escalas.

Mas há outras questões que diante da dinâmica dos processos industriais são indispensáveis para a elucidação do desenvolvimento industrial sucedido no município de Salete, como: 1) Ao tentar apreender as transformações ocorridas,

que se refletem basicamente na organização da produção, nos processos de trabalho, nos mercados de trabalho e nos mercados de produção, de modo que a dinâmica dos processos nos remete à busca de dados que possibilitem entender como ocorreu o desenvolvimento industrial no município de Salete, principalmente a partir da instalação da família Rohden?

2) No decorrer do desenvolvimento das indústrias, principalmente às pertencentes à família Rohden alguns elementos e atores (endógenos e exógenos) influenciaram na dinâmica dos processos industriais. Ao passo que, alguns aspectos foram mencionados, porém faz-se necessidade de através das pesquisas bibliográfica e de campo encontrar subsídios para elucidar a seguinte questão: diante da dinâmica dos processos industriais, quais as múltiplas determinações que propiciaram o desenvolvimento das empresas Rohden no município de Salete?

3) Considerando que desde a primeira divisão, das empresas Rohden (matriz e filial), as relações comerciais e de serviços, no âmbito da organização interna: produção, divisão do trabalho, comercialização entre outros, não se desvincularam, como acontece na maioria dos casos de divisão das empresas. Portanto, este fato leva a um questionamento inicial de como ocorreu esta interrelação entre as empresas Rohden, uma vez que atuam em setores diferenciados (têxtil, moveleiro e metal-mecânico)?

4) A importância do setor industrial, presente na região do Vale do Itajaí, acarreta questionamentos no intuito de identificar quais as estratégias utilizadas pelas empresas Rohden, que se destacam no desenvolvimento econômico e social da região e nos cenários nacionais e internacionais?

O trabalho teve como objetivo principal analisar o desenvolvimento industrial ocorrido no município de Saleté-SC, no período de 1922 a 2001, mais especificamente a partir da instalação da família Rohden, em 1933; baseado metodologicamente no conceito de formação sócio-espacial.

Utilizou-se, para tanto, de alguns objetivos específicos que orientaram a pesquisa na identificação dos elementos e atores que proporcionaram o desenvolvimento industrial local:

1. Caracterização do processo de industrialização no município de Saleté, bem como a forma de organização espacial das indústrias procurando identificar as mudanças e a reestruturação industrial;
2. Localizou-se no setor industrial as múltiplas determinações que possibilitam o desenvolvimento econômico, social e espacial, do município de Saleté e das empresas Rohden;
3. Análise das empresas Rohden diante da dinâmica dos processos industriais, tais como: origem, desenvolvimento tecnológico, relações de trabalho, mercado, dentre outros;
4. Identificação da origem do capital aplicado nas empresas Rohden, os atores sociais presentes no processo, bem como as estratégias competitivas desenvolvidas;
5. A verificação da importância do setor industrial do município de Saleté, principalmente, das empresas Rohden, no desenvolvimento econômico e social da região do Vale do Itajaí.

As hipóteses, aqui apresentadas, foram propostas como possíveis respostas aos problemas mencionados, nesta pesquisa. Considerou-se

importante para o desenvolvimento do trabalho que as hipóteses relacionadas pudessem auxiliar na busca de respostas das inquietações e possibilitassem o avanço da pesquisa. Assim, foram relacionadas três hipóteses:

1. Diante dos múltiplos elementos que permitiram o desenvolvimento sócio-econômico do município de Salete-SC, podem-se designar as condições naturais, principalmente com a disponibilidade de madeiras, como o fator mais importante no desenvolvimento das empresas Rohden. Portanto, neste caso, admite-se que as condições naturais determinaram o desenvolvimento local;
2. A chave para o desenvolvimento econômico, conforme Joseph Schumpeter, resulta de três categorias de fatores: fatores externos, fatores de crescimento gradual e inovação tecnológica. De maneira que a inovação tecnológica foi o determinante da evolução econômica, atuando contínua e descontinuamente e impulsionando o desenvolvimento das indústrias;
3. Considerar que a abertura comercial ocorrida na década de 90 influenciou diretamente as empresas Rohden, modificando os processos industriais como fator propulsor para expansão das indústrias por meio da reestruturação interna em decorrência da aplicação do sistema de produção flexível. Tendo a capacidade de alterar a configuração dos processos e dos produtos com grande rapidez e ajustar a produção sem qualquer prejuízo, proporcionando um giro mais rápido do capital.

O método utilizado, nesta pesquisa, é essencialmente histórico, no qual o materialismo histórico e dialético possibilitou analisar a realidade econômica do município de Salete como um processo. A pesquisa partiu do pressuposto de que é necessário conhecer os condicionantes históricos que determinam a situação

atual, bem como conduzem, em parte, o comportamento das empresas Rohden no futuro. Considera-se que os problemas locais apresentam características e especificidades que requerem, portanto, a construção de um diagnóstico dentro da realidade. De tal modo, que a adoção da metodologia da pesquisa implicou no conhecimento dos agentes/atores da evolução histórica.

No intuito de atender aos objetivos propostos à pesquisa foi estruturada a partir da concretização de algumas etapas de trabalho. De modo que, o transcurso da pesquisa possibilitou a compreensão do fenômeno a ser estudado e aqui exposto, no sentido de responder a questionamentos e permitir o aprofundamento dos conhecimentos embasado no método materialista dialético.

Na primeira etapa realizou-se pesquisa bibliográfica e análise documental com a finalidade de coletar dados históricos e estatísticos do município de Salete, no que se refere aos aspectos físico-geográficos, demográficos, urbanísticos e históricos da cidade, e também as atividades econômicas, infra-estrutura e organização social. Além disso, coletaram-se dados históricos e econômicos das indústrias pertencentes à família Rohden, a fim de compreender a dinâmica do processo industrial que levou à acumulação de capital, o que permitiu a expansão das indústrias. Os dados, que foram coletados nesta etapa, possibilitaram a apreensão da inserção do município de Salete e das empresas Rohden no desenvolvimento industrial em todas as escalas (regional, estadual, nacional e mundial).

Na segunda etapa a execução da pesquisa de campo, onde foi utilizada a entrevista como recurso a fim de detectar a história e as transformações sócio-econômicas ocorrida nas empresas Rohden. Acredita-se que este recurso foi de

grande proficuidade, e sua viabilidade se assenta no fato de que as indústrias em questão possuem escassos materiais bibliográficos. As entrevistas tiveram como público alvo os fundadores da indústria, a família Rohden e alguns funcionários.

A última etapa consiste na análise e organização dos dados, na qual foi desenvolvida a tabulação dos dados e interpretação do material coletado através das entrevistas e dos órgãos públicos e privados já mencionados. Ao final desta etapa as questões e as hipóteses levantadas puderam ser respondidas.

Portanto, ao longo do trabalho, se apresenta as concepções e as principais características da área, em questão, fortalecidas na convicção do conceito de formação social, dado pela interpretação do método dialético. Na qual a análise espacial proporcionou a compreensão das relações entre atores locais e o meio configuram o município de Saleté.

Logo, o trabalho está organizado em quatro capítulos, sendo que o primeiro capítulo, direciona-se à revisão teórica de manifestações referentes ao tema indústria, concepções de formação social e de ciclos econômicos, e principais características do desenvolvimento industrial em três escalas: nacional, regional e local, permeadas pela escala mundial. No qual destaca-se a industrialização brasileira, catarinense e do Vale do Itajaí, mostrando a múltipla interdependência. Assim, para a introdução aos elementos geográficos da estrutura e da organização industrial, foram avaliadas as formas sociais e as transformações no espaço geográfico local, baseadas no uso que o homem faz do espaço em determinados momentos.

O segundo capítulo, trata do processo de ocupação e a gênese do capital nos três principais setores econômicos (agricultura, comércio e indústria) do

município de Salete. A colonização e o desenvolvimento do município influenciado pela cultura local proporcionou a inter-relação dos setores, a fim de consolidar as atividades econômicas.

A seguir, no terceiro capítulo, é apresentada a estrutura organizacional/operacional, através da caracterização da matéria-prima, mão-de-obra, maquinário e tecnologia e mercado. Bem como, os processos e resultados da trajetória econômica das Empresas Rohden, mostrando as singularidades das empresas, quando confrontada com o desenvolvimento industrial local. Também, são abordadas, as gêneses e as evoluções das empresas Rohden, sua origem, diversificação e consolidação.

O último capítulo refere-se à organização e reconfiguração espacial das indústrias, que refletem na composição do espaço urbano e rural. Inferindo novas características concomitantemente às antigas estruturas locais, que ordenam o território. Igualmente é exposto a relações sociais existentes na composição da estrutura, bem como nas relações de residência-trabalho.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

A indústria é um setor econômico importante por causa da interdependência econômica e social, que suscita o desenvolvimento de muitas atividades, pois capta mão-de-obra, produz capitais e envolve múltiplos agentes/atores dos setores primário, secundário e terciário.

Há algum tempo que a Geografia aborda o tema da indústria, juntamente com a economia, relacionando a distribuição espacial das atividades produtivas. Levando em consideração as diferenças entre indústrias, tais como: técnicas disponíveis, condições de trabalho, tamanho e organização das firmas individuais, economia e aspectos sociais em função da localização.

Antes de pensar em na questão da indústria faz-se necessário enfatizar a relação entre espaço e tempo, que por muitas décadas os geógrafos se preocuparam com referência ao espaço, manifestado na confecção de mapas com a localização dos pontos principais da superfície terrestre. Em tempos modernos a realidade espacial, vai além, compreendem na sua totalidade um conjunto de elementos complexos em processos e contradições, decorrentes da história materializada no espaço geográfico.

Conseqüentemente, pode-se dizer que o espaço é a própria sociedade pelo fato que a história dos homens produz e reproduz sua existência por intermédio do processo do trabalho. Assim, de acordo com Barrios (1986: 4):

As formas sociais, em sua evolução, passam de uma situação de simples ocupação e aproveitamento do espaço (adaptação passiva) para uma situação de transformação cada vez mais ampla e profunda desse espaço (adaptação ativa). Essa transformação compreende não apenas a produção de bens materiais, como também a adequação do meio

ambiente circundante às necessidades individuais familiares, comunitárias e das formações sociais em seu conjunto.

Todavia, o paradigma tempo-espaço, visto como um instrumento de análise oferece condições de estudo dos cenários geoeconômicos de uma sociedade por destacar a importância do papel do lugar, que embora é construído por singularidades, faz parte da configuração da espacialidade econômica mundial. Pois, há uma "(...) multiplicidade de ações fazendo parte do espaço um campo de forças multicomplexo, graças à individualização e especialização minuciosa dos elementos do espaço" (SANTOS, 1996: 252).

Destarte, o espaço geográfico deve ser concebido como um produto histórico e social das relações que se estabelecem entre a sociedade e o meio, ou seja, essas relações são de trabalho dentro do processo produtivo da sociedade. Com isso, pode-se dizer que a construção do espaço se faz distintamente em todos os lugares, onde cada qual tem sua especificidade resultante das relações sociais que se deram no decorrer do tempo (historicamente).

Para Santos² (1992: 52), o espaço se define como um conjunto de formas representativas das relações sociais do passado e do presente, e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo e que se manifestam através de processos e funções. No qual, as diferentes concepções de como o homem organiza sua sociedade no espaço, bem como as mudanças ao longo do tempo, vistas dialeticamente entre forma, função, estrutura e

² Para Milton Santos o espaço geográfico é um "conjunto indissociável de sistemas de objetos naturais ou fabricados e de sistemas de ações, deliberadas ou não" (1994: 49).

processo, que constituem as categorias de análise da organização espacial em sua totalidade social.

Deste modo, entende-se como forma a exterioridade visível de um objeto (a aparência), em que, o arranjo sistêmico, assume uma configuração espacial, ou seja, refere-se à materialização das relações sociais e a organização dinâmica da sociedade. Por sua vez, a função implica em uma atividade a ser desempenhado pelo objeto materializado (a essência). Ponderando a realidade social e a sua natureza histórica, a estrutura consiste na característica social e econômica de uma sociedade em um determinado momento histórico. Enquanto que, processo é definido como uma ação que se realiza continuamente, visando um resultado qualquer, implicando tempo e modificação. Em suma, “a totalidade social se exprime por meio de processos diversificados, que se desdobram por meio de funções que, por sua vez, se realizam por meio das formas espaciais” (SANTOS, 1992: 57).

O espaço, então, é um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual, daí porque a evolução espacial não se faz de forma idêntica em todos os lugares. Sendo assim, o espaço é um conjunto de objetos e ações que variam conforme o tempo, ou seja, de acordo com o momento histórico. Segundo Santos (1992: 53):

Quando se estuda a organização espacial, estes conceitos [forma, estrutura, função e processo] são necessários para explicar como o espaço social está estruturado, como os homens organizam sua sociedade no espaço e como a concepção e o uso que o homem faz do espaço sofrem mudanças.

A partir das transformações sócio-econômicas dos séculos XV e XVI, o espaço geográfico passou a ter maior abrangência mundial. Onde a organização

espacial variou com o papel diferenciado que ocuparam as colônias, as metrópoles e outras regiões do globo com maior ou menor grau de integração ao sistema econômico. Porém, a mais profunda transformação espacial ocorreu com a introdução da indústria na Inglaterra, no século XVIII, resultando em profundas mutações na ordem econômica, social e espacial.

Para Mamigonian³ (1982: 38): “A maciça expropriação de camponeses independentes, a acumulação interna e externa, a abertura de mercados mundiais (séc. XVI e XVIII), permitiu ao capitalismo inglês realizar a revolução industrial, isto é a substituição do trabalho manual pela máquina”. Resultando em uma nova configuração espacial e profundas alterações no sistema produtivo.

A industrialização não provocou mudanças apenas na forma de produção, mas direcionou toda a configuração do espaço atual, modificou as relações sociais e territoriais, difundiu a cultura e a técnica, aprofundou a competição entre os povos, concentrou a população no espaço e provocou o crescimento cada vez maior das cidades. Com a invenção da máquina a vapor e sua incorporação à produção industrial, os trabalhadores eram obrigados a trabalhar conforme o ritmo das máquinas de maneira padronizada.

No decorrer do tempo, a indústria evoluiu da fase artesanal para a fase manufatureira e para a maquinofatura ou fase industrial propriamente dita. Todavia, esta evolução não se deu de forma linear. A partir da noção de formação social (abordada no item 1.1) é possível perceber os contrastes entre os

³ Armen Mamigonian, pesquisador de base marxista e profundo conhecedor das obras de Ignácio Rangel, contribuiu para o avanço dos estudos catarinenses através da análise da formação social e dos ciclos econômicos.

lugares, e conseqüentemente, entre as indústrias. Portanto, as fases não desaparecem repentinamente.

Na fase artesanal as unidades de produção eram pequenas empresas familiares, onde todas as pessoas da família produziam seus instrumentos, utensílios e objetos, realizavam todas as etapas da produção e até a comercialização dos produtos. Não havia especialização profissional, divisão do trabalho e nem o emprego de máquinas, somente de ferramentas simples. Em que o artesão trabalhava livremente, em sua própria casa (que também era sua fábrica), com suas ferramentas e às vezes com o auxílio da família. De acordo com Iglesias (1992:8) esta fase "... é a mais rudimentar, produz em pequena escala, para atender as exigências de povos reduzidos, vivendo em pequenas tribos".

À medida que o consumo aumenta surge a manufatura, que corresponde ao estágio intermediário entre o artesanato e a grande indústria. Nesta fase já ocorria a divisão do trabalho, mas a produção ainda dependia fundamentalmente do trabalho manual, embora já houvesse emprego de máquinas simples. O artesão é transformado em assalariado, deixando de ser responsável por todas as etapas da produção. E era ajudado por dois ou três operários, além do auxílio da família, Portanto, há uma pessoa que detém o capital e os meios de produção. Segundo Mamigonian (1982: 38): "como todos os modos de produção pré-industriais, a manufatura foi muito conservadora, os processos técnicos eram raríssimos e dependiam da habilidade do trabalhador qualificado ou do gênio inventor".

A fase industrial pode ser caracterizada pelo emprego maciço de máquinas e fontes de energia modernas (carvão mineral, petróleo), produção em larga escala, grande divisão e especialização do trabalho. Em muitos casos, a divisão do trabalho é tão grande ou específica que o trabalhador perde a noção do todo ou do produto final. Em outros casos, a modernização é tão avançada que a mão-de-obra é praticamente inexistente, sendo a produção quase totalmente realizada por robôs.

A divisão do trabalho, que pode ser considerada como uma inovação de processo à época, por impulsionar três grandes fatores: a criação de maquinário especializado para desenvolver etapas específicas do processo; o aumento da produtividade impulsionado, principalmente, pelo aprendizado dos operários (ampliação da destreza possibilitada pela continuidade de tarefas e movimentos); e a especialização da mão-de-obra, onde cada indivíduo passava a compreender com destreza a sua atividade, ou grupo de atividades, dentro do processo produtivo.

Para Mantoux (1957: 19), “... dois grandes fatos elementares, estreitamente ligados, e que se transformam conjuntamente, indefinidamente invariados em suas conseqüências e sempre idênticos em seu princípio, dominam toda essa evolução: a troca e a divisão do trabalho”. Em que, a troca implica na compra da força de trabalho e conseqüentemente, este se torna uma mercadoria.

Karl Marx considera a divisão do trabalho como condição necessária para a produção de mercadorias. Onde o valor da força do trabalho é avaliado (como a

de qualquer outra mercadoria) pelo tempo da força de trabalho dispensada na produção ou na reprodução. No qual,

(...) o trabalho e os produtos (...) entram na engrenagem social como serviços e pagamentos in natura (...). Portanto, com quer que se julguem as máscaras que os homens ao se defrontarem aqui, vestem, as relações sociais entre as pessoas em seus trabalhos aparecem em qualquer caso como suas próprias relações pessoais, e não são disfarçadas em relações sociais das coisas, dos produtos de trabalho (MARX, 2001: 74).

Inicialmente à atividade industrial fazia-se necessária à acumulação, nas mãos do capitalista, de uma quantidade de capital e de meios de produção, a existência de concentração de trabalhadores dispostos a vender sua força de trabalho⁴ e um mercado consumidor (os capitalistas). Esta pode ser considerada uma estratégia de controle sobre os pagamentos efetuada a mão-de-obra empregada no processo produtivo, visando obter mais valia e domínio sobre aplicação de capital por parte do capitalista.

De acordo com Mamigonian (1982: 39): “com a mecanização, a ciência assumiu a feição de força produtiva, separada do trabalho e posta a serviço do capital”. O que importa ao capital é a força produtiva e o controle do trabalho, por isso o capitalismo nasce destruindo a pequena produção artesanal para concentrar a produção e os homens na manufatura que mais tarde darão lugar à grande indústria.

⁴ Karl Marx, em O Capital (2001: 251), descreve a transformação das forças produtivas: “Como pessoas independentes, os trabalhadores são indivíduos que entram em relação com o mesmo capital, mas não entre si. Sua cooperação começa só no processo de trabalho, mas no processo de trabalho eles deixaram de pertencer a si mesmos. Com a entrada no mesmo eles são incorporados ao capital. Como cooperadores, como membros de um organismo que trabalha, eles não são mais do que um modo específico de existência do capital. A força produtiva que o trabalhador desenvolve como trabalhador social é, portanto, força produtiva do capital”.

Silva (1986: 33), menciona que “os modos de produção têm sua evolução ligada ao desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção existentes. As forças produtivas não têm um desenvolvimento uniforme no espaço. Esse desenvolvimento é desigual, mas isso varia com o modo de produção”. Portanto, o modo de produção caracteriza-se pela forma que reveste as relações entre as classes no trabalho. Quando as forças produtivas se desenvolvem torna-se possível produzir excedentes econômicos, os quais poderão gerar diferenciações: uma classe de homens pode obrigar outra classe a trabalhar em seu proveito (os detentores dos meios de produção - capitalista, e o proletariado – operário). Então, estabelece-se nova relação de produção fundamentada na divisão do trabalho.

Todavia, “à medida que a indústria foi descobrindo que a ciência podia ser cada vez mais uma força produtiva, foi submetendo a produção de conhecimentos científicos à mesma divisão do trabalho a que estava sujeita a produção de qualquer outra mercadoria” (MAMIGONIAN, 1982: 39).

Milton Santos (1996), denomina de meio técnico-científico a relação da ciência, das técnicas e da informação, que em um momento histórico se materializa no espaço. Assim,

Esse meio técnico-científico (melhor será chamá-lo de meio técnico-científico-informacional) é marcado pela presença da ciência e da técnica nos processos de remodelação do território essenciais às produções hegemônicas, que necessitam desse novo meio geográfico para sua realização. A informação em todas as suas formas, é o motor fundamental do processo social e o território é, também equipado para facilitar a sua circulação (SANTOS, 1996: 35).

Para Santos (1988: 89), "o homem vai impondo à natureza suas próprias formas, a que se pode chamar de formas ou objetos culturais, artificiais, históricos". Estes objetos culturais fazem com que,

A natureza conheça um processo de humanização cada vez maior, ganhando a cada passo elementos que são resultado da cultura. Torna-se cada dia mais culturalizada, mais artificializada, mais humanizada. O processo de culturalização da natureza torna-se, cada vez mais, o processo de sua tecnificação. As técnicas, mais e mais, vão incorporando-se à natureza e esta fica cada vez mais socializada, pois é, a cada dia mais, o resultado do trabalho de um maior número de pessoas (SANTOS, 1988: 89).

Dentro das fábricas mudanças importantes aconteceram: a produtividade e a capacidade de produzir aumentaram rapidamente, aprofundou-se a divisão do trabalho e cresceu a produção em série, com a introdução de novas tecnologias e novas fontes de energia no processo produtivo. É importante ressaltar que a industrialização se efetivou a partir da ampliação da circulação de matérias-primas, do surgimento de pessoas e fábricas acumuladoras de capital que antes provinham da exploração de terras.

Assim, a organização da produção e do trabalho reconfigurou e reorganizou o espaço geográfico (as fábricas cresceram, as cidades atraíram mão-de-obra e capitais, surgiram bairros residenciais e distritos industriais, intensificou-se o comércio, os transportes, as comunicações, as atividades culturais e de lazer, cresceram as unidades e centros de pesquisa e tecnologia), com a inserção de máquinas cada vez mais sofisticadas, que utilizam menos esforço humano e físico, e menos investimentos em ferramentas para desenvolver o produto.

Esse processo de organização vem transformando os espaços à medida que ocorre a redistribuição geográfica dos investimentos de capital e da força de trabalho.

Contudo, pode dizer que os lugares assumem uma função importante na definição das estratégias, pela localização, pelas vantagens oferecidas, pela logística instalada e pela infra-estrutura, o que possibilita a realização de operações produtivas e fluxos com maior eficiência e menor custo. Hoje, a empresa está vinculada à grande organização e a localização da indústria, apresentando uma grande flexibilidade e facilidade de redistribuição espacial segundo as necessidades do momento.

1.1. A FORMAÇÃO SOCIAL

Milton Santos (1977), menciona a categoria de Formação Econômica e Social (FES⁵) no texto *Sociedade e Espaço: formação sócio-espacial como teoria e como método*, parte do pressuposto de que o espaço geográfico aparece como uma condição às relações de produção social. Na qual a formação social é uma superposição de formas criadas pela sucessão de modos de produção, na sua complexidade sobre o lugar. Esta noção compreende uma estrutura técnica produtiva dada pela distribuição da atividade de produção, capaz de atender a

⁵ A categoria de Formação Econômica e Social (FSE), de orientação marxista, refere-se ao desenvolvimento particular, historicamente diferenciado, de uma sociedade determinada, que resulta da ação das forças externas e internas. Mas não exclui a categoria de Modo de Produção da análise, pois as características do modo de produção (relações de produção, forças produtivas, formas de propriedade), são fundamentais na compreensão das diferentes relações que se estabelecem em um dado lugar.

configuração territorial e os modos de produção, de uma sociedade historicamente espacialmente determinada.

As diferentes dimensões da sociedade (política, ideológica, econômica, social e cultural) constituem uma totalidade concreta que se materializa em um espaço-temporalidade, ou seja, é composto pelo espaço e pelo tempo, o que lhe confere a singularidade. O processo de concretização desta totalidade expressa continuidades e descontinuidades em uma unidade, com existência, atributos e características específicas de uma sociedade (SANTOS, 1977).

Toda realidade concreta é particular e em cada particularidade está presente todo o Universo. (...) Comerciantes, industriais, banqueiros, operários, camponeses, todos aprendem, pela experiência própria, sedimentada preliminarmente generalizada em bom-senso, a orientar-se no seu interior, a perseguir e conquistar um lugar dentro dela. Isso significa que a interação de todos aqueles conjuntos de leis não resulta em caos, em reinado do acaso, mas em comportamentos estáveis e racionais que devem ser sistematizados e explicados (...) (RANGEL⁶, 1957: 25).

Todavia, a concepção de FES expressa o processo de formação das configurações espaciais em dado lugar e tempo, levando em consideração a relação entre forma e conteúdo no que se refere à realidade sócio-espacial. Se as FESs compreendem uma estrutura produtiva e uma estrutura técnica, isto implica na constituição de arranjos espaciais cuja organização (e ordenamento) é própria a cada FES, dando origem à diferenciação entre lugares (SANTOS, 1977).

As formas espaciais são conseqüências das necessidades (externas e internas) de cada FES que atribuiriam conteúdos - novos, velhos, renovados - a

⁶ Ignácio Rangel analisou a concepção do desenvolvimento econômico e político do Brasil apoiada em duas idéias-chave: os ciclos longos e a "dualidade básica", influenciado pelas teorias marxistas, schumpeterianas e keynesianas. Estudou a realidade econômica como processo histórico, dimensionando as tendências e contra-tendências, os ciclos econômicos e a dualidade básica da economia brasileira.

estas formas - novas, renovadas, adaptadas - necessariamente entendidas como verdadeiras formas-conteúdo "(...) subordinadas, e até determinadas, pelo modo de produção tal como ele se realiza na e pela formação social" (SANTOS: 1977: 90).

Para Corrêa (1995: 26),

O mérito do conceito de formação sócio-espacial, ou simplesmente formação espacial, reside no fato de se explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade.

Outra forma de análise da concepção de espaço está assentada na vertente do espaço quanto socialmente produzido, no se materializam as relações sociais capitalistas de acordo com as características de determinado lugar.

Considerando, o espaço quanto produto social advindo da materialização das relações sociais segundo determinações próprias dos lugares, deve-se analisar a sociedade de acordo com a sua configuração espacial, dentro da estrutura socialmente criada. Daí a importância da categoria de formação social na compreensão das múltiplas determinações, específicas de cada lugar, que conseqüentemente, através da materialização das relações sociais configuram a organização espacial.

Mais um elemento a ser apreciado nessa análise refere-se à unidade de tempo que expressa a materialização e é percebido pela historicidade diferencial dos lugares. Ou seja, confere a materialidade e a espacialidade social em um dado tempo (continuidade e simultaneidade de momentos históricos).

Assim,

Toda formação social, como todo modo de produção, compõem-se de uma estrutura econômica, uma estrutura jurídico-política (ou institucional) e uma estrutura ideológica. Entretanto (...) o seu desenvolvimento raramente é sincronizado, ou seja, nem sempre elas evoluem na mesma direção ou à mesma velocidade. (...) A evolução não sincronizada das estruturas que compõem a formação social tem papel importante no seu desenvolvimento. É exatamente essa defasagem a responsável por alterações importantes na organização social, por transformações na divisão social do trabalho. A evolução mais rápida de uma das estruturas, por exemplo, pode levar ao aparecimento de novas funções a serem desempenhadas pela sociedade sem que haja, de início, grandes modificações nas demais estruturas. Com o tempo, entretanto, as contradições irão se acumular, e esse grau de defasagem terá que ser ajustado. Passa-se então, de um momento de organização social para outro. (...) Novas funções aparecem, novos atores entram no cenário, novas formas são criadas e formas antigas são transformadas (ABREU, 1988: 16).

Tendo em vista que o conceito de modo de produção permite pensar de forma totalmente social, uma vez que é constituída por três estruturas: econômica, jurídica-política e ideológica. Desta forma, o modo de produção manifesta-se pela luta e interação do novo sobre o velho, onde o novo modo de produção procura impor-se sobre o velho que resiste em parte às modificações. Cada combinação de formas espaciais e técnicas correspondentes constituem o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação. A função da forma espacial depende da sua redistribuição a cada momento histórico, ou seja, a noção de tempo espacial concebe a cada elemento características próprias ao momento de acordo com as relações sociais existentes. E a sucessão destas formas é a unidade da descontinuidade do processo histórico, entre o novo e o velho dados pelas relações sociais de produção.

Marx já havia apontado que uma formação social jamais desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam seu lugar antes que as

condições materiais de existência dessas relações tenham sido instaladas no próprio seio da velha sociedade. Nestes termos, durante muito tempo coexistem diferentes modos de produção. Para Rangel (1957: 26), diferentes economias ou diferentes relações de produção coexistem na economia brasileira e “não se justapõem mecanicamente, ao contrário, agem umas sobre as outras, acham-se em conflito, a ver qual imporá sua dinâmica específica ao sistema. Noutros termos, estão em unidade dialética, unidade de contrários”.

Vale ainda ressaltar a importância e constituição das formas em que,

As formas, entretanto não tem apenas uma aparência externa, mas também possuem um conteúdo, isto é, realizam uma função. E esta função é determinada exclusivamente pelo período atual de organização social. Formas morfológicas antigas podem, pois, ser chamadas a realizar funções totalmente distintas daquelas para as quais foram criadas; podem, inclusive, desaparecer, se assim, o determinar a dinâmica da organização social (...) (ABREU, 1988: 30-31).

Por conseguinte, a análise dos componentes – lugar, ação, poder - na organização, redefinição e gestão dos territórios, implica em uma nova categoria, caracterizada pela materialização da configuração da unidade espaço-tempo. Por isso,

A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica tem, pois uma existência material própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais (SANTOS: 1996: 51).

É no território que se materializa a formação sócio-espacial, possibilitando a compreensão da dialética entre rigidez e flexibilidade, “Neste sentido, o território é depósito de processos, sendo construído pelas outras dimensões da realidade

social e, ao mesmo tempo, surgindo como condição e causa de outros processos, fenômenos” (RIBEIRO, 1999: 7).

Assim sendo, o território pode ser considerado como uma das dimensões do espaço, juntamente com a região, a paisagem e o lugar. Aceito como componente da sociedade humana, no qual é o espaço construído pelas práticas espaciais e sociais de uma sociedade, remetendo-nos à relação tempo-espaço. “Assim como o poder é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade social - ao menos enquanto o homem também estiver presente” (SOUZA, 1995: 96).

Um território é produzido, ao mesmo tempo, por relações econômicas, no qual as relações de poder intrínsecas às relações sociais estão presentes em um campo de dominação e submissão, e de controle dos espaços econômico, político e cultural. Ou seja, o território é resultado do processo de apropriação e domínio de um espaço, em um campo de forças, no qual estão presentes as relações de poder econômico, político e cultural.

O território se concretiza quando se manifesta e exerce-se qualquer tipo de poder, das relações sociais. São as relações que dão o concreto ao abstrato, são as relações que fundamentam a existência do poder. Pois, toda relação social, econômica, política e cultural é marcada pelo poder, bem como são relações que os homens mantêm entre si. Se considerarmos que onde existem homens há relações, têm-se ao mesmo tempo territórios. E são estas relações que cristalizam o território e as múltiplas territorialidades.

O território é objetivado por relações sociais, materiais e ideológicas, o que implica a cristalização de uma territorialidade, ou de territorialidades, no

espaço, a partir das diferentes atividades cotidianas. O qual é formado desde pequenas habitações, pontes, estradas, plantações, até grandes empreendimentos públicos ou privados, que o consubstanciam constantemente a partir das relações que envolvem.

A territorialidade é o desenrolar de todas as atividades diárias que se efetivam, seja no espaço do trabalho, do lazer, na família e outros, como resultado e condição do processo de produção de cada território, de cada lugar. As relações são múltiplas, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social e, ao mesmo tempo, as relações de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço previamente definido.

De qualquer modo, as formas e objetos configuram-se no território de maneira temporal e espacialmente diferenciada (continuidade/descontinuidade). “A idéia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social” (Santos, 1996: 83).

Ou seja, a categoria de formação sócio-espacial é o instrumento da teoria geográfica que nos capacita entender (melhor que outros) esta articulação entre a configuração territorial e os modos de produção. Essa perspectiva reintroduz na Geografia a concepção totalizadora que amplia as possibilidades de análises ao considerar a relação entre os elementos naturais e humanos em suas múltiplas escalas (mundial, nacional, regional e local).

1.2. CICLOS ECONÔMICOS: MÉDIOS E LONGOS

Uma das características mais comuns no capitalismo é a incapacidade de manter um ritmo constante de atividades ao longo do tempo, ou seja, não há nenhum mecanismo que permita um grau uniforme de utilização dos recursos produtivos disponíveis, pelo fato das decisões econômicas serem tomadas separadamente pelas inúmeras unidades de produção e de consumo.

O ciclo econômico é uma categoria de análise macroeconômica da sociedade em seu conjunto. Na qual existem ciclos econômicos individuais de atividades isoladas, que são os ciclos específicos (por exemplo: o ciclo do café, ciclo da borracha, ciclo do ouro). E os ciclos econômicos que são determinados pela ação conjunta das atividades econômicas e se referem às variações da produção, da ocupação, em geral, são análises dos agregados econômicos mais importantes da atividade econômica nacional (por exemplo: ciclos longos e Kondratieff e ciclos médios de Juglar).

Em que,

A história do capitalismo pode dividir-se em dois períodos; no primeiro a inversão tende a gerar, ao longo das flutuações cíclicas ordinárias (ciclos de Juglar), mais procura efetiva do que oferta, com o resultado de que todo o sistema tende a expandir-se; no segundo, ao contrário, cada inversão tende a provocar, a longo prazo, mais oferta do que procura, perdendo o sistema a capacidade de reajustamento automático, uma vez que propende a imobilizar-se na depressão (RANGEL, 1957: 21).

Assim, o ciclo econômico é um fenômeno ondulatório e acumulativo. A seqüência de fases de expansão, recessos, contração e recuperação não apresentam ritmo fixo. Ou seja, são flutuações que se repetem ao longo do

tempo, cuja extensão é difícil de determinar com exatidão, pois são freqüentemente interrompidos. De modo que, os ciclos econômicos se apresentam de forma ondulatória e irregular, por ser influenciado pelas alterações econômicas.

Desta forma, o sistema capitalista vive fases de expansão e de depressão, isto é, apresenta diversas fases em ciclos de longa duração (Kondratieffs – 50 anos) e ciclos médios (Juglar – 10 anos).

Entre os precursores da teoria dos ciclos longos destaca-se o economista russo de base marxista, Nicolai Kondratieff⁷, que através de investigação científica, em 1780, classificou as ondas longas na economia com duração de 48 a 60 anos, como épocas do desenvolvimento do capitalismo. Essas alterações são decorrentes da reprodução de um padrão que se repete ao longo do tempo e que interligam a economia e a política, pois é proveniente de modificações técnicas, guerras, preços de mercadorias, taxas de inflação e outros.

Em estudos realizados na França, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha, Kondratieff observou características comuns na oscilação da economia, nestes, países, identificando quatro fases distintas, marcadas pela expansão (fase a) e pela depressão (fase b).

A fase de expansão econômica tem duração de aproximadamente 20-25 anos, na qual a reserva de capitais é aplicada em infra-estrutura visando o aumento da produção e a consolidação de novos projetos e tecnologias, gerando o aumento dos preços. Já a segunda fase é caracterizada pela recessão, em que

⁷ Fundador da teoria do Investimento de Capital que considera os ciclos longos no sistema capitalista como resultado dos investimentos e da depreciação em infra-estrutura, representando, assim, fases do desenvolvimento do capitalismo.

o excesso de capacidade produtiva instalada gera desequilíbrio entre as necessidades de mercado e a quantidade produzida, ou seja, há uma superprodução o que diminui a margem de lucro, gerando, então, o desemprego, aumentando a inflação, dentre outros. Assim,

Nas fases de expansão dos ciclos longos (1790-1815, 1848-1873, 1896-1921 e 1948-1973), o centro o sistema tem necessidade de mais matérias-primas, alimentos e mercados consumidores da periferia, tendo interesse em aprofundar a divisão internacional do trabalho, incorporar novos territórios, resultando em conjunturas de grandes investimentos, tanto no centro como na periferia. Nas fases de depressão dos ciclos longos (1815-1848, 1873-1896, 1921-1948 e 1973-1995), diminuindo o ritmo econômico do centro do sistema, vai ocorrendo uma contração das quantidades e dos preços das matérias-primas e alimentos produzidos na periferia. Como os recursos nas periferias estão voltados em parte ao atendimento do comércio internacional, sob a forma de terras, trabalhadores e capitais, eles entram em ociosidade parcial nessas fases depressivas, forçando a procura de utilizações rentáveis, levando a economia de alguns países periféricos a se concentrarem na produção de artigos tradicionalmente importados, isto é, na produção de substituição de importações (MAMIGONIAN, 1989: 83).

Rangel utilizou intensamente a teoria dos ciclos longos para compreender o processo de desenvolvimento brasileiro. As fases 'b' dos ciclos, quando a economia se desacelera, embora mantendo taxas positivas de crescimento, é sempre identificada com mudanças marcantes na história brasileira. Com efeito, "na fase 'b' do 1º. Kondratieff ocorreu a Independência; a 'b' do 2º. deu-se a Abolição-República; quanto à revolução de 30, que enquadraria institucionalmente a industrialização, foi, segundo todas as aparências, um incidente da fase 'b' do 3º. Kondratieff" (RANGEL, 1981: 19).

No caso brasileiro, a economia tem encontrado sempre meios e modos de ajustar-se ativamente à conjuntura implícita no ciclo longo. Em especial, confrontada com o fechamento do mercado externo para os nossos produtos resultante da conjuntura declinante dos países cênicos, temos reagido por uma forma qualquer de substituições de importações, ajustada ao nível de desenvolvimento de nossas forças produtivas e ao estado das nossas relações de produção.

Segundo Rangel, o processo de desenvolvimento econômico é visto como um processo cíclico, conduzido por ondas de inovação tecnológica e pelo processo de acumulação de capital. A dinâmica cíclica ocorre porque, “a certa altura, em seguida a um período de intensa renovação do capital fixo, passam a preponderar às forças propendentes para a preservação dos capitais recém-criados, e a capacidade instalada encontra os limites do mercado” (RANGEL, 1981: 21).

Na fase expansiva o sistema conta com amplas reservas de recursos (mão-de-obra desempregada, capacidade ociosa, terras não cultivadas) que resultaram da depressão anterior. A expansão da atividade permite a utilização crescente da capacidade em todos os setores, sendo que todos os ramos de produção estão interligados pela divisão do trabalho, de maneira que o aumento da atividade ocorre de forma sistemática, na transmissão entre os setores. Assim, nesta fase expansiva, à medida que aumenta a utilização da capacidade, eleva-se à taxa de lucro das empresas, gerando investimentos no próprio setor ou até em outros setores.

Nas fases de expansão dos ciclos longos o centro do sistema capitalista tem necessidade de mais matérias-primas, alimentos e mercado consumidor da periferia, tendo interesse em aprofundar a divisão internacional do trabalho, incorporando novos territórios e realizando mais investimentos, tanto no centro como na periferia (MAMIGONIAN, 2000: 18).

Já a fase depressiva, quando as taxas de lucro estão baixas, relaciona-se a períodos de grande desafio para a retomada da lucratividade, através de inovações, que transformaram a tecnologia, ou seja, a renovação tecnológica que

permite investimentos maciços. Mamigonian (1999: 155) assinala que “os períodos depressivos (vivemos num deles de 1973-1996) correspondem a mudanças profundas de conjunturas econômicas, políticas, sociais e espaciais”.

A geração dos movimentos cíclicos médios (juglarianos), é definida em consequência de expansões e contrações da atividade econômica de caráter recorrente e acumulativo, é intrínseca ao próprio desenvolvimento capitalista. Singer (1982: 8), aponta que:

(...) a necessidade das crises é dada pelo impulso de acumular, que depende apenas de indicadores de mercado - basicamente preços e custos - os quais tendem a se reforçar cumulativamente. Desta maneira, o crescimento da produção tende a acelerar-se até que sejam encontradas as barreiras físicas à expansão, contra as quais o impulso a acumular se choca, o que ocasiona a crise, a partir da qual os indicadores de mercado invertem seu sentido, levando ao decréscimo da acumulação, o que produz a depressão, ou quando moderada a recessão.

Para Rangel, a economia brasileira apresenta ciclos breves (Juglar-Marx ou ciclos médios) que têm uma duração variável, aproximadamente de 7-11 anos. E consiste na implantação de sucessivos grupos de atividades, isto é, dos setores em que é possível dividir o sistema econômico brasileiro: “começando pela indústria leve e empreendendo, depois, a indústria pesada e os serviços de infraestrutura. Em resumo, ao concluir-se a fase “a” de cada um de nossos ciclos endógenos, somos confrontados com dois “setores”; um, dotado de excesso de capacidade produtiva e, outro, retardatário, em relação ao sistema como um todo” (RANGEL, 1992: 6).

1.3. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

A industrialização brasileira entendida como um processo que envolve a produção de bens em unidades empresariais que utilizam a maquinofatura, apresentando um avanço progressivo da tecnologia e da divisão técnica do trabalho, a introdução de medidas organizacionais, o assalariamento, a formação de mão-de-obra, só teve início no Brasil no final do século XIX.

Um complexo de fatores interno e externo determinou e condicionou uma série de transformações na economia brasileira que a levaram pelo caminho da industrialização. Segundo Pereira (1984: 18): "Nossa indústria surgiu como um rebento da economia semicolonial, nas fissuras da atividade agrária".

Ignácio Rangel foi o primeiro a apontar que a industrialização brasileira deu origem a um modo de produção capitalista no interior da economia agro-exportadora. Em que, "a história do Brasil não retrata fielmente a história universal, especialmente a europeia, porque nessa evolução não é autônoma, não é produto exclusivo de suas forças internas" (RANGEL, 1957: 29).

Rangel aponta a coexistência dual de relações de produção capaz de organizar a produção à base da pequena exploração agrícola diferentemente das relações de produção existentes na Europa. A dualidade aparece na existência de dois "pólos" (interno e externo) com seus dois lados (interno e externo). No pólo interno situam-se as relações de produção manifestada por um grupo de pessoas e que corresponde a apenas uma classe dominante, denominada de "sócio

maior". Enquanto que no pólo externo situam-se as relações de produção de dois grupos com interesses diferentes e que é designada de "sócio menor".

Na dinâmica histórica brasileira os processo sociais, econômicos e políticos não procedem apenas da interação entre os modos fundamentais de produção (forças produtivas e relações de produção) internas do país, mas também da evolução das relações com as economias externas – dos países centrais. Conforme observa Rangel (1957: 36-37):

Embora seja mais fácil surpreender o fato da dualidade no estudo de um instituto particular do que na economia nacional como um todo, é evidente que a sua origem se encontra nas relações externas. Desenvolvendo-se como economia complementar ou periférica, o Brasil deve ajustar-se a uma economia externa diferente da sua, de tal sorte que é, ele próprio, uma dualidade. Os termos dessa dualidade se alteram e desde logo podemos assinalar que mudam muito mais rapidamente no interior do que no exterior, o que significa estarmos queimando etapas. Nos primeiros quatro séculos de nossa história, vencemos um caminho correspondente a, pelo menos, quatro milênios da história européia. A rigor, nossa história acompanha pari passu a história do capitalismo mundial, fazendo eco as suas vicissitudes. O mercantilismo nos descobriu, o industrialismo nos deu a independência, e o capitalismo financeiro, a república.

Neste sentido, Rangel (1957: 31-32), define "a lei da dualidade" no qual o problema está em,

(...) examinar quais as relações dominantes dentro e fora de cada unidade da economia, ou seja, de por em evidência as duas economias dominantes - porque cada uma delas, em seu próprio campo, é dominante. A isso proponho que se chame dualidade básica da economia brasileira. A dualidade é a lei fundamental da economia brasileira. Podemos formulá-la nos seguintes termos: a economia brasileira se rege basicamente por duas ordens de leis tendenciais que imperam respectivamente no campo das relações internas de produção e no das relações externas de produção.

Antônio Barros de Castro (1980: 25), no livro "Sete Ensaio sobre a Economia Brasileira" menciona que "as regiões exportadoras de produtos primários têm no fator exógeno, demanda externa, a variável que as mobiliza e

determina o ritmo a que crescem. A estruturação interna de tais regiões é determinada, primordialmente, pelas características maiores da sua atividade exportadora e condicionada por fatores vários, de natureza histórico-geográfica”.

No qual, a atividade agro-exportadora (prevalecente até os anos 40), bem como o processo de industrialização substitutivo de importações permitiu atingir um nível de acumulação que possibilitasse promover a modernização da economia, dentro dos padrões existentes nos países desenvolvidos.

No início dos anos 50 já era perceptível que a expansão econômica dependia de um desenvolvimento mais rápido no setor secundário, contra o qual se erguiam algumas barreiras. A perspectiva de acelerar a industrialização exigia grandes projetos, que, deveriam ser realizados simultaneamente, exigindo planejamento criterioso e grandes aportes de capital. Por outro lado, havia necessidade de se obter tecnologia, em alguns casos bastante sofisticados, que não estava disponível devido ao seu controle por empresas dos países industrializados.

Nessas condições a economia só poderia desenvolver-se apoiada no capital estrangeiro, estatal e privado nacional. Os estudos de história econômica indicam que o desenvolvimento industrial e econômico no Brasil esteve ligado ao poder público (Estado). Os programas de desenvolvimento quase sempre procuravam estimular a instalação de novas indústrias e o desenvolvimento das existentes, que competem com as multinacionais no abastecimento do mercado interno. Segundo Mamigonian (2000: 10), este processo é conhecido como política de substituição de importações, que estimula a instalação de indústrias por grupos econômicos nacionais atraindo também o capital estrangeiro.

A definição de rumos foi dada pelo Estado, que estabeleceu as formas de participação das empresas estrangeiras, principalmente através de incentivos. Quanto aos investimentos públicos, o Estado concentrou-se em setores de infraestrutura e produção de insumos destinados a estimular as inversões privadas, não apenas por lhes oferecer a base necessária à expansão industrial, como por gerar demanda significativa. Às empresas estrangeiras coube assumir os setores, especialmente os relacionados à produção de bens duráveis de consumo e bens de produção, destinados ao mercado externo e parte do interno.

A industrialização beneficiou-se da ação direta ou indireta do Estado, seja concedendo facilidades à importação de bens de capital, seja protegendo a indústria instalada no país contra a concorrência estrangeira, seja intervindo diretamente na criação de pré-condições que proporcionassem às bases econômicas internas e externas o seu desenvolvimento. Deste modo, o Estado representou um papel de grande relevância no setor industrial no pós-guerra. Certamente, a intervenção estatal melhorou as condições de infra-estruturas já existentes, tornando-as ainda mais capazes de suportar o crescimento industrial e atraindo o capital estrangeiro pelas potencialidades do mercado brasileiro, pela existência de uma base política e econômica e pelas facilidades concedidas pelo Estado.

O capital privado nacional encontrou condições muito favoráveis de acumulação. Em primeiro lugar, a ação das multinacionais estimulou a criação de empresas nacionais, bem como o crescimento e modernização de algumas já existentes, que passaram a atuar como suas fornecedoras e distribuidoras. Por outro lado, a absorção de mão-de-obra nos setores de bens de produção e

duráveis gerou um crescimento da massa de salários, forçando a demanda de bens de consumo simples produzidos por empresas nacionais. Como assinala Kon (1994: 189), "... a articulação entre capital privado e nacional, no período [1956-61], e entre o capital estrangeiro e o Estado desempenhou papel importante no processo de industrialização".

Toda essa mobilização econômica exigiu aperfeiçoamento do sistema de suprimento de recursos para atender desde o consumo de bens até a capitalização das empresas, que também permitiu ao capital financeiro interno expandir consideravelmente.

O desenvolvimento industrial no Brasil não se deu de forma homogênea, mas por ciclos econômicos, ou seja, períodos de crescimento interno foram sucedidos por fases de desaceleração, que trouxeram repercussões significativas no âmbito social e político. Em todas as fases é possível perceber a presença do Estado, com maior ou menor expressão.

Segundo Pereira (1984: 203) as formas e o sentido que adquiriram a intervenção estatal, a partir da década de 30, representaram uma resposta aos problemas concretos, colocados pela situação em que se encontrava a economia brasileira. Com a intervenção, o Estado brasileiro foi modernizando-se e racionalizando-se caracterizado na passagem de uma atividade econômica para outra (da economia agro-exportadora para a economia industrial). A entrada em operação dos empreendimentos iniciados pelo Estado durante a Guerra, os novos investimentos estatais em apoio à política substitutiva de importações e a entrada de capital estrangeiro foram os fatores principais a detonar o desenvolvimento. A expansão foi mais significativa a partir da segunda metade dos anos 50, com o

“Plano de Metas” do governo Kubitschek, pelo qual se propunha atingir “50 anos de progresso em 5 anos de governo”. A implementação do plano permitiu um extraordinário crescimento da produtividade, especialmente na área de bens de produção e de consumo durável.

Entretanto na década de 60, o ritmo de crescimento declinou. A expansão da economia atraiu grandes investimentos em diversos setores, sem que houvesse uma correspondência por parte da demanda, resultando numa capacidade ociosa bastante significativa. Essa situação determinou uma crise de superacumulação, acompanhada de um forte aumento inflacionário.

A crise viria aprofundar uma série de contradições existentes na sociedade, que se expressaram por greves de massas nas cidades, invasões de terras e confrontos violentos no campo e a articulação de setores da classe dominante contra o governo.

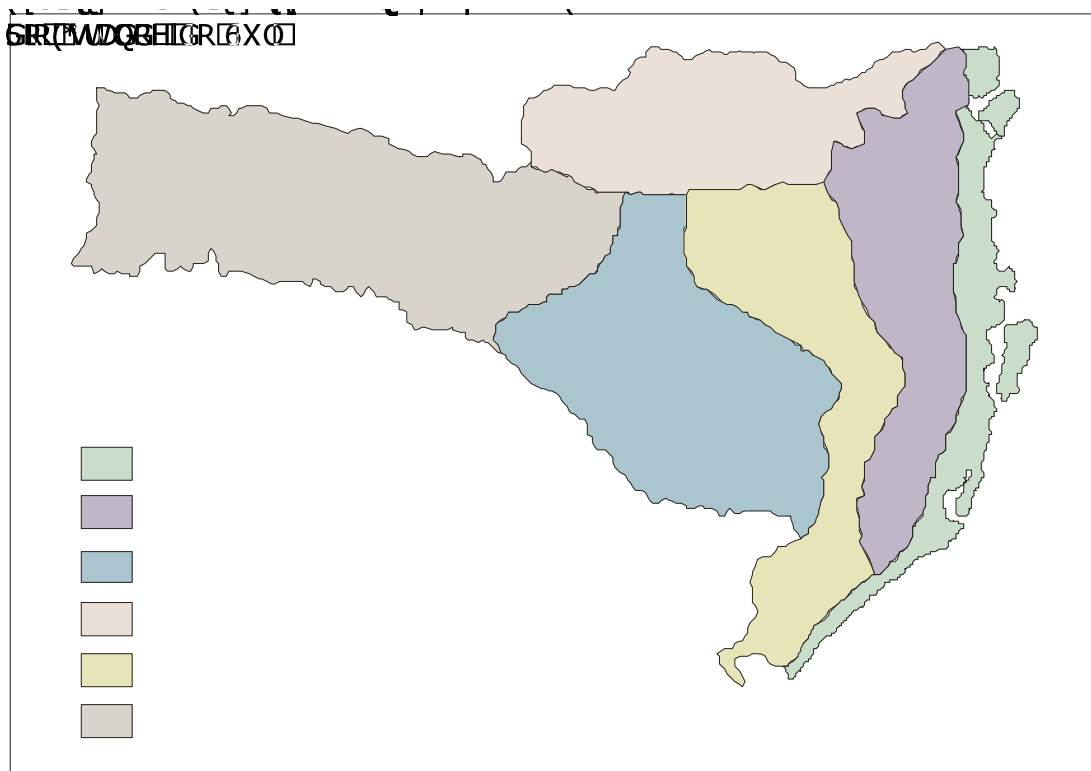
Nos anos 70, observou-se uma rápida difusão do mercado para produtos industrializados, que resultou da expansão da demanda interna e também da diversificação das exportações. Já no início da década de 80, o parque industrial brasileiro apresentava uma considerável situação de maturidade, demonstrado pelo elevado grau de integração intersetorial e de complexidade, representado por produtores de bens de consumo e de bens de capital. O país, na década de 90 enfrentou a necessidade de definição de uma política industrial efetiva que o situasse no contexto mundial (COUTINHO & FERRAZ, 1995: 29).

1.4. PRINCIPAIS ASPECTOS DO DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL CATARINENSE

A formação litorânea catarinense teve sua origem no momento em que a Coroa Portuguesa, através do Conselho Ultramarino de Lisboa, propõe projeto político de ocupação efetiva da área, decorrente da necessidade de ocupar os vazios territoriais na porção meridional do Brasil (SILVA, 1999: 61).

A ocupação definitiva de Santa Catarina inicia-se no século XVII, com a vinda dos vicentistas da região de São Paulo, e posteriormente no século XVIII com o estabelecimento dos açorianos e madeirenses. “Essa população era constituída basicamente de pequenos agricultores e pescadores, que se dedicavam à agricultura de subsistência, mas também a atividades mercantis, como a pesca da baleia, com a produção de azeite e a fabricação de farinha de mandioca” (RAUD, 1999: 85).

No entanto, o mais importante para a economia local foi o processo de colonização européia, principalmente, a italiana e a alemã, iniciada no começo do século XIX, com o estabelecimento dos primeiros colonos alemães em São Pedro de Alcântara, em 1829. Mas o maior impulso dessa colonização ocorreu a partir de 1850, quando os Vales Atlânticos foram ocupados por pequenas explorações policultoras de alemães e italianos, como mostra a Figura 1.

Figura 1- Povoamento de Santa Catarina

Fonte: Adaptado de Santa Catarina, 1994.

Este novo contingente populacional (colonos) proporcionou condições para que se ampliassem os mercados locais, aumentasse a mão-de-obra e separasse as atividades entre campo e cidade e entre atividade artesanal e atividade agrícola.

Cabe ressaltar, que no decorrer da formação social catarinense algumas estratégias políticas foram adotadas, principalmente, tendo como política pública, premissa, a de colonização das terras devolutas do Estado de Santa Catarina. Lembrando que até a década de 60 era visto como mero território de passagem entre São Paulo e Rio Grande do Sul.

O local representa, nesse contexto, o estabelecimento de novas práticas sociais fundadas em novas territorialidades, frente às exigências colocadas por problemas de âmbito mundial, em que o enfrentamento depende em grande medida de intervenções que se realizem ao nível do local. O local constitui-se assim em espaço de articulação entre o moderno e o tradicional (velho e novo), sinalizando a possibilidade de se desenvolverem a partir das relações produzidas por essas interações, muitas destas tornam-se soluções inovadoras para os problemas da sociedade contemporânea.

Nesse cenário, o Estado-Nação tem suas responsabilidades ampliadas no tocante ao desenvolvimento e à implementação de políticas nacionais orientadas para promover uma intervenção coordenada nos planos global, nacional e regional/local. Em ambas as escalas o desenvolvimento local ganha uma nova dimensão, representando uma inovação frente às práticas anteriores e uma variável determinante para os projetos em questão. A questão do local especialmente em Santa Catarina tem sido tratada na forma do estímulo ao surgimento dos pólos econômicos.

Mamigonian (1986), no Atlas de Santa Catarina, ao caracterizar as indústrias catarinenses, menciona um dos fatores que muito contribuiu para o desenvolvimento industrial, considerando que:

(...) nas áreas de colonização alemã de Santa Catarina as indústrias nasceram, em geral, pequenas e tiveram que realizar um longo aprendizado local de resistência e lenta expansão inicial. (...) estas indústrias mantiveram-se sempre vinculadas à Alemanha, visando a permanente atualização das máquinas e das técnicas (...).

As indústrias desenvolveram-se com base nos conhecimentos técnicos e comerciais dos colonos, e de um mercado local que lhes permitiu valorizar os recursos naturais locais (beneficiamento de mandioca, milho, e outros). Assim, os colonos desenvolveram indústrias rurais (beneficiamento) que lhes permitiram exportar produtos agrícolas beneficiados e começar um processo de acumulação de capital.

O excedente econômico gerado neste contexto de acumulação foi investido na instalação de novas fábricas, aquisição de novas técnicas, qualificação da mão de obra, ampliação da infra-estrutura e de mercado. Porém,

Distantes do mercado consumidor, as empresas catarinenses, em geral tiveram que se aprimorar permanentemente, renovando máquinas e métodos de trabalho, enquadrando a mão-de-obra, rebaixando os custos. Contaram com relações de trabalho favoráveis, pois a ideologia do trabalho dos colonos italianos, e, sobretudo, alemães foi transferida aos seus filhos e netos, os operários (MAMIGONIAN, 1986).

Para Schumpeter⁸, o empresariado é a chave do desenvolvimento econômico. Seu papel é inovar para empreender novas combinações de fatores produtivos. Para introduzir um novo produto no mercado, utilizar um novo método produtivo, explorar uma área nova de mercado, desenvolver uma fonte de oferta de matéria prima ou reorganizar completamente uma indústria existente. Não resta dúvida de que o empresário inovador foi, um dos principais fatores, que

⁸ SCHUMPETER (1982), economista, que analisou a competitividade organizacional relacionada com a inovação tecnológica, tornou-a explícita no livro “A Teoria do Desenvolvimento Econômico”. Onde abordou a teoria do desenvolvimento dos ciclos econômicos, impulsionado pelas indústrias que se apresentavam como fontes inovadoras tecnológicas e, por meio desta, dominando o mercado. No qual o país que detivesse o conhecimento tecnológico mais avançado, sabendo utilizá-lo explorando como vantagem competitiva, estaria à frente dos outros no desenvolvimento econômico. Porém as tecnologias, posteriormente, seriam copiadas e dominadas por seus concorrentes e, então, tal vantagem seria eliminada. Assim, a competitividade alcançaria um nível mais elevado de conhecimento tecnológico.

promoveu a industrialização catarinense, representada pela mentalidade dos alemães, através de experiências que, transferidas e postas em prática, abriram espaços ao descobrimento e criação de novos mercados, função do desenvolvimento capitalista. Todavia, este empresário inovador só pode ser compreendido nos quadros de uma formação social oriunda da pequena produção mercantil como temos aqui por apreço.

Com a colonização de Santa Catarina outras políticas foram criadas pelo Governo Estadual para promover a integração do território, entre as áreas de Lages (latifundiários), Vale do Itajaí (industriais) e a região Oeste (produção de alimentos). Além de medidas institucionais, voltadas à superação das barreiras regionais de colaboração entre os empresários, no intuito de diminuir as diferenças regionais.

Por meio das evidências históricas é possível identificar que os fatores sócio-culturais representam papel importante na explicação das diferenças regionais. É neste contexto que o espaço rural catarinense assume novos contornos econômicos, políticos e sociais. Por um lado, isso revela os impasses do modo de produção agrícola que está assentado na produção familiar integrada, em sua maioria, aos complexos agroindustriais e, por outro, que o espaço rural não é mais um local apenas de produção agrícola, mas um espaço de novas formas de vida e de trabalho, não necessariamente vinculadas à produção agrícola "*stricto sensu*".

1.5. A INDUSTRIALIZAÇÃO NO ALTO VALE DO ITAJAÍ

Na segunda metade do século XIX chegaram à região, do Vale do Itajaí, os imigrantes europeus, em sua maioria vindos da Alemanha, dando início à formação de importantes cidades⁹. Neste período, os alemães que imigraram tinham como origem, principalmente, as cidades de Baden, Holstein e Bremen.

Dentre as razões que explicam a vinda de imigrantes alemães para Santa Catarina, destaca-se a escassez de terras no país de origem, a fragmentação das propriedades agrícolas, os baixos salários e o excesso de trabalho nas áreas industriais, além da influência da propaganda dos agentes brasileiros e das companhias de colonização. A maioria desses imigrantes era composta por camponeses e artesãos que estabeleceram, nessa região, e que mantiveram muitos traços da cultura original.

Inicialmente, as cidades de origem europeia consolidavam sua base agrícola em pequenos proprietários rurais que contavam apenas com a força de trabalho dos membros familiares e não possuíam recursos financeiros suficientes para instalar grandes empresas agrícolas. Além disso, existiam também dentre os imigrantes um grande número de pessoas com outras experiências profissionais, com destaque para os ferreiros, pedreiros, marceneiros, agrimensores, fabricantes de cigarros, dentre outros.

⁹ É importante ressaltar que, ainda na primeira metade do século XIX, houve várias tentativas de colonização da região mais próxima à capital de SC, sendo que essas colônias tiveram dificuldades de se fixar à terra, em decorrência da falta de infra-estrutura, de estradas, de apoio do governo e outros. No entanto, registra-se a formação de colônias alemãs próximas à capital (Desterro/Florianópolis) em São Pedro de Alcântara, Angelina, Santa Isabel.

A região do Vale do Itajaí (dividida entre as microrregiões do Baixo, Médio e Alto Vale do Itajaí), em Santa Catarina, indica uma formação social baseada nas relações sociais que se materializaram ao longo do tempo. Inicialmente, estas relações se davam pelo modo de produção agrícola (pequena produção mercantil) e, posteriormente, pela inserção do processo industrial.

O Alto Vale do Itajaí vem apresentando historicamente um grande dinamismo econômico, fortemente embasado no processo de industrialização. A caracterização deste processo é uma significativa referência no sentido de mostrar a importância que os fatores endógenos exercem sobre os rumos de desenvolvimento de uma região.

Até 1850, o Vale do Itajaí era pouco ocupado, e com a nova lei de terras e o apoio do governo imperial às colonizações a partir daí, estimularam-se novas ocupações do interior de Santa Catarina. No entanto, devido às condições geográficas, essa região permaneceu isolada da capital (Desterro/Florianópolis) e da região serrana de Lages, que era o ponto de ligação para o extremo sul do país e para São Paulo.

Segundo Vidor (1995), a partir do momento em que o governo imperial assumiu a administração da colonização (1860), foram ampliados os investimentos direcionados para três setores básicos: aumento da população; implantação de infra-estrutura de comunicação (estradas) e incentivo ao mercado local, o que levou à diversificação dos bens produzidos.

Porém, apesar desse estímulo ao processo de colonização e da expansão do mercado interno, a produção continuava concentrada em poucos produtos. Como a maior parte dos agricultores produzia as mesmas mercadorias,

dificultava as transações comerciais internas tornando-se problema para a colônia. Esse problema só seria resolvido nas décadas seguintes com a interligação do mercado local ao mercado nacional¹⁰.

Segundo Hering (1987), os engenhos e atafonas (para produção da farinha de mandioca e do fubá) expandiram-se rapidamente por toda a colônia, mas nem toda propriedade os possuía, pois significava investimentos mais elevados. Por isso, eram alugados da mesma forma que outros instrumentos de trabalho, como era o caso do arado que foi sendo introduzido aos poucos. O pagamento era feito com parte da colheita futura.

Apesar da utilização de algumas técnicas, os imigrantes implantaram na região um sistema econômico apoiado na pequena propriedade agrícola trabalhada pela família em conjunto, associando-se a este trabalho, em certos períodos, o artesanato, a busca de trabalho adicional e a tendência de produzir um certo excedente para o mercado.

A região do Vale do Itajaí foi colonizada no século passado por diversas frentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses. Nos primeiros passos da colonização eram estabelecidas vilas já com caráter e infra-estrutura urbana. Destas vilas é que então partiam caminhos por onde as famílias de colonos iam se estabelecendo em lotes, sendo que as primeiras áreas a serem povoadas eram as férteis planícies ao longo dos rios (PELUSO, 1942: 21).

Em função do isolamento, o colonizador era obrigado a produzir o máximo (em quantidade e qualidade) para sua sobrevivência. Deste modo, ao chegar à

¹⁰ Desta forma, o desenvolvimento da região obedeceu a uma dinâmica interna própria e não em função de suprir os grandes centros comerciais (São Paulo e Rio de Janeiro), apresentando, deste modo, uma economia com especificidade baseada na pequena produção mercantil.

região, os colonos fizeram diversos cultivos, destacando-se o milho, a mandioca e a cana-de-açúcar.

Os primeiros colonos adotavam estratégias de produção baseados na sua total auto-sustentação, a qual denomina-se pequena produção mercantil, levando, então, a região a dispor de uma grande diversidade de produção. Era necessário que os primeiros colonizadores produzissem tudo aquilo que precisassem, pois à distância entre as vilas dificultavam a troca de mercadorias.

Num segundo período, já dispunham de um certo nível de especialização em algum produto, entretanto ainda mantinham a diversidade na produção agrícola, sendo que sempre conservavam as unidades familiares. A combinação de produtos que apresentavam uma boa rentabilidade foi garantindo a capitalização necessária para o investimento na indústria doméstica e na compra de novas terras. É importante ressaltar que os colonos traziam de suas regiões de origem uma forte cultura baseada na transformação artesanal de sua produção agrícola (ROCHA, 1994: 20).

Deste modo, a vida agrícola na colônia, a fim de poder se desenvolver e ter continuidade articulava-se de duas maneiras. A primeira era a assistência do governo, via administração da província (distribuição e financiamento dos lotes, oferecimento de trabalho e orientação no plantio inicial); a segunda frente com que se articulava o sistema colonial eram as vendas (HERING, 1987).

Onde o capital agrícola se transformou no processo de acumulação de capital. No qual os próprios colonos, levando seus produtos para as casas comerciais da vila e deixando nelas o pequeno lucro conseguido nas trocas, acabaram beneficiando duplamente os comerciantes: na compra da produção

agrícola e na venda de suas mercadorias por preços extorsivos. Com isso, além do domínio econômico, os comerciantes acabaram exercendo um domínio cultural e político, porque o comércio era também os locais de distribuição das notícias da colônia.

O excedente econômico agrícola foi destinado à construção de pequenas indústrias, para suprir as necessidades da população local. Com isso, nasce um conjunto de indústrias voltadas, em sua maioria, para atender as demandas do mercado interno. Segundo Vidor (1995), este aumento da produção permitiu também reaparelhar a atividade industrial e comercial, sua expansão e diversificação, assim como canalizar investimentos na propriedade fundiária.

Assim, configura-se um sistema de trabalho articulado em duas frentes: por um lado, a pequena propriedade que era trabalhada pela família, sendo que em alguns períodos desenvolviam outros trabalhos adicionais¹¹, e, por outro, implantava-se a indústria doméstica com a finalidade de se processar alguns produtos, como é o caso dos engenhos de cana, da produção do fubá e da farinha de mandioca. Além disso, surgiam no meio rural importantes atividades ligadas à carpintaria, à fabricação de charutos e às atividades industriais, como as serrarias e olarias.

Essa industrialização voltada ao mercado interno estava relacionada à carência de infra-estrutura, às distâncias dos mercados consumidores, às

¹¹ Uma vez que o trabalho inicial nas lavouras durava praticamente o ano todo, sendo bem pequeno o espaço para o trabalho acessório entre o início e o final das colheitas. No entanto, a falta de recursos acabava motivando a busca de outras atividades. Dentre os principais fatores que determinavam a procura de trabalho fora das propriedades, destacavam-se a falta de pagamentos das mercadorias em dinheiro, uma vez que os agricultores as trocavam por outras mercadorias nas casas comerciais; a necessidade de pagamento dos lotes às Empresas Colonizadoras e as dificuldades iniciais da propriedade até obter as primeiras colheitas, o que consumia todos os recursos trazidos.

dificuldades de capital e de mão-de-obra. Isto fez com que, no princípio, o processo de industrialização tivesse uma característica mais local.

Uma das atividades que deram grande impulso ao desenvolvimento da região, caracterizando-se, inclusive, como ciclo econômico, foi à extração e industrialização da madeira - abundante e de boa qualidade na região - possibilitada com a instalação da estrada de ferro Santa Catarina na década de 1930. Até a década de 1980, a exploração e a industrialização da madeira era uma das mais importantes atividades econômicas da região, ocupando boa parte da mão-de-obra rural e urbana. A partir de 1989, com a adoção no país de uma legislação mais rígida para a preservação da Mata Atlântica, esta atividade apresentou forte declínio (BONIN, 1992: 47).

Na década de 70, houve uma intensificação da urbanização, mais expressivamente na Região do Alto Vale do Itajaí, refletindo um forte processo migratório da área rural da região e de outras regiões. Na década de 80, apesar da continuidade do êxodo rural, houve um crescimento populacional tanto das áreas urbanas quanto das áreas rurais, com o surgimento de uma nova modalidade de mão-de-obra - o colono operário. Ao final desta década, com a mudança nas estratégias de expansão das empresas, basicamente com a instalação de unidades industriais nos municípios de residência da força de trabalho, esta tendência populacional e os fluxos migratórios internos se modificam e grande parte dos municípios da região deixaram de perder a sua população, apresentando um desenvolvimento mais homogêneo com relação aos municípios maiores (BONIN, 1992).

As mudanças que ocorreram na estrutura agrária do Alto Vale do Itajaí permitiram o nascimento de novas estratégias de reprodução social e econômica da agricultura familiar, que estão fortemente relacionadas ao mercado de trabalho em atividades urbanas. Aonde vem ocorrendo o crescimento de unidades familiares em que uma parcela significativa das rendas que compõe a renda familiar provém de atividades já não está diretamente ligada à agricultura. A necessidade de realizar atividades urbanas, a fim de garantir o sustento familiar, permitiu a manifestação de novas formas de obtenção de rendas.

Um importante elemento na consolidação da agricultura familiar e de competitividade das indústrias está assentado na opção por um outro tipo de mão-de-obra, o chamado colono-operário. Este não depende exclusivamente do salário da indústria para a sua reprodução. O salário representa um valor adicional à renda familiar e aos sistemas de produção agrícola que são à base de reprodução dos agricultores (MAMIGONIAN, 1966).

As famílias rurais organizam-se de modo a que alguns membros permaneçam trabalhando na propriedade (geralmente os pais, as crianças ou, simplesmente, os mais velhos) em atividades agrícolas, enquanto os outros membros dedicam-se aos trabalhos urbanos. Mesmo trabalhando fora da propriedade, grande parte desses trabalhadores permanece residindo no meio rural e mantendo a propriedade parcialmente produtiva, assim garantem, fundamentalmente, a produção alimentar para o sustento.

No Vale do Itajaí vem crescendo a tendência de implantação de pequenas e médias indústrias têxteis. Alguns pequenos municípios, que antes se caracterizavam exclusivamente pelas atividades agrícolas ou pela reserva de

mão-de-obra para as indústrias dos municípios pólos (Rio do Sul, Blumenau, Itajaí), vêm apresentando destaque com a instalação de facções, indústrias de pequeno porte e mesmo grandes indústrias que utilizam mão-de-obra de agricultores (SEBRAE, 1998).

Várias empresas vêm instalando filiais, facções e empresas terceirizadas em municípios tipicamente agrícolas, ou mesmo em áreas rurais. A preferência manifestada pelas empresas por este tipo de mão-de-obra se justifica pelo menor custo que ela representa. O capital industrial é apenas parte da manutenção e reprodução da força de trabalho. Além disso, influem nesta escolha, a redução dos custos com transporte dos operários, o baixo custo necessário para o investimento de pequenas indústrias, pelos benefícios oferecidos pelas prefeituras dos pequenos municípios que, muitas vezes, além da isenção de impostos, arcam com parte das instalações, com doação dos terrenos e com as despesas de parte das obrigações trabalhistas, como instalação de creches para os filhos dos trabalhadores.

Apesar da baixa qualificação técnica da mão-de-obra, a produtividade e a qualidade da produção vêm sendo elevada por ser influenciada, principalmente, pelos rígidos círculos de controle de qualidade. Mas, ainda assim, muitas empresas vêm desenvolvendo programas intensivos de qualificação da mão-de-obra (SEBRAE, 1998).

O trabalho nas fábricas é predominantemente exercido por jovens e mulheres. Isto traz também uma nova conformação para a população rural, que claramente se masculiniza e envelhece. A tradição cultural de se reservar à herança das terras agrícolas para os filhos homens provoca um maior êxodo das

filhas, que buscam o emprego externo como um dispositivo compensatório à sua exclusão na herança. Neste sentido, o salário dos filhos que serão contemplados com a herança das terras é destinado ao apoio familiar e ao sistema agrícola, enquanto que o salário das filhas é destinado aos seus estudos. Isto provoca também uma maior qualificação da mão-de-obra feminina em relação à masculina nas áreas rurais (SEBRAE, 1998).

CONSIDERAÇÕES

A questão industrial é abordada pela geografia que leva em consideração múltiplos elementos, desde as técnicas disponíveis aos aspectos sociais, baseados no paradigma tempo-espaço como instrumento de análise. Onde as formas, as estruturas, as funções e os processos organizam a sociedade no espaço de acordo com o momento histórico.

Desta maneira, as transformações industriais do século XVIII provocaram alterações na configuração espacial, modificando as relações sociais e territoriais, desenvolvendo a técnica ao submeter a ciência e acirrando a competição entre as nações e transformando a mão-de-obra em mercadoria com a divisão do trabalho.

A formação social como categoria de análise utilizada pela geografia permite a compreensão das diferentes dimensões da sociedade que constituem na totalidade concreta materializada no espaço em determinado momento/tempo. Assim, as formas espaciais são decorrentes das necessidades internas e externas de cada formação composta por conteúdos e formas.

Os ciclos econômicos, aqui abordados, referem-se ao fenômeno ondulatório e acumulativo, dado por uma seqüência de fases de expansão, recessos, contração e recuperação que repetem ao longo do tempo e de forma irregular por ser influenciado pelas alterações econômicas. Assim o sistema capitalista apresenta fases em ciclo de longa duração (estabelecida por Kondratieff, com duração aproximada de 50 anos) e em ciclos médios ou breves (determinados por Julgar e Marx, com duração em torno de 10 anos).

A partir destas concepções gerais a industrialização brasileira pode ser compreendida como um processo composto de múltiplos fatores internos e externos que levaram a organização da produção, baseada inicialmente na pequena exploração agrícola, a organização de pólos industriais. De modo que a presença do Estado, em alguns períodos históricos criaram pré-condições as bases econômicas internas, melhorando as condições de infra-estrutura.

Desde a ocupação efetiva de Santa Catarina, a partir de 1850 com a vinda dos primeiros colonos alemães e italianos, que proporcionaram condições para o desenvolvimento industrial. Baseado nos conhecimentos dos colonizadores e necessidades do mercado local, no qual se destaca o empresariado, com características inovadoras a partir da formação social local resultante da pequena produção mercantil.

Neste contexto, destaca-se a industrialização do Vale do Itajaí, onde as cidades de origem européia consolidavam inicialmente sua base agrícola em pequenos agricultores. Do qual provinha o excedente econômico que era aplicado às pequenas indústrias, a fim de suprir as necessidades locais. O que mais tarde levou a consolidação do setor industrial modificando as estruturas agrícolas e

comerciais, permitindo a inserção de novas estratégias de reprodução social e econômica da população e apresentando um desenvolvimento regional mais homogêneo.

A partir desta concepção podem-se iniciar algumas conjecturas sobre o processo de desenvolvimento vivido pelo município de Saete. Desde as relações até a sua materialização no espaço baseado na formação sócio-espacial de cada momento histórico, resultado na configuração da paisagem atual.

2. O PROCESSO DE OCUPAÇÃO E A GÊNESE DO CAPITAL

Desenvolvimento local é o resultado da ação articulada dos diversos agentes/atores sociais, culturais, políticos e econômicos, públicos ou privados, existentes no local ou na região, visando a construção de um plano estratégico que guia as ações a longo prazo. A construção de um novo plano de desenvolvimento depende, portanto, da capacidade de organização dos agentes/atores locais de gerenciar os recursos. Esta organização interfere positivamente na capacidade de ação municipal, além de democratizar as decisões e dividir responsabilidades. No Alto Vale do Itajaí algumas ações são organizadas a partir de decisões tomadas através da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (AMAVI), com sede em Rio do Sul, composta por vinte municípios, visando sempre o desenvolvimento sócio-econômico regional.

Neste contexto, a ocupação espacial do município de Salete, como nas demais zonas de colonização alemã, em Santa Catarina, deu-se com a chegada do imigrante e seus descendentes onde as famílias adquiriram pequenas propriedades. Através da agricultura de subsistência e posterior beneficiamento da produção destinada aos mercados internos e externos, proporcionaram a acumulação do capital local. Esta poupança familiar foi direcionada ao pagamento e aquisição de novas terras, e posteriormente, a instalação de pequenas fábricas.

As mudanças que ocorreram na estrutura agrária permitiram a ocorrência de novas estratégias de reprodução social e econômica desta agricultura familiar,

que estão fortemente relacionadas ao mercado de trabalho em atividades urbanas. Em que a transferência das poupanças do setor agrícola contribuíram para expansão industrial e para a implementação da infra-estrutura básica é uma das principais contribuições da agricultura no processo de desenvolvimento local.

O processo de gênese do capital está relacionado com a pequena produção mercantil, uma vez que os atores locais, por meio da materialização das relações sociais, dado pelo modo de produção existente, permitiram o desenvolvimento das forças produtivas. Vale ressaltar que a partir da consolidação e diversificação dos setores agrícolas, comerciais e industriais, respectivamente, houve a acumulação de capital. Desta forma, Salete alcançou a autonomia política, construiu infra-estrutura (habitação, transporte, saneamento básico e outros), o que gerou expressivo crescimento econômico local atual.

Todavia, o desenvolvimento do município de Salete, não pode ser analisado como fato isolado, ainda mais por estar inserido na região do Vale do Itajaí, em que o processo de industrialização se deu dinamicamente e intensamente.

Neste sentido, todos os aspectos locais articulados ocasionaram o arranjo espacial dos elementos geoeconômicos, especificamente local e historicamente distribuídos, que configuram o espaço geográfico do município de Salete. Onde, há uma “multiplicidade de ações fazendo do espaço um campo de forças multicomplexo graças à individualização e especialização minuciosa dos elementos do espaço” (SANTOS, 1996: 252). Como será abordado neste capítulo.

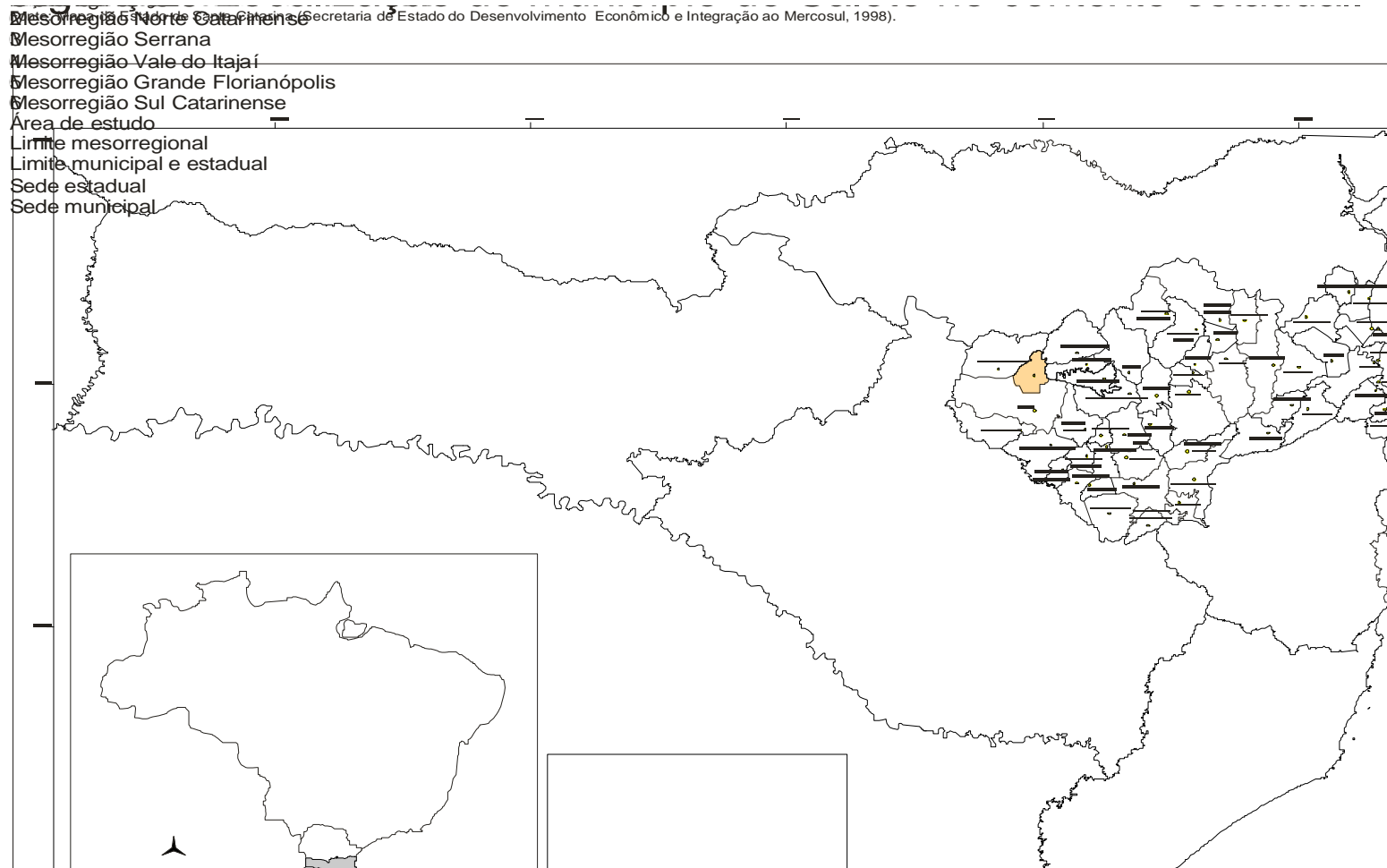
2.1. COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE SALETE-SC

Assim, como nas demais cidades do Vale do Itajaí, o município de Saleté também teve a influência européia na sua colonização. Porém com um diferencial, os colonizadores eram descendentes de alemães e italianos, que se instalaram no Baixo Vale e Médio Vale, nas proximidades de São Pedro de Alcântara e no Sul, do Estado de Santa Catarina, a partir de 1850. No entanto, com a falta de terras para as famílias, que eram numerosas, impulsionou a busca de novas terras, fazendo com que os filhos dos imigrantes adentrassem o Vale do Itajaí.

É de suma importância à caracterização do município de Saleté, sob os aspectos físicos que tiveram ampla influência no processo de colonização. Até 1930, pertencia ao município de Blumenau, em seguida até 1949 constituía o município de Rio do Sul, e, posteriormente, até 1961, fazia parte do município de Taió. E somente em 29 de dezembro de 1961, foi fundado o município de Saleté, que localiza-se no Alto Vale do Itajaí, Estado de Santa Catarina (conforme Figura 2).

Hoje, a área do município de Saleté consiste em 210Km², e está situado no Alto Vale do Itajaí, na latitude 26°58'48"S e na longitude 49°59'59"W de Greenwich, em uma altitude média de 500 metros. O relevo pertencente à unidade "Patamares do Alto Rio Itajaí", sendo composto de superfícies planas (várzeas e patamares), onduladas (dissecações) e montanhosas (cuestas). O solo do tipo Cambissolo possui fertilidade e texturas variadas de acordo com a origem dos sedimentos, entretanto a maior parte dos solos apresenta pouca fertilidade, devido a rochiosidade, porque estão em processo de desenvolvimento.

Figura 2- Localização do município de Saleté no contexto estadual



O clima, segundo Koppen, classifica-se como mesotérmico úmido, sem estação seca, com verões quentes. Apresenta temperatura média anual de 17,5°C e precipitação total anual de aproximadamente 1.300ml (SEPLAN, 1990).

Quanto à hidrografia, o município possui uma drenagem ampla, tendo os cursos d'água distribuídos em todas as comunidades (divisão da área rural), nos quais se deu a povoação do município, pois a água era considerada fator primordial na aquisição das terras. A vegetação, conhecido como Mata Atlântica, considerada Floresta Ombrófila Densa, apresenta características peculiares que permitiram o desenvolvimento do município, por composta de grandes árvores, com boa densidade e consideradas madeiras nobres, foram exploradas, inicialmente, como fonte de sobrevivência para as primeiras famílias que ali se instalaram e, posteriormente, como atividade industrial, com a transformação da matéria-prima em móveis, portas, painéis, bobinas, esquadrias, *clears* e outros.

Mas sua história inicia-se com a colonização em 1922, realizada por Luiz Bertoli Sênior¹², que através da Empresa Colonizadora "Bertoli" recebeu do Governo Estadual a concessão das terras devolutas em Ribeirão Grande (hoje Salete) e Rio do Campo (que na época pertenciam ao Distrito de Rio do Sul, município de Blumenau), como forma de pagamento das obras concluídas (construção de caminhos vicinais) em Rio do Oeste.

Foram concedidos a Luiz Bertoli Sênior uma área de terras com 26.737 hectares, onde iniciou os levantamentos geodésicos: medição dos lotes, abertura

¹² Luiz Bertoli Sênior, nasceu em Timbó, em 21/02/1879. Aos 16 anos aprendeu a profissão de ferreiro com Giovane Longo, e quatro anos mais tarde montou sua própria ferraria, porém adoeceu e foi obrigado a mudar-se para Blumenau e mais tarde para Lages para continuar o tratamento médico. Ao curar-se começou a trabalhar como tropeiro até 1909, quando perdeu duas tropas de animais foi trabalhar na Sociedade Cooperativa São José, em Rodeio. Após montou seu próprio negócio novamente, um armazém (casa de comércio) o que lhe rendeu algum capital e pode iniciar as atividades de colonização em Rio do Oeste.

de picadas (linhas, caminhos¹³), demarcação de divisas, abertura de estradas para os migrantes terem condições de chegar às terras. Porém pressionado pelo Governo¹⁴, em decorrência do prazo da concessão, de dez anos.

Assim, para colonizar a área que era coberta de vegetação, habitavam índios e animais silvestres, Luiz Bertoli Sênior viu-se obrigado a oferecer certos atrativos (terras baratas, infra-estrutura) aos colonizadores que ali se instalariam. Para tanto, foi necessário adquirir um empréstimo, para cobrir os enormes custos com a Empresa Colonizadora, tais como: levantamentos geodésicos, operários, construção de estradas, ranchos, pontes, pagamento impostos. Este empréstimo foi cedido por Corando Balsini, no qual Luiz Bertoli Sênior deu como garantia todos os seus bens, pagou imposto ao Estado e juros acumulativo semestralmente. Esta dívida só foi sanada em 1938, após os pagamentos das terras que havia comercializado com os colonizadores.

Assim, para colonizar a área Luiz Bertoli Sênior tratou de construir uma infra-estrutura básica, como atrativo para os primeiros moradores, como: atafona, feclaria, casa de fazendas (peças de tecidos), armarinho, ferragem, secos e molhados, serraria e rancho para abrigar temporariamente os novos migrantes até construírem abrigos próprios. Com isso, valorizou os lotes e iniciou a comercialização.

A freguesia também recebeu muitos migrantes de origem italiana e católica, descendentes dos antigos amigos da família de Luiz Bertoli Sênior, que

¹³ Os caminhos eram pequenas estradas traçadas no meio da floresta virgem, através de todos os acidentes geográficos do terreno, e que era determinado pelos rios, pelas montanhas ou outro elemento natural que era tomado como referência para a demarcação.

¹⁴ O sistema de colonização adotado pelo governo brasileiro, segundo a Lei de 19 de janeiro de 1867, no qual o governo escolhia um território situado em terras livres, pertencentes ao Estado, e o dividia em colônias, e autorizava a comercialização via Empresas Colonizadoras.

residiam em Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e Rio do Oeste, e que também foram atraídos pelas condições favoráveis do local. Outros migrantes das proximidades de São Pedro de Alcântara também foram seduzidos por Luiz Bertoli Sênior, juntamente com Carlos de Souza, tropeiro natural de Rancho Queimado. E em detrimento do prazo de colonização, em 1932, Luiz Bertoli Sênior, foi ao Sul do Estado divulgar as “terras férteis e baratas”, vendendo-as para os compradores com poucos recursos de origem alemã e católicos, que eram atraídos pela propaganda e pelo planejamento da freguesia.

O transporte das primeiras famílias e de seus pertences (com o estoque de mantimentos para a sobrevivência da família até o final da primeira safra) era realizado por carroças e carros de bois, devido às dificuldades de acesso (picadas trafegáveis no período de verão) para chegar à freguesia de Ribeirão Grande.

Mesmo vislumbrando novos horizontes as famílias sabiam das dificuldades que enfrentariam, pois no Sul as comunidades já estavam organizadas, dispunham de infra-estrutura básica. Enquanto, em Ribeirão Grande, o novo estilo de vida exigiu muita coragem e persistência, porque tudo estava por fazer, tiveram que derrubar a mata/floresta para preparação das terras e iniciar a produção, muitos dos colonizadores chegaram sem recursos financeiros para construir o primeiro abrigo, com comida escassa (quanto não traziam alimentos tinham que sobreviver do extrativismo – coleta, caça e pesca). Mas apesar disso, Ribeirão Grande era visto como “mundo novo”, onde os sonhos poderiam acontecer.

Victor Antônio Peluso Júnior¹⁵ (1942: 28), no livro Rio do Sul menciona como ocorreu a colonização do município de Salete:

Em Entre Rios, também conhecido como Ribeirão Grande, travamos conhecimento com um novo tipo de povoação nascida do desenvolvimento da colonização. Em Trombudo Central e Taió [municípios vizinhos] o trabalho do colonizador foi de demarcação dos lotes urbanos. Em Entre Rios sucedeu o inverso. Havendo terras próximas a outros povoados, os colonos até 1933 não se sentiam tentados a comprar terras do alto Ribeirão Grande. O colonizador fundou então, a povoação, lá se estabelecendo e protegendo os que primeiro ali se fixassem. A escola foi por ele mantida. Construiu a igreja. Montou casa comercial, fez serraria. Levou o farmacêutico, movimentou de tal forma o núcleo, que os agricultores se estabeleceram nas suas proximidades. A instalação de uma feccularia consolidou o progresso de Entre Rios.

Um dos fatores que muito contribuiu para a colonização da freguesia foi o preço favorável das terras que atraía os compradores. Pelo fato das famílias ser numerosas, viram nestas terras a possibilidade de garantir uma herança¹⁶ para os filhos e o círculo de amizades formado ao longo de décadas, pois havia integração entre as famílias. Assim, Luiz Bertoli Sênior organizou a venda dos lotes e a vinda dos imigrantes, sendo que todos eram da mesma religião e origem. Pois, no entender dele, bem como de todos os imigrantes europeus, a

¹⁵ Victor Antônio Peluso Júnior, profundo conhecedor da realidade catarinense, foi político, professor, geógrafo e historiador. Foi, um dos geógrafos mais ativo e proeminente de Santa Catarina. Publicou muitas obras sobre a formação histórica e econômica de Santa Catarina, das quais pode-se destacar: "Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina", "A Urbanização de Santa Catarina", "Lages, a Rainha da Serra", "Lages de 1940 a 1990", "Ponte Alta, uma vila no planalto de Lages", "A vila de Ituporanga", "A evolução da cidade de Chapecó: de povoamento a centro regional", "O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade", "Tradição e Plano Urbano", "Aspectos Geográficos de Santa Catarina", "O Estado de Santa Catarina", "Lagoinha", "Planalto de São Joaquim", "A Costa da Serra", "A divisão da terra no planalto de São Joaquim", "A pecuária e a pequena propriedade no planalto de São Joaquim", "O vale do Rio Itajaí do Oeste", "Rio do Sul", "Geografia e Folclore", "Latifúndio e Minifúndio", "Aspectos da população e da imigração no Estado de Santa Catarina", "A identidade catarinense".

¹⁶ Na cultura européia os pais deixavam/doavam, através de herança, a seus filhos (homens) lotes de terras e moradia, assim que se casavam, no intuito de auxiliá-los no início da nova vida, enquanto que as filhas recebiam um dote, sendo que este dote era o enxoval, composto por utensílios domésticos, cama, mesa e banho e máquina de costura manual. Porém, não havia condições para dividir ainda mais as terras no Sul do Estado, fazendo com que os alemães adentrassem os vales a procura de novas oportunidades e terras.

religião era uma forma de integrá-los na comunidade, considerando que todos eram católicos.

Vale ressaltar o importante papel da religião no processo de colonização da freguesia, uma vez que, Luiz Bertoli Sênior, estabeleceu como pré-requisito ao acesso a terra a condição de ser europeu e católico. Já que comparava a organização de uma sociedade com a organização de uma Igreja. Desta forma, como era católico pressupunha que se todos fossem da mesma religião seria mais fácil organizar a comunidade em busca dos mesmos objetivos. Conseqüentemente, este seria um fator propulsor para o desenvolvimento econômico e social local, considerando que quando a comunidade se reunia para rezar aproveitava-se a oportunidade para discutir os problemas políticos, sociais e econômicos locais, buscando alternativas em consenso. Com isso evitava muitos conflitos internos.

A localização da construção da freguesia foi determinada pelos aspectos físicos locais, ou seja, em função da localização geográfica. A organização comunitária deu-se próxima ao encruzo dos rios, o que permitia à Empresa Colonizadora, instalar a infra-estrutura básica, pois utilizava a força da água para mover o engenho de serra e a atafona. É importante ressaltar a importância dos recursos hídricos, a vegetação e a qualidade dos solos.

Os lotes foram vendidos de acordo com a origem das famílias (conforme Figura 3): nas comunidades de São Luiz, Furna e Ribeirão Cipriano receberam as famílias de origem italiana oriundas de Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e Rio do Oeste; e Rio Luiz, Rio Platina e Rio América foram colonizados por famílias católicas descendentes de italianos, mas estes provenientes do Sul do Estado.

Enquanto que, Barra Grande, Rio Alegre, Braço Torretti, Rio Herta, Rio Wildy, Rio do Ouro e Santa Margarida também receberam famílias católicas do Sul de Santa Catarina, mas em sua maioria descendentes de origem alemã (BONIN, 1992:34).

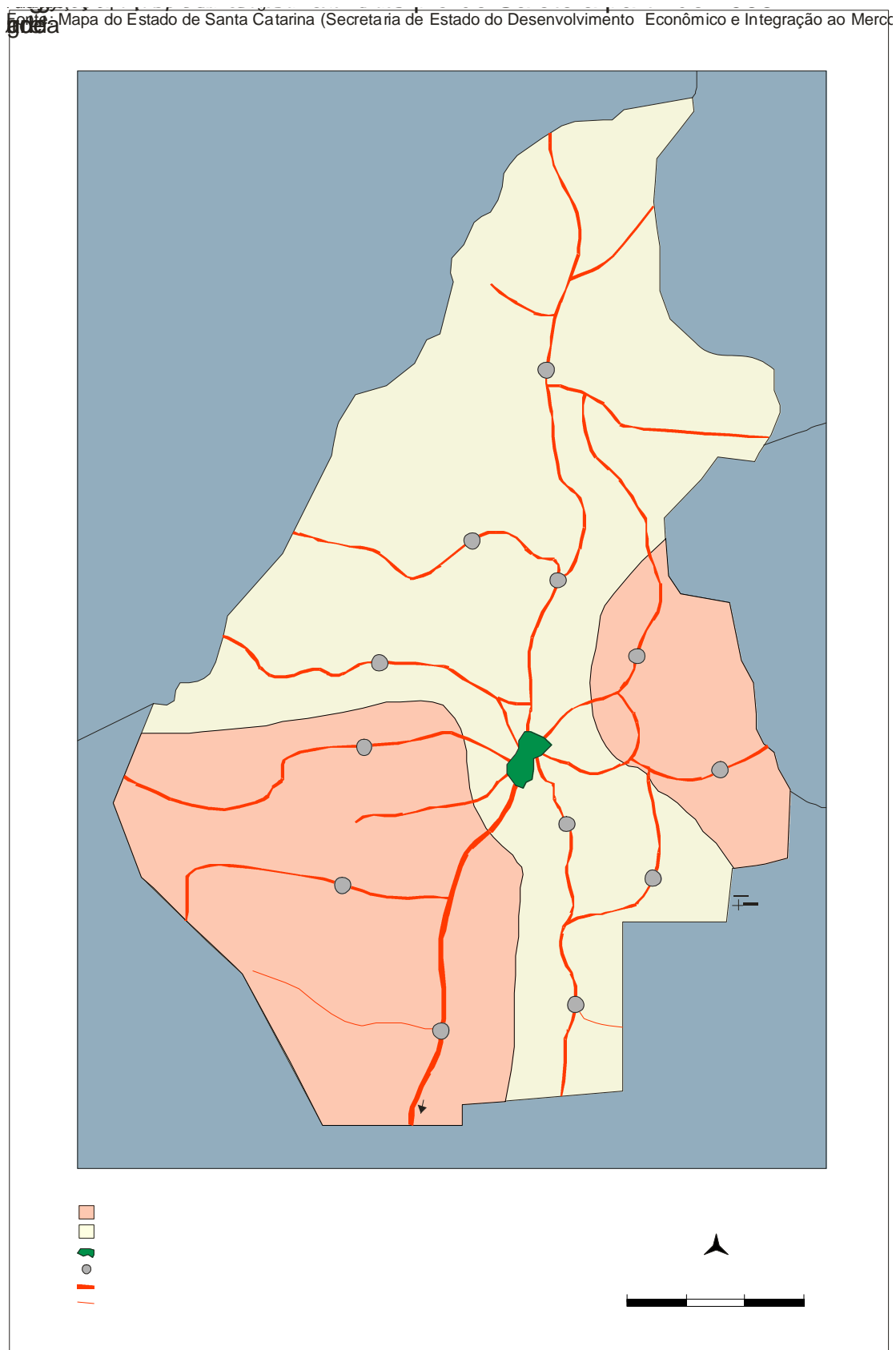
A divisão dos lotes era feita de maneira que toda família tinha acesso à água e a estrada, e as áreas dos lotes apresentavam em média 25 hectares. Nestes lotes fixaram-se famílias de pequenos agricultores que produziam utilizando mão-de-obra familiar, uma característica da pequena produção mercantil.

Como as famílias, geralmente eram numerosas, os filhos eram empregados dos pais até a época do casamento. Em contra-partida, os pais adquiriam novas terras para assegurar aos filhos a continuidade da luta agrícola. A mão-de-obra assalariada quase não existia (BONIN, 1992: 35).

Até 1938, o município de Salete, vinha se desenvolvendo lentamente, havia poucas casa na freguesia, a mata/floresta já havia sido extraída, iniciava-se o processo de urbanização e desenvolvimento das atividades industriais no local. É possível verificar que em menos de 40 anos o município desenvolveu-se rapidamente, influenciado pela expansão do setor industrial.

Até a década de 40, a colonização desenvolveu-se sem maiores problemas, sendo que a presença do colonizador na freguesia era fator de impulso na agricultura e também na indústria (BONIN, 1992:34).

Vale ressaltar, que os descendentes de outras origens eram vistas pelo colonizador como incapazes de desenvolver o local, pois não tinham tradição no trabalho e pessoas que poderiam gerar muitos conflitos/ intrigas entre os moradores.

Figura 3- Povoamento no município de Saleté a partir de 1933

Enquanto que, na década de 50, algumas das pequenas fábricas fecharam, por necessitarem de investimentos financeiros para modernização e ampliação de seus equipamentos e infra-estrutura, setor agrícola se consolidava com a produção diversificada de: aipim, fumo em folha, milho, arroz, batata-doce, trigo, batata-inglesa, feijão abóbora, cana-de-açúcar e outros. Além dos produtos transformados como: nata, leite e banha. Neste momento as condições de transporte influenciaram no desenvolvimento de Salete, pois permitiu a comercialização, mais intensa e o ano todo, na região e também na exportação de alguns produtos.

Juntamente com estas atividades a exploração de madeira nativa ganhava forças. Permitindo a expansão e consolidação deste ramo do setor industrial, como o aumento da poupança familiar dos agricultores. Destarte, muitos agricultores vendiam a madeira para ter dinheiro “guardado” para qualquer emergência ou mesmo para investir em outros setores.

Entre os períodos de 1970 a 1995, no município de Salete, não houve grandes variações na composição e na distribuição da população urbana e rural. Mas é possível verificar a ocorrência do aumento da população urbana, a cada período, com as maiores taxas de crescimento, que refletem num crescimento da população total, pois a rural também vem aumentando, apesar do seu crescimento ser mínimo, conforme Tabela 1:

Tabela 1- Salete: distribuição da população municipal - 1970, 1980, 1989 e 1991

População	1970	%	1980	%	1989	%	1991	%
Urbana	1.229	25,19	1.860	33,75	2.455	40,08	3.153	44,48
Rural	3.650	74,81	3.669	66,25	3.671	59,92	3.935	55,52
Total	4.879	100	5.538	100	6.126	100	7.088	100

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de SC – 1970, 1980 e 1991

Em termos relativos, se constata que a relação da população urbana e rural no decorrer dos últimos vinte anos sofreu significativa alteração, onde em 1970 a população urbana correspondia 25,19% e em 1991 passa a representar 44,48% da população total. Já a população rural, em 1970, representava 74,81%, enquanto que, em 1991, correspondia a 55,52%.

Um dos fatores impulsionadores para o aumento da população urbana, a partir da década de 80, foi à criação de novos empregos nas empresas Rohden, que ofereciam moradia, em condições favoráveis, devido à inserção no mercado externo. Com isso, as pessoas desempregadas na região serrana (Lages, Santa Cecília, Correia Pinto e outros) deslocavam-se à Salete em busca de melhores condições.

Além de que essa situação é decorrente do avanço tecnológico do setor primário, que libera parcela de mão-de-obra, embora com o aumento da área cultivada, em face da facilidade de mecanização da agricultura, e do desenvolvimento industrial, comercial e de prestação de serviços no meio urbano, que acabam atraindo e absorvendo esse contingente de pessoas, em busca de

atividades adicionais. Porém, abandonou-se a policultura e iniciou-se a monocultura com a produção de fumo.

A partir da década de 90 houve uma estabilização no crescimento populacional no município de Salete, influenciada pela abertura comercial, uma vez que exigiu das maiores empresas uma reestruturação industrial. Aparentemente, em 2003, sinalização para um novo crescimento, desta vez através do turismo religioso, no qual uma grande empresa hoteleira (Cattoni Tur) vem se instalando no município, trazendo consigo novos empregos, e conseqüentemente, nova migração populacional.

Da população economicamente ativa – PEA, aproximadamente 1342 trabalhadores estão envolvidos em atividades agropecuária, 731 no setor secundário e 345 trabalhadores alocados no setor terciário, como mostra a Tabela 2. No município os três setores da economia apresentaram taxas de crescimento anuais positivas, destacando-se o setor secundário como o mais dinâmico, principalmente durante a década de 70, período este de intensos movimentos migratórios campo-cidade, em todo o país.

Tabela 2- Evolução da população economicamente ativa – PEA

Setor	1970	1980	1989	1991
Primário	1.067	1.124	1.125	1.342
Secundário	221	628	825	731
Terciário	155	251	330	345
Total	1.443	2.003	2.280	2.418

Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de SC – 1970, 1980 e 1991

A economia do município de Saleté está assentada no setor primário, especificamente na agropecuária, que, em conjunto com as extrações vegetais, representadas pela madeira (nativa e reflorestada), gera a maioria da riqueza do município, além de absorver quase 50% (cinquenta por cento) da população economicamente ativa e gerar excedentes absorvidos pelos setores industrial e comercial, tanto a nível municipal quanto regional.

As atividades no município de Saleté, em 1996, estavam distribuídas (conforme Tabela 3) de modo a proporcionar maior desenvolvimento das atividades terciárias, porém esta categoria não apresentou os maiores desenvolvimentos econômicos, fato este caracterizado pela constituição dos proprietários comerciais. Assim como a agricultura é formada pelo conjunto familiar, o setor comercial também. Esta característica é melhor exposta no item 2.2.2.

Tabela 3- Distribuição das atividades no município de Saleté, em 1996

ATIVIDADES	EMPRESAS
Indústria de transformação	46
Construção	5
Comércio/ Reparação de veículos	120
Alojamento e Alimentação	30
Transporte/ Armazenagem/ Comunicações	12
Atividades Imobiliárias/Aluguéis e Serviços	23
Administração pública	1
Educação	2
Saúde e Serviços Sociais	2
Outros	41
Agricultura/Pecuária/Silvicultura/Exploração Florestal	3
Total	285

Fonte: Prefeitura Municipal de Saleté, 1996.

As áreas médias dos estabelecimentos não ultrapassam a 26 hectares por propriedade, onde predomina o trabalho familiar. Uma estrutura agrária caracterizada por pequena propriedade favorece o desenvolvimento de lavouras de curto ciclo de vida, de pecuária leiteira e de criação de pequenos animais (BONIN, 1992: 34).

Essa dinâmica das diversas categorias ocupacionais das atividades agrícolas revela a existência de um sistema de produção fortemente articulado ao trabalho familiar e embasado nas pequenas unidades de produção, cuja característica mais marcante é a diversificação das atividades produtivas.

O setor secundário responsável pela transformação das matérias-primas disponíveis na natureza e dos produtos agropecuários representa, através da utilização de técnicas existentes, oportunidades de investimentos e geração de empregos.

O setor terciário da economia caracteriza-se, primordialmente, por ser uma atividade econômica dinâmica, sendo responsável pela movimentação da riqueza e gerador do relacionamento entre os demais setores. Articula grande parte de toda a infra-estrutura necessária para o bom desempenho das relações de troca entre os consumidores e empresas privadas e públicas.

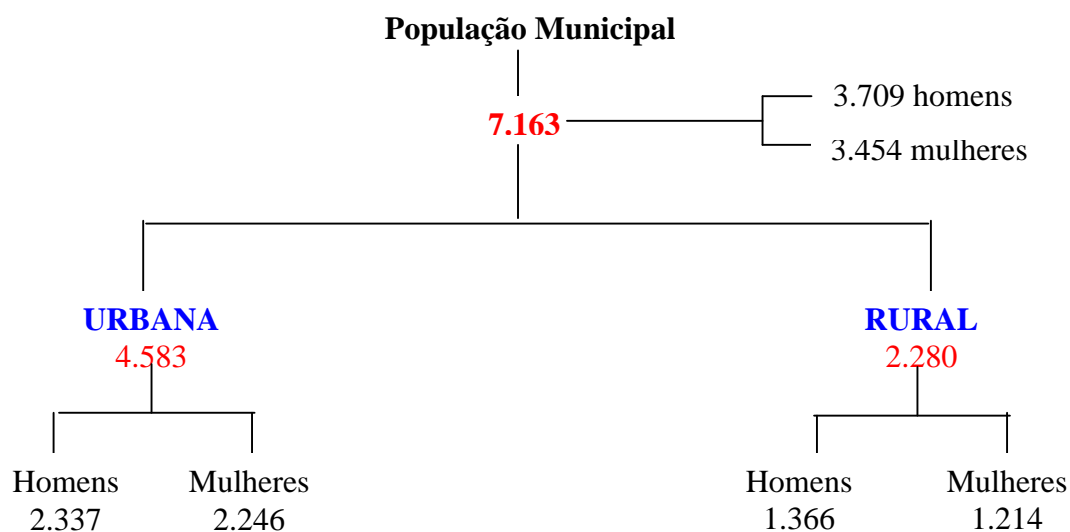
Em geral, nos municípios em que o setor industrial não é muito dinâmico e que apresenta uma economia primária forte o setor terciário convive com fases sazonais, ou seja, períodos de safra e entressafra. O dinamismo do setor terciário está intimamente relacionado à dinâmica do setor secundário. O seu desenvolvimento encontra explicação no crescente aumento da mão-de-obra e que vem proporcionando às famílias, principalmente rurais, um acréscimo de

renda, que por sua vez é canalizado na sua maior parte às atividades terciárias (SEBRAE, 1998).

Nos últimos anos, Salete vem se destacando na economia regional. Com uma população urbana, mais representativa (conforme

Figura 4). Sendo que o setor industrial e comercial concebe cerca de 66,46% da economia municipal (Prefeitura Municipal de Salete, 2003), destacando-se as atividades: beneficiamento de madeira, exportação de portas, facções de roupas, metalúrgica, fabricação de caldeiras, estufas, móveis, cooperativa, supermercado e comércio em geral.

Figura 4- População município de Salete – Ano 2000



Fonte: IBGE, 2003.

O desenvolvimento municipal foi influenciado pelo processo de acumulação e não-acumulação de alguns setores, que influenciaram na

configuração do local, tendo como atores os agricultores, os comerciantes, os industriais, o Poder Público e a Igreja, como será exposto no próximo item.

2.2. PROCESSO DE ACUMULAÇÃO E NÃO-ACUMULAÇÃO EM SALETE-SC

Para compreender a gênese e a evolução das empresas no município de Salete, faz-se necessário ressaltar três aspectos: o primeiro refere-se à localização do município, pois está inserido na Região do Vale do Itajaí, onde as atividades industriais proporcionaram grande impulso no desenvolvimento econômico local; o segundo aspecto refere-se à ocupação do Vale do Itajaí, no qual predominam os imigrantes e descendentes de alemães e italianos, que atingiram condições básicas de acumulação para a transformação da economia agrícola em industrial; e o último aspecto que auxiliou, nesta transformação, foi à presença da Igreja, que por meio dos padres mantinham permanente contato com as tecnologias alemãs.

A localização é um importante capital natural no Vale do Itajaí, determinado pela geografia local, pela aglomeração de diversas organizações produtivas e de apoio às empresas envolvidas nas atividades industriais e pela origem histórico-cultural comum dos agentes. Vale ressaltar que a localização propicia significativamente a atividade inovativa, pois a possibilidade das trocas de informações e contatos pessoais mais freqüentes entre os agentes com diferentes competências, aliada à sua origem histórico-cultural, estimula o

processamento de novos conhecimentos, determinando, assim, importantes vantagens para o local.

De modo que, a origem e os freqüentes contatos com a Europa, colocaram o Vale do Itajaí em destaque, o que permitiu a inserção de novas tecnologias. Tendo como importância fundamental os fluxos de relacionamentos entre as pequenas empresas brasileiras e as empresas européias, através das empresas fornecedoras de equipamentos e insumos importados.

A existência de arranjos locais distribuídos no desenvolvimento de atividades como infra-estrutura tecnológica, coordenação, comércio e outros, tornaram-se fontes propulsoras para que as relações sociais se materializam no espaço geográfico local; e de uma série de fluxos de relacionamentos estabelecidos entre as empresas externas e as empresas produtivas locais, resultando em importante para o apoio às atividades produtivas e inovativa.

Assim, a identificação e classificação dos agentes/atores que executam e influenciam as atividades no arranjo produtivo municipal, e o reconhecimento de uma série de fluxos de relacionamentos inter e entre estas empresas e as instituições que fornece uma importante ilustração, permitindo compreender melhor a configuração e funcionalidade do sistema local de inovação do município de Salete, enquanto lugar de concretização de uma variedade de singularidades, que auxiliaram no desenvolvimento das atividades produtivas.

2.2.1. ATIVIDADE AGRÍCOLA E EXCEDENTE ECONÔMICO

Assim que se instalavam os colonizadores iniciavam a atividade agrícola em Ribeirão Grande, sendo esta a única fonte de renda, e principalmente que lhes fornecia a subsistência. Ao ser convidada as famílias eram avisadas da escassez de alimentos, tendo que trazer em seus pertences uma grande quantidade de mantimentos, ao menos até o final da primeira colheita, quando o plantio é colhido.

Mas muitas dificuldades locais existiam na preparação do solo, pois a cobertura vegetal – florestas – densa da Mata Atlântica, se caracteriza como o primeiro entrave à agricultura, além da falta de tecnologia, das condições naturais desconhecidas, falta de recursos financeiros, distância do mercado consumidor, dificuldade no transporte de madeiras e até de acesso a determinados locais destinados à produção agrícola. De modo que, os terrenos acidentados influenciaram desfavoravelmente o desenvolvimento da agricultura no município de Salete.

Inicialmente não havia financiamentos à agricultura, em Ribeirão Grande, hoje Salete, quando os colonizadores necessitam de empréstimos deveriam deslocar-se ao Rio do Sul. Além da distância do órgão financiador, muitas famílias estavam trabalhando para pagar suas terras e não tinham condições de contraírem mais uma dívida.

No princípio da colonização, a base econômica da freguesia estava assentada nas atividades agrícolas. Estas tinham caráter familiar e eram voltadas primordialmente para a subsistência familiar. Assim, o primeiro trabalho consistia

na derrubada da vegetação/floresta. Os colonizadores utilizavam foices, machado e enxada, para preparar a terra. Este o modo rudimentar de manejo do solo se deu através da derrubada da mata, seguida pela limpeza da área que era realizada pelo fogo, para formar as roças de coivara.

As primeiras culturas plantadas em Ribeirão Grande foram o milho, a mandioca e o feijão. Posteriormente, houve a introdução do fumo, da cana-de-açúcar e do gado de leite, além das hortas domésticas. De onde o agricultor cultivava os primeiros e principais produtos e, conseqüentemente, obtinham condições básicas de produtos necessários à sua subsistência, com exceção de alguns gêneros alimentícios, tais como sal, trigo, café, roupas e instrumentos de trabalho. E para adquirir esses produtos, eram obrigados a comercializar algum produto ou então se dedicar ao trabalho adicional (por exemplo, a abertura de estradas).

Como os primeiros colonizadores desconheciam as condições naturais do local, utilizavam-se da policultura como forma de garantir a sobrevivência da família. Pois caso uma das culturas não apresentasse a produtividade esperada ou acontecesse algum dano, causado pelas condições climáticas adversas, o sustento da família estava garantido e o pagamento da parcela da terra, também.

Sem financiamentos e sem seguro para suas lavouras, os agricultores dependiam das condições naturais, principalmente climáticas, para obterem uma boa colheita, e também estavam sujeitos a exploração dos intermediários, que levavam meses para pagar a compra dos produtos agrícolas, sendo esta a única forma de garantir à sobrevivência a policultura, o plantio de uma ou duas culturas comerciais e a criação de animais, para garantir o sustento da família.

Mas, além disso, a região apresentava uma fauna abundante e diversificada, por causa deste fator algumas famílias tiveram perdas enormes, pois os animais destruíam a plantação, os quais eram animais silvestres (macacos, papagaios, porco do mato, onça, pacas e outros) e/ou animais que criados soltos (gado, porcos, galinha) que comiam e destruíam as lavouras.

Outra barreira enfrentada pelos agricultores foi à comercialização de seus produtos, pois não havia quem os comprasse. Inicialmente toda a produção era destinada ao pagamento das terras e aquisição de alimentos e vestuário, sendo que esta produção era vendida ao colonizador. Como único comerciante da freguesia, o colonizador realizava a compra da produção das famílias e vendia as mercadorias que estas precisassem, como ferramentas, alimentos e vestuário.

A venda da produção enfrentava muitas dificuldades pelo fato do mercado consumidor mais expressivo estar localizado em Rio do Sul e nas regiões do Médio e Baixo Vale do Itajaí, e muitos dos agricultores locais não possuíam contato, condições de transporte de suas mercadorias, e ainda muitos estavam comprometidos com o colonizador para pagarem suas dívidas. Outra barreira era as condições geográficas, pois a região apresenta uma topografia acidentada, com predomínio de mata densa e elevadas serras, e que no período chuvoso (verão), impossibilitavam o transporte da produção.

No entanto a tendência natural era a independência das famílias, assim que pagassem as dívidas com a aquisição de terras, pois iniciariam a poupança familiar. Mesmo assim, o mercado consumidor mais expressivo estava localizado em Rio do Sul, e havia muita dificuldade para transportar os produtos (fumo, milho, feijão, arroz, mandioca), por não existir estradas (em condições favoráveis

– as estradas eram de barro) e o transporte por ser realizado em cargueiros ou em carroças, somente, quando as condições climáticas permitiam, nas épocas mais secas. Fato este que limitava a produção em maior escala, pois não havia armazéns adequados para guardar a produção e vendê-las no período da seca. Com isso as famílias ficavam nas mãos dos intermediários, que levavam meses para pagar pela produção agrícola. Neste período, à distância do mercado consumidor apresentavam como o maior entrave para o crescimento local.

O problema do transporte só foi resolvido bem mais tarde com a construção da estrada que ligou Salete à Rio do Sul, Blumenau e Itajaí (este último sendo área portuária), facilitando a entrega dos produtos, sobretudo do fumo, para outros centros.

Na pecuária destacou-se com a produção de leite, nata, queijo e criação de porcos e galinhas. Como em outros lugares a produção de porcos eram destinadas as produções de banha, pois não existiam meios de conservação destes produtos, principalmente da carne, estes eram transformados em salames, lingüiças, charques, ou cozida e armazenada dentro da banha. A produção dos alimentos que não podiam ser armazenados era destinada ao abastecimento do mercado local, enquanto que os produtos conservados de forma artesanal eram fornecidos ao mercado regional e a exportação.

Neste contexto, os padres tiveram muita influência no desenvolvimento da agricultura e da pecuária no município. Pois introduziram no município sementes e animais melhorados geneticamente trazidos da Alemanha, o que aumentava significativamente a produtividade e a renda familiar. Além dos equipamentos agrícolas e industriais que eram importados visando o crescimento da renda

familiar e, principalmente, o desenvolvimento do local. Por exemplo, auxiliado pelos padres, Crescêncio Niehues¹⁷ (até hoje, membros de sua família atuam neste ramo), ampliou a criação de porcos e melhorou geneticamente a linhagem, tornando-se um dos maiores produtores de carne suína no município.

Desde o princípio, toda a produção tinha um destino bem definido. Assim, o milho era um alimento fundamental, tanto para a pessoas (farinha, que, posteriormente se transforma em polenta – comida típica da cultura italiana) como para alimento aos animais. O mesmo pode ser dito da cultura da mandioca, que além dessas propriedades, tinha na farinha uma boa moeda de troca. Já a cana e seus derivados (açúcar e cachaça) e o fumo tinham condições mais favoráveis de mercado, embora as características geográficas da região continuasse sendo um fator limitante.

Neste caso, interessa identificar os aspectos que permitiram o processo de acumulação de capital e o salto para a industrialização do município. Em que, as vendas regulavam a economia e o comerciante era a figura central, num primeiro momento era Luiz Bertoli Sênior – o colonizador, uma vez que a economia local dependia dele. As famílias produziam para sua subsistência, mas precisavam de outros produtos. Para adquiri-los, colocavam seus excedentes nas mãos do comerciante, que por um lado, controlava os preços, tanto dos produtos que compravam dos agricultores como daqueles que vendiam e, por outro,

¹⁷ Crescêncio Niehues, junto com seu pai de Germano Niehues, deixaram São Ludgero em 1933, onde trabalhavam com comércio, olaria e padaria. Porém a falta de terras para dividir entre os 12 filhos e como a maior parte dos moradores eram parentes corria-se o risco do casamento entre os familiares. Assim, que chegaram a Salete para trabalhar na agricultura, mas também montaram uma olaria. Outro filho de Germano Niehues, muito conhecido em Santa Catarina, era Dom Afonso Niehues, que no período da colonização estava no Seminário estudando para ser padre.

forçavam o aumento dos preços retendo o estoque de determinados produtos. Desta forma, todo o mercado para os produtos agrícolas e as principais transações comerciais dependiam do comércio.

Com isso, consolida-se uma relação comercial de subordinação dos agricultores ao comerciante, baseada na relação de interdependência. Além disso, o comerciante possuía, ainda, um sistema rudimentar de crédito aos agricultores. Na verdade, tratava-se de um sistema de contas em que o agricultor se comprometia a pagar os produtos que retirava para seu consumo e insumos para a produção agrícola, observando que, no final da produção, quem determinava o preço das mercadorias era o proprietário do comércio. Isso ajudava a fortalecer a relação de interdependência ainda mais dos agricultores ao comerciante. Desta maneira, Luiz Bertoli Sênior transformara-se na figura mais importante da freguesia.

Na década de 40, a produção agrícola da comunidade já era expressiva, como aponta Peluso (1942):

Como em todo município, nota-se que os colonos, conforme sua origem, têm preferências em certos produtos. É assim que o lavrador de origem italiana cultiva, de ordinário, o fumo, e, quando há várzea que permita a irrigação, o arroz. O de origem alemã dedica-se mais à engorda de porcos e à criação de gado para a produção de leite. Quanto aos aipí [aipim] e mandioca, sua cultura é condicionada à qualidade da terra. O aproveitamento das raízes é feito pela feccularia.

Alguns dados estatísticos do município são apontados por Peluso e confirmam o avanço da agricultura (conforme Tabela 4 e

Os produtos eram beneficiados e comercializados na região, de forma a contribuir na consolidação da agricultura, como primeira fase para o desenvolvimento local. Assim, a comercialização dos alimentos processados serviu para organizar as poupanças familiares, que mais tarde foi destinada ao setor terciário e industrial.

Tabela 5) e pecuária (conforme Tabela 6) no município de Saleté. Entretanto, também é possível perceber que os produtos transformados representam uma parcela considerável no rendimento das famílias. Este fato é um indício da transformação da economia agrícola em industrial. No qual o excedente econômico provindo da pequena produção mercantil foi direcionado a aquisição de equipamentos para a transformação dos produtos agrícolas, como a mandioca, o milho, a uva, dentre outros.

Tabela 4- Produção agrícola do Alto Vale em 1941

Produto	Unidade	Área cultivada (ha)	Produção	Rend. Médio por há	Valor (em réis)
I – Produtos não transformados					
Fumo em folha	Quilo	1 470	1 764 000	1 200	1.587:600\$000
Alho	Quilo	2,5	1 500	600	1:500\$000
Cebola	Quilo	20	24 000	1 200	19:200\$000
II – Produtos transformados					
Açúcar de bangüê	Sc. 60Kg	-	330	-	13:200\$000
Farinha de araruta	Quilo	-	150 000	-	135:000\$000
Farinha de mandioca	Sc. 60Kg	-	39 500	-	395:000\$000
Farinha de milho	Quilo	-	117 000	-	35:100\$000
Fumo em rolo	Quilo	-	18 500	-	74:000\$000
Polvilho (ou goma)	Tonelada	-	4 860	-	2.916:000\$000

Fécula de milho	Quilo	-	42 360	-	93:192\$000
Tapioca	Tonelada	-	1 840	-	8.096:000\$00 0
Vinho de Uva	Litro	-	5 000	-	7:500\$000

Fonte: Peluso, 1942.

Os produtos eram beneficiados e comercializados na região, de forma a contribuir na consolidação da agricultura, como primeira fase para o desenvolvimento local. Assim, a comercialização dos alimentos processados serviu para organizar as poupanças familiares, que mais tarde foi destinada ao setor terciário e industrial.

Tabela 5- Produção agrícola em 1941

Especificação	Unidade	Quantidade	Valor (em réis)
Manteiga	Kg	104 000	676:000\$000
Mel de Abelha	Kg	7 200	7:200\$000
Ovos	dz	24 000	19:200\$000
Queijos	Kg	105 000	367:500\$000
Sebo	Kg	28 100	36:530\$000
Sola	Kg	4 700	28:200\$000
Toucinho	Kg	30 200	6:040\$000
Total	-	-	4.169:018\$000

Fonte: Peluso, 1942.

Outros produtos agrícolas, também contribuíram para a manutenção das famílias e para o pagamento das dívidas contraídas com a aquisição das terras e

equipamentos agrícolas. Já a quantidade de animais existentes, demonstra a capacidade e desempenho dos colonizares visando o desenvolvimento do local, por meio da produção de animais de tração e de corte para sua sobrevivência.

Tabela 6- Quantidade de animais existentes em 1940

Especificação	Quantidade	Valor (em réis)
Bovinos	17 596	4.926:880\$000
Eqüinos	9 348	2.804:400\$000
Asininos	7	1:050\$000
Muares	1 395	415:500\$000
Lanígeros	3 975	119:250\$000
Caprinos	1 030	20:600\$000
Suínos	115 903	4.636:120\$00
Aves (em geral)	364 485	728:970\$000
Total	-	13.652:770\$000

Fonte: Peluso, 1942.

Ainda na década de 40, Hugo Buss¹⁸, juntamente com alguns agricultores organizaram a Cooperativa Agrícola Mista São João, que tinha como finalidade a busca por melhores preços em seus produtos. Na primeira reunião realizada pela

¹⁸ Hugo Buss veio à Salete, em 1943, para gerenciar a Cooperativa Agrícola Mista São João. Pai de Dom Tito Buss, bispo da Diocese de Rio do Sul desde 1969.

Cooperativa, confirma-se a iniciativa dos agricultores em investir no desenvolvimento industrial local, onde os objetivos registrados em ata visam:

(...) intensificar a produção entre os seus associados, na agricultura e na pecuária, promovendo por todos os meios e modos a seu alcance, a defesa e o escoamento dos produtos, bem como cuidar, na medida do possível, do beneficiamento, industrialização e embalagem dos mesmos e de garantir, aos seus associados a obtenção dos meios pecuniários, que os possibilitem ao desenvolvimento de suas atividades, bem como de todos os artigos de que necessitarem para seu uso pessoal, doméstico ou profissional¹⁹

Mas, a Cooperativa não apresentava grandes êxitos, pois havia forte pressão exercida pelas grandes empresas regionais, no objetivo de adquirirem a produção por preços mais baixos. As empresas alegavam que a Cooperativa não tinha permissão para realizar exportação dos produtos, o que não era verdadeiro, porém os agricultores defrontes suas dificuldades de comercialização acabaram cedendo a pressão.

Além do que outros fatores também influenciaram na não-consolidação da Cooperativa, fatores estes decorrentes de disputas internas por poder, dificuldades financeiras da Cooperativa, falta de experiência dos responsáveis pela comercialização, diminuição do quadro social dentre outros. De modo que em 1961, a Cooperativa foi desativada colocando fim ao que parecia ter um futuro promissor no desenvolvimento econômico local.

Com o tempo os colonizadores obtinham acumulação de renda, formavam a poupança familiar, porém poucos conseguiram ampliar seus lotes originais, pois estavam impossibilitados pelas condições físicas do local e pela falta de terras. Além, de estar relacionada com a transferência da terra por

¹⁹ Ata de Fundação da Cooperativa Mista São João, em 6 de fevereiro de 1944, apud Bonin, 1992. Na qual participavam 124 agricultores com um capital investido de Cr\$ 62.000,00.

herança partilhada, que provocou o rápido parcelamento das propriedades e conseqüentemente a intensificação do uso do solo e a degradação de sua fertilidade. Assim, a terra tornou-se mercadoria escassa e com elevado custo.

Paralelo, a intensa modernização da agricultura brasileira nos anos 60 acarretou profundos impactos sociais, territoriais e ambientais, que culminaram no acirramento das relações capitalistas de produção no meio rural, conduzida de forma extremamente prejudicial à maioria da população rural, à organização do território e ao meio ambiente, promovendo um desenvolvimento cada vez mais desigual no país.

Tal reestruturação, ou seja, o dinamismo econômico e a produção do território saletense podem ser observados, principalmente, pela modernização da produção agrícola; pela implantação de novas indústrias; pela expansão do comércio e dos serviços, assim como pela construção de todo tipo de infraestrutura necessária para dar fluidez à produção e ao consumo (transportes, comunicações, saneamento básico, recursos hídricos, e outros).

Diante da possibilidade de empregar maquinários (tratores, micro tratores, arrados e grades – equipamentos utilizados no preparo das terras) na produção agrícola, muitos agricultores adquiriram financiamentos bancários (pelo Programa FINAME²⁰) na expectativa de aumentar a produção, principalmente, de fumo e milho.

Paralelamente, à atividade agrícola, os agricultores obtinham na extração da madeira uma fonte segura de renda. Assim, quando uma cultura não

²⁰ Financiamentos, sem limite de valor, para aquisição isolada de máquinas e equipamentos novos, de fabricação nacional, credenciados pelo BNDES e para capital de giro associado, através de instituições financeiras credenciadas.

apresentasse produtividade ou acontecesse algum imprevisto, vendia-se a madeira.

Nas décadas de 70 e 80, a agricultura do município enfrentou muitas dificuldades, pois os muitos agricultores deixam a policultura e passaram à monocultura. O fumo era o produto cultivado, porque estava apresentando maior rendimento. Enquanto que outros agricultores iniciaram a produção de aves e suínos, porém de forma integrada e através de financiamentos fornecidos pelas empresas, principalmente Perdigão (de Concórdia) e Pamplona (de Rio do Sul).

Assim, alguns agricultores progrediram, enquanto a maioria enfrentou sérios problemas (no final da década de 80 e início da década de 90) com os financiamentos bancários e das empresas, pois a produção estava sujeita ao mercado, no qual as flutuações econômicas influenciaram os preços dos insumos e do produto. Conseqüentemente, no final de alguns ciclos produtivos o rendimento não cobria os custos investidos inicialmente. E como as famílias haviam abandonado a policultura e a madeira tornava-se escassa, muitas famílias ou filhos deixaram a agricultura e lançaram-se em busca de condições melhores de vida em centros urbanos desenvolvidos, como Joinville, Jaraguá do Sul e Blumenau (municípios pertencentes à Região do Vale do Itajaí), esta última chegou a ser denominada pelos moradores de “capital” da cidade de Salete.

Portanto, a falta de terras para expansão da produção, o aumento dos componentes das famílias, as dificuldades financeiras, a deficiência tecnológica da agricultura, impuseram uma nova característica ao setor, nos quais os filhos

dos agricultores vislumbravam nas atividades urbanas outras estratégias de reprodução social.

Essa mudança, no entanto, afetou diretamente os processos produtivos e a forma de organização do trabalho familiar, durante a década de 90, uma vez que boa parte dos membros em idade plena para trabalhar ocupa a maior parte de seu tempo em atividades que não estão ligadas ao cultivo da terra, mas sim em atividades adicionais que complementavam ou em algumas famílias garantiam a sobrevivência.

O fumo, as aves e os suínos ainda representavam a maior renda das famílias (conforme Tabela 7) cerca de 91% do movimento agropecuário do município de Salete. De fato a produção expressiva não concebe a realidade, pois apesar da alta produção destes produtos os agricultores obtinham valores baixos pela produção, o que não permitia a reprodução familiar, muito menos o acúmulo do excedente econômico através de poupança.

Tabela 7- Movimento agropecuário de 1995

PRODUTOS	VALOR (R\$)	%
Comércio de aves vivas	1.970.927,31	48,03
Comércio de fumo em folha	1.092.106,47	26,61
Comércio de suínos	677.736,29	16,51
Comércio de gados, bubalinos e outros	175.391,96	4,27
Comércio de milho	80.594,97	1,97
Comércio de arroz	35.432,39	0,86
Comércio de leite e deriv. hort	27.163,90	0,65
Comércio de outros (batata, cebola)	26.117,51	0,64
Feijão	18.774,94	0,4
TOTAL	4.104.245,74	100,00

Fonte: Prefeitura Municipal de Salete, 1996.

A produção de fumo se dá de forma integrada, assim como as aves e suínos, onde toda ou parte da produção é financiada pela empresa²¹, ficando o agricultor nas mãos da empresa, que determina o preço de seus produtos e, principalmente, dos insumos que foram adquiridos no início da safra. Somado a este fator, a redução da renda familiar também foi influenciada pelas exigências internacionais, que impuseram nova classificação quanto à qualidade da produção de fumo. Com isso, a diminuição da qualidade do produto, também reduziu os investimentos na modernização da agricultura.

Neste contexto, em que a terra é o meio de produção essencial para a agricultura à forma de sua distribuição e apropriação é fundamental para as relações sociais de produção que se estabelecem na agricultura e pecuária. Dessa forma, um dos resultados da política agrária desencadeada pela introdução de novas tecnologias na agricultura resultou com o acirramento das relações de trabalho mercantilizadas no campo, com o avanço do trabalho assalariado em áreas urbanas, ocasionando o êxodo rural, conforme Tabela 8, que apresenta uma relativa diminuição da população agrícola municipal, devido ao empobrecimento dos agricultores.

Podemos observar a criação e o acirramento de um mercado de trabalho agropecuário, assim como da divisão social do trabalho no setor, transformando a estrutura das profissões e do emprego. A modernização da agropecuária é

²¹ As empresas que atuam no município são: Associated Tob. Company (Brasil Ltda.) – ATC, de Venâncio Aires; Indústria Brasileira de Fumo Ltda. – BRASFUMO; Continental Tabaccos Alliance SA., de Venâncio Aires; Dimon do Brasil Tabacos Ltda., de Araranguá, Palmito, Rio do Sul, Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul e União da Vitória; Irmãos Dalpiaz & CIA Ltda., de Laurentino; JR Tabacos Ltda., de Sombrio; Kannenberg & CIA Ltda., de Apiúna, Morro da Fumaça e Santa Cruz do Sul; Linassi & Teichmann Ltda., de Sombrio; Meridional de Tabacos Ltda., de Agronômica, Rio Azul, Santa Cruz do Sul, São Miguel do Oeste e Sombrio; Souza Cruz S.A, de Blumenau; Sulamérica de Tabacos AS., de Braço do Norte, Rio Pardo, São Miguel do Oeste e Taió; Unifumo Brasil Ltda., de Passo do Sobrado e Taió; e, universal Leaf Tabacos Ltda., de Santa Cruz do Sul.

exigente de mão-de-obra especializada, o que além de expandir o mercado de trabalho o torna mais diversificado, pois além do trabalho braçal, passa a ser necessário o trabalhador agropecuário especializado.

Tabela 8- Distribuição espacial da população agrícola no município de Salete Ano 1996

Comunidade	População	Área (m²)
Rio Wildy	209	23.691,600
Santa Margarida	794	35.059,800
Rio Cipriano	378	27.144,500
Rio do Ouro	158	6.800,400
Rio América	364	22.375,500
Rio Luiz	236	5.709,700
Rio Herta	242	19.316,700
Barra Grande	472	25.072,700
Braço Torretti	168	4.365,500
São Luiz	499	16.785,200
Rio Alegre	177	5.907,100
Rio Platina	220	14.368,100
Total	3.917	206.596,800

Fonte: Prefeitura Municipal, 1996

Apesar de todos os problemas enfrentados percebe-se que o setor agrícola continuou se desenvolvendo, com um diferencial: a retomada da

policultura, como é possível verificar na diversidade da produção agropecuária de Salete em 1999 e 2001, Tabela 9 e

Tabela 10. Muitos foram os fatores que influenciaram para que o êxodo rural não fosse maior ou que todos os jovens abandonassem a agricultura. Dentre estes fatores destaca-se a Prefeitura Municipal de Salete, a EPAGRI (Empresa Pesquisa Agrícola da Santa Catarina) e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que através de intenso trabalho de conscientização, profissionalização dos agricultores e incentivos agrícolas, estagnaram este processo. Outro fator de suma importância para o retorno à agricultura foi as políticas governamentais destinadas ao setor (PRONAF²², Banco da Terra²³, Troca-troca, entre outros).

Tabela 9- Produção agropecuária municipal, em 1999²⁴

Produto	Valor (R\$)
Arroz	200.000,00
Batata-doce	40.000,00
Batata inglesa	50.000,00
Cebola	18.000,00
Feijão	21.000,00
Fumo	2.610.000,00
Mandioca	52.000,00
Milho	1.142.000,00
Melancia	9.000,00
Madeiras	170.000,00
Leite	1.344.000,00
Produtos	142.300,00

²² A Linha de Ação PRONAF Crédito Rural foi instituída em 1995, pela Resolução CMN/BACEN n.º 2.191, de 24/08/1995, que estabeleceu as condições para a contratação do crédito destinado ao apoio financeiro das atividades agropecuárias exploradas mediante o emprego direto da força de trabalho do agricultor e de sua família.

²³ O Banco da Terra é um Programa de crédito do Governo Federal que financia a compra de imóveis rurais e a realização de obras de infra-estrutura básica, como: construção ou reforma de residências; disponibilização de água para consumo humano e animal; rede interna de eletrificação; abertura ou recuperação de acessos internos; construção ou reforma de cercas.

²⁴ Nestes dados não estão inseridas as criações de gado, aves e suínos.

Hortifrutigranjeiros	
TOTAL	5.798.300,00

Fonte: IBGE, 1999.

Tabela 10- Produção agropecuária municipal, em 2001

Produtos	Valor (R\$)
Aves	4.244.437,00
Fumo	3.319.447,28
Suínos	1.775.156,40
Leite	1.004.000,00
Bovino e Bufalino	458.318,32
Arroz	159.844,58
Madeirasas	106.037,00
Milho	71.115,90
Mudas de Pinus/Eucaliptos	7.368,34
Peixe	28.608,05
Produtos Hortigranjeiros	6.112,25
Batata	4.857,00
Vassouras	2.345,00
Mandiocas	1.601,01
Feijão	700,00
Alho	320,00
Outros	17.600,87
Total	11.207.869,00

Fonte: Prefeitura Municipal de Salete, 2002.

A volta à diversificação da produção contribuiu para o desenvolvimento da agricultura. Mesmos os agricultores integrados estão investindo em outras culturas, como a produção de milho e leite. No caso, da produção leiteira esta é destinada às empresas: Lactoplasa, Parmalat, Frimesa (Curitiba -PR), So Marchi Alimentos Ltda. (Laurentino), Cravil (Rio do Sul), Laticínios Moreira Ltda (Rio do Campo) e Laticínio Stolf (Taió).

Somados a estes fatores, cabe ressaltar, a importância das instituições de ensino médio (Escola Agrotécnica Federal e Casa Familiar Rural) direcionado ao

setor agrícola, que apesar de estarem instaladas no município de Rio do Sul exercem forte influência na profissionalização e manutenção do homem no campo. Uma vez que os filhos de agricultores viram novas possibilidades de manutenção e crescimento no campo.

Mas, ainda é comum alguns agricultores do município adequarem suas propriedades agrícolas às atividades urbanas, seja através do cultivo de produtos menos intensivos no uso da força de trabalho, ou até mesmo buscando dividir o tempo de trabalho na propriedade conforme a jornada de trabalho na indústria. A articulação da agricultura familiar com o mercado de trabalho de atividades urbanas trouxe novas perspectivas de reprodução social e econômica para as famílias rurais. Ao invés do clássico mecanismo do abandono do campo e das atividades agrícolas, se verifica uma revitalização do espaço rural, que se dá através da permanência das famílias nas propriedades, pela formação de famílias jovens e construção de suas novas moradias na propriedade paterna, pela expansão do comércio e das atividades de prestação de serviços, entre outros impactos.

2.2.2. ESTRUTURAÇÃO DO SETOR COMERCIAL LOCAL

Em 1930, Luiz Bertoli Sênior, iniciou a construção da infra-estrutura, dentre elas a casa comercial. No qual vendia mercadorias básicas para a sustentação das famílias, tais como: sal, açúcar escuro, café, trigo, fumo, querosene, bebidas, ferramentas, utensílios domésticos, tecidos e aviamentos para confecção de roupas.

Com o decorrer da colonização outros estabelecimentos comerciais foram se estabelecendo na freguesia, como o de Severino Piazza e de Leopoldo Largura. E a partir dos anos 60 muitas outras casas comerciais se difundiram no município de Saleté.

No entanto, o comércio inicial era feito através de troca de mercadorias, não havia dinheiro na comunidade para realizar a transação. Os produtos agrícolas e a madeira eram moedas de trocas num primeiro momento. Além de que a maior parte da produção era destinada ao pagamento das dívidas. Outra característica importante era a atuação dos comerciantes como intermediários na compra da produção agrícola, que era trocada por mercadorias no armazém (comércio).

As mercadorias provinham de Rio do Sul, no qual os comerciantes trocavam a produção agrícola por mercadorias. Porém, em períodos chuvosos faltava mercadorias nos comércios de Saleté, devido às condições ruins da estrada, pois não havia outro meio para se realizar o transporte.

Assim, instalaram-se no município além das casas de alimentos já mencionadas, outros comércios como:

- Sapataria: instalada pelo sapateiro, Francisco Crema, o qual trouxe do Sul do Estado as máquinas (máquina de costura, rebolo e todas as ferramentas) que necessitava na fabricação dos sapatos. Assim, que terminou seu estoque de matérias-primas trazidas do Sul, o sapateiro reconstituía seu estoque comprando a matéria-prima em Rio do Sul e Blumenau. No entanto, não havia mercado consumidor suficiente para garantir o sustento de sua família, o que

obrigou a trabalhar na lavoura com o cultivo de milho e aipim. Mais tarde, Francisco Crema, montou a primeira loja de calçados prontos;

- Ferraria: Antônio Vitória iniciou as atividades de ferreiro no município utilizando ferramentas trazidas do Sul do Estado. Seus produtos eram destinados à agricultura: facões, arrados, enxadas, machados, martelos, grades, carpinadeiras, charretes, carroças e outros equipamentos que os colonos necessitassem. Paralelamente, o ferreiro tinha lavouras e mantinha criação de gados;
- Alfaiates e costureiras: Antônio Pivato, auxiliado por Vitorino Lorenzetti (que mais tarde abriu seu próprio estabelecimento) iniciou as atividades em Saleté. É importante destacar que naquela época não havia roupas prontas e as pessoas se vestiam distintamente, com ternos alinhados e vestidos requintados. Esta característica é possível verificar nos produtos fabricados pelos alfaiates, tais como: culotes, bombachas, ternos com colete feitos com casimira Aurora, casimira Inglesa, Tropical, Sarja e casados de mulher de crepe e seda. O tecido vinha dos armazéns locais, onde eram comprados em peças (grandes quantidades). Mais tarde instalaram-se no município Germano Nazatto, José Cucco, Valentim Betoli e Alexandre Zonta;
- Padaria: construída por Otávio Trentini, produzia pães, cucas (torta de origem germânica) e bolachas. Todos feitos a mão e assados em fornos de lenha. A principal matéria-prima, o trigo, vinha de Taió. A produção era vendida nos armazéns, nas festas e sob encomenda;

- Farmácia: como não havia atendimento médico na freguesia, no primeiro anos até a construção do Hospital em 1945, alguns medicamentos eram comercializados junto à casa comercial dos Bertoli.
- Hotel: construído por Guilherme Ricken na década de 40, e apesar da grande alteração dos proprietários, o hotel instalado no município, naquela época, ainda está em funcionamento, porém com algumas reformas e ampliações.

O setor comercial sofreu algumas alterações, praticamente todas desapareceram, novas casas comerciais foram se instalando, porém uma característica não foi perdida, a propriedade e o trabalho familiar que até hoje estão presentes no município (conforme Tabela 11 e Tabela 12), onde quantidade de proprietários apresenta pouca variação em comparação com o número de empregados. Demonstrando que além de uma agricultura baseada na configuração familiar o município de Salete apresenta um comércio estabelecido sob a mesma configuração – familiar. Outro fator observado são as pessoas que atuam neste setor, parte desta possui mais de uma fonte de renda que provém de outros setores (industrial ou agrícola).

Tabela 11- Relação comercial: empresas X empregados, em 1996

Estabelecimento	Quantidades	Empregados
Açougue	6	12
Abatedouro	1	1
Lanchonete e Bar e Similares	26	36
Hotel e Churrascaria	1	4
Verdureira e Cerealista	6	8
Comércio de Gêneros Alimentícios	15	30
Cooperativa	1	4
Panificadora	1	3
Comércio de Tecidos e Confecções	17	34
Bazar e Papelaria	8	10
Comércio de Material de Construção e Assemelhados	5	35
Comércio de Eletrodomésticos em Geral	2	6
Comércio de Peças e Acessórios para Veículos	3	4
Farmácia	3	8
Posto de Gasolina e Derivados	2	5
Comércio de Produtos Agrícolas	4	6
Distribuidor de Gás	1	2
Comércio em Geral	6	17
Total	108	225

Fonte: Prefeitura Municipal de Saleté, 1996.

Nas tabelas 12 e 13, apresentadas é possível verificar que aumentou o número de estabelecimentos comerciais, porém houve uma diminuição da mão-de-obra empregada no setor. Fato este decorrente do baixo poder aquisitivo da população (conforme Figura 5), além dos atrasos nos pagamentos (as lojas permitem a compra a prazo, estilo caderneta), mercado restrito ao local, e muita concorrência entre estes.

Tabela 12- Relação comercial: empresas x empregados, em 2001

Estabelecimento	Quantidades	Empregados
Açougue e casas de carne	2	2
Lanchonete e Bar e Similares	28	30
Hotel/Restaurante e derivados	3	4
Gêneros Alimentícios/Mini Mercado/Mercadorias	7	10
Panificadora/Pizzaria e Similares	4	8
Supermercados Alimentos/Bebidas	6	25
Com. Confecções de Roupas Feitas	22	30
Com. De Calçados	2	2
Bazar Papelaria e Similares	10	12
Comércio de Artigos Fotográficos	02	03
Comércio de Produtos Agropecuários	03	03
Comércio de Jóias	02	02
Comércio de Materiais de Construção e Elétricos/Tintas	05	08
Comércio de Eletrodoméstico	02	03
Comércio de Peças/Acessório Veículos	09	11
Farmácia Drogaria e Perfumaria	02	03
Comércio em Geral/Outras Atividades	16	16
Total	125	172

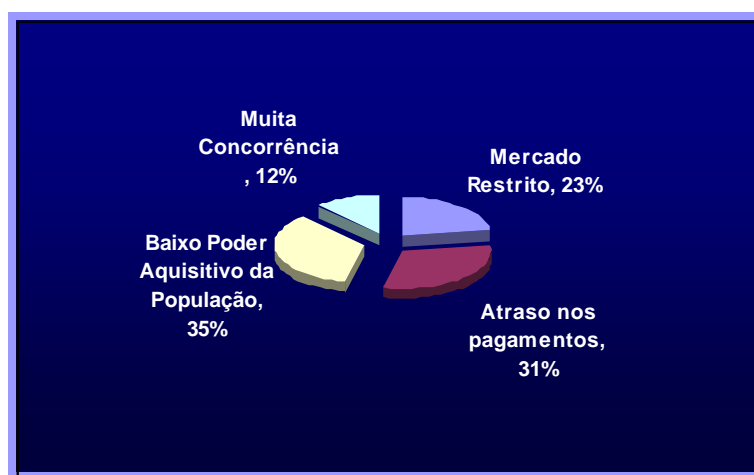
Fonte: Prefeitura Municipal de Saleté, 2001.

Muitos fatores interferem na comercialização dos produtos como a concorrência, pois há grande oferta de produtos semelhantes para um mercado restrito 23% (local). Um dos aspectos que restringem esta comercialização provê características naturais da localização. Ora, o município de Saleté encontra-se na região do Vale do Itajaí, a qual apresenta características industriais e comerciais com grande fluxo de mercadorias, mão-de-obra e capitais.

Com isso as firmas/empresas/indústrias e comércios necessitam de apresentar vantagens competitivas frente à concorrência, inicialmente local e regional. (12%)

Outros fatores que interferem na comercialização surgem em decorrência do atraso de pagamentos (31%), que são conseqüências do maior problema local, neste caso, que é o baixo poder aquisitivo da população (cerca de 35%).

Figura 5- Fatores que interferem na comercialização



Fonte: Sebrae, 1998.

As lojas/casas comerciais têm, em geral, pequenas dimensões, sendo que a maioria possui apenas um pavimento. O perfil das lojas é de pequenas células comerciais e de prestação de serviços. A maioria dos comerciantes reclama das dificuldades em manter uma atividade econômica, haja vista, os altos impostos e encargos sociais. Isto se configura como mais um motivo que os impedem de contratar mão-de-obra. A grande parte dos comerciantes tem um ou dois funcionários e paga baixos salários.

A diversidade de atividades econômicas e de produtos no comércio é confirmada também pela origem das mercadorias. Estas são provenientes de vários locais, desde as indústrias da região até do exterior.

Todavia, a agricultura contribui com o mercado ao adquirir insumos industriais (adubos, óleos, medicamentos veterinários, pesticidas, entre outros), assim como bens de capital (trilhadeiras, colheitadeiras, veículos e ferramentas em geral) e bens de consumo final. Por ocasião das colheitas, as lojas da cidade aumentam o seu faturamento, ao vender roupas, eletrodomésticos, veículos e máquinas agrícolas para os agricultores.

Da mesma forma, durante o ano inteiro, ao pagar salários aos trabalhadores urbanos, as indústrias estão contribuindo para expandir o mercado de alimentos, vestuário e eletrodomésticos.

2.2.3. ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL E EXPANSÃO INTERNA E EXTERNA

O desenvolvimento econômico do município passou por algumas etapas: desmatamento, agricultura de subsistência, exploração agrícola, beneficiamento da produção e exploração dos excedentes econômicos. Estas etapas se deram de forma cíclica, baseadas nas alterações dos modos de produção, o que explica a existência do novo e do velho no mesmo espaço. Que podem ser percebidas ao longo do desenvolvimento histórico do município, em que os arranjos sociais em determinado momento materializam-se no espaço sobrepondo novas formas e funções resultando na atual configuração espacial.

Neste contexto, Luiz Bertoli Sênior, antes de iniciar a colonização do município, construiu uma atafona, uma serraria e uma feclaria, denominadas de LUBESA – Luiz Bertoli Sênior. As quais serviram aos primeiros colonizadores para a transformação do milho e da mandioca em farinha, e, principalmente, para serrar a madeira, que era utilizada na construção das casas (abrigo).

A partir do aumento do número de artesãos estabelecidos na freguesia e a necessidade de transformar os produtos agrícolas, com isso apareceu uma série de pequenas indústrias vinculadas às matérias-primas locais (madeira e lavoura) e às necessidades imediatas da colônia. No entanto, essas indústrias eram de proporções reduzidas e limitadas às atividades de uma família, uma vez que operavam com baixo capital. Isso revela que, no conjunto, essas pequenas indústrias artesanais foram suficientes para garantir a industrialização em maior escala do município.

Do ponto de vista econômico, a marca da lavoura não abandonaria o futuro trabalhador industrial. O plantio para o autoconsumo manteve-se a lado com o trabalho na fábrica, tornando a mão-de-obra menos vulnerável nos tempos críticos, ou garantindo-lhes, perenemente, a alimentação adequada e a diversificação em relação ao trabalho rotineiro e massificante frente às máquinas (HERING, 1987: 57).

Outras indústrias também foram construídas no período da colonização, tais como: marcenarias, atafonas, serrarias, olarias...

- Marcenarias: Artur Bertoli foi o primeiro a instalar uma marcenaria, que produzia móveis para atender a população local. Martinho Loch trabalhou como aprendiz, e em 1943 comprou a empresa. Mais tarde a empresa foi vendida a Hermínio Lenzi, que continua trabalhando, até hoje, na produção de

móveis que é comercializada no local e na região. Bernardo Rohden foi outro colonizador que instalou uma marcenaria, que foi conduzida pelos seus filhos, Samuel e Cornélio Rohden, a qual será melhor estudada no capítulo 3;

- Atafonas: Inicialmente instalada por Luiz Bertoli Sênior para atender os primeiros colonizadores. Mas diante da dificuldade de localização, pois esta estava sediada na área central do município. Fato este que somado as condições das estradas dificultava o transporte da matéria-prima para transformá-la em farinha, que era utilizada para fazer a polenta, principal alimento dos italianos. Deste modo, outros colonizadores, também, instalaram atafonas, próximas às vilas rurais: Francisco Giacomozzi (Rio Cipriano), Bernardo Schlickmann (Barra Grande), Henrique e Gerônimo Airoff (Rio Wildy), José Panini (Furna de São Luiz), Raulino Cucco (sede) e Domingo Floriano (na sede e funciona até hoje). Outros além da farinha possuíam um engenho para transformar a cana-de-açúcar em derivados que eram utilizados para subsistência da família, tais como: de Carlos Batista Moraes (sede) e Guilherme Stipp (Rio Wildy);
- Serrarias: a empresa LUBESA instalou a primeira serraria, que era movida à roda d'água, para serrar a madeira em pranchões (tábuas grossas), que eram usados para construir os primeiros abrigos (casas). Mais tarde, na década de 60 a LUBESA foi vendida a Teodoro Hedler, que continuou o beneficiamento da madeira, a feclaria e a produção de óleo de sassafrás. A indústria Teodoro Hedler chegou a ter 300 empregados, porém com seus equipamentos gastos

e muitos ociosos, por falta de manutenção e investimento em tecnologia a empresa fechou. De modo que, paralelamente à família atuava no setor pecuário, o qual deu continuidade após o fechamento da indústria. Assim como nas atafonas, as serrarias muitas vezes ficavam longe dos colonizadores, que investiram parte do capital trazido na construção das pequenas indústrias. No caso das serrarias: Guilherme Stipp (instalou duas: Rio Wildy e Rio Herta), Padre João Felippi (Rio Platina), Fernando Esser (Santa Margarida), Paulo de Luca (Rio Luiz), Paulino Lorenzetti (Rio Luiz), Alarico Bussarelo (São Luiz);

- Olarias: apesar de haver grande quantidade de madeira na região, Germano Niehues, construiu uma olaria, pois já possuía uma no Sul do Estado antes de vir para Salete. Na olaria transformava a argila em tijolos e telhas, amassada por bois e feitos a mão, destinados a construção de fornos, fogões e telhas para a cobertura das casas. Somente, mais tarde com a utilização dos tijolos na construção das casas adquiriu uma máquina para auxiliar na produção.

O desenvolvimento ocorrido na,

(...) produção agrícola e as pequenas fábricas de laticínios, charutos, farinha e cachaça tiveram êxito efêmero; apenas o tempo suficiente para que os imigrantes, com predominância de alemães e italianos, amealhassem algum capital para se estabelecer em ramos em que tinham alguma experiência e em que contassem com menor concorrência e maior rentabilidade (HERING, 1987: 55).

O processo de industrialização ocorrido nas pequenas localidades tinha uma estreita ligação com o artesanato de origem colonial. Nas décadas de 1960 e 1970, em face do crescimento econômico generalizado da economia brasileira,

houve um rápido impulso dessas atividades, que ampliaram suas escalas de produção e especialmente a absorção de força de trabalho.

As primeiras indústrias eram extensão da agricultura, através do processo de desenvolvimento das atividades agrícolas que geraram um excedente de mão-de-obra no meio rural, composto pelos descendentes e filhos dos pequenos agricultores familiares e de capital. Grande parte dessa força de trabalho passou a se empregar nas indústrias.

Percebe-se que no processo de industrialização, a agricultura não apenas fornece os alimentos e as matérias-primas de que o setor necessita, mas também a mão-de-obra. Mesmo com a existência de uma alteração na relação trabalho/produto no campo, quando o setor industrial começa a atrair pequenos agricultores, a agricultura continua produzindo as mesmas ou até maiores quantidades do que no passado. Isso significa que havia um excedente populacional empregado na agricultura, que pode se deslocar para o setor urbano sem afetar o produto agrícola total.

Contudo, a mão-de-obra que vem do setor agrícola tem pouca instrução e baixa qualificação, com isso, o aumento da população urbana muitas vezes não significa oferta de trabalhadores qualificados para a indústria, que tende a adotar inovações tecnológicas de acordo com o mercado. Conseqüentemente, as indústrias vêm à necessidade de investimentos em educação, tanto na profissionalização, como na reciclagem de trabalhadores inseridos no mercado de trabalho.

As mudanças na organização da produção internas e externas à empresa, de alguma maneira, alteram as formas de uso do trabalho. Isto faz com

que a problemática do emprego esteja associada à discussão da reestruturação econômica. A reestruturação implica a adoção de um conjunto de inovações de técnicas organizacionais que, em geral, diminuem o emprego alocado no processo produtivo, conforme Tabela 13.

Tabela 13- Ano de fundação e população ocupada

Fundação	Empresas Registradas	Pessoas ocupadas	Pessoas assalariadas	Salário R\$
Até 1969	4	239	234	889.920,00
1970 - 1974	5	183	181	971.714,00
1975 - 1979	23	41	28	106.798,00
1980 - 1984	24	462	435	2.252.417,00
1985 - 1989	33	62	31	137.657,00
1990 - 1994	63	209	148	350.215,00
1995 em diante	133	309	223	576.235,00

Fonte: IBGE, 1999.

Em 1998, o Parque Industrial de Salete é constituído por 24 empresas (indústrias), (Tabela 14), na maioria pequenas empresas, baseadas nos setores de vestuário, metal-mecânico e madeireiro. Este fato mostra que Salete não perdeu uma das características iniciais, a exploração da madeira, mas também a exploração não é mais a mesma, pois a madeira utilizada neste setor advém de reflorestamentos, abandonando a exploração de madeiras nativas.

Outro dado que chama a atenção é a quantidade de mão-de-obra assentada nestes setores, apesar da pouca diversidade de indústrias no município, apontando para a importância das empresas madeireiras e de confecções.

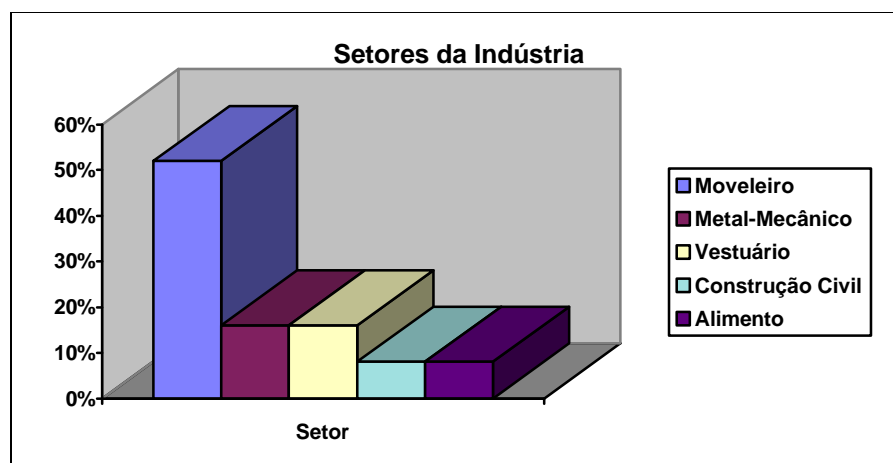
Tabela 14- Relação indústrias/empregados, no município de Saleté – Ano 1998

INDÚSTRIA	QUANTIDADE	EMPREGADOS
Fábrica de Cond. De Essen. p/ alimentos	01	02
Indústria e Comércio de Embalagens	01	02
Fábrica de Luvas e Couro e Assemelhados	01	02
Beneficiamento de Madeira	05	68
Fábrica de Móveis e Esquadrias	03	07
Fábrica de Artefatos de Madeira em Geral	05	667
Fábricas de Máquinas e Equipamentos Metal.	04	72
Fábrica de Artefatos de Cimento	01	04
Fábrica de Artefatos de Barro	01	06
Malharias	02	101
Total	24	731

Fonte: SEBRAE, 1998.

Neste sentido, a base econômica do setor industrial está assentada na exploração da madeira, que durante o período de 1970-1980 se concentrou pela abundância dessa matéria-prima, em seu beneficiamento (conforme Figura 6). Os produtos fabricados pelas indústrias do município têm pouca diversificação, tendo como principais produtos exportados, as madeira beneficiadas, esquadrias, carretéis para cabos elétricos, afiadora de serras, fresas, serra destopadeira, serrarias automáticas, estufas para secagem de madeira, caldeiras com tecnologia alemã e elevadores de carro (SEBRAE, 1998).

Figura 6- Distribuição nos setores da indústria



Fonte: SEBRAE, 1998.

De forma complementar, a importância relativa das indústrias baseadas em recursos naturais e o crescimento da integração produtiva exigem maior proximidades locacional com outras indústrias e instituições como SEBRAE, SENAI e SENAC.

As maiores dificuldades encontradas pelas empresas locais são: a concorrência com produtos de outros países, a concorrência de preço, a alta concorrência, os concorrentes com preços abaixo do custo, o baixo poder aquisitivo da população, os representantes não qualificados, e o prazo de pagamento.

A Tabela 15, refere-se a receita bruta e ICMS do município de Salete, que está assentada na produção industrial municipal. Fato que este que não é constante, pois muitos fatores atuam para o aumento ou a redução da receita bruta. Mas é possível perceber a importância do setor industrial no desenvolvimento local e regional, na contribuição de ICMS ao município de Salete. As alterações nos valores mostram que o desenvolvimento não ocorre de

forma contínua e gradual, mas inclui interrupções alternando situações de crescimento e retração. Pode-se mencionar algumas das variáveis responsáveis pelas alterações que estão relacionadas a dinâmica das inovações tecnológicas, como o conjunto de políticas públicas, as instituições e a sociedade.

Tabela 15- Receita bruta e ICMS lançado em 1999 no município de Saleté

SETOR/ GÊNERO	RECEITA BRUTA					IMPOSTO LANÇADO				
	1999 (R\$)	1998 (R\$)	1997 (R\$)	1996 (R\$)	1995 (R\$)	1999 (R\$)	1998 (R\$)	1997 (R\$)	1996 (R\$)	1995 (R\$)
Agricultura	-	-	6.181	11.051	6.839	-	-	-	-	-
Indústria de produtos minerais não metálicos	81.060	77.113	95.943	63.150	113.305	-	429	898	297	1.745
Indústria Metalúrgica	-	-	-	20.769	-	-	-	-	-	-
Indústria Mecânica	1.341.354	26.696	1.751.239	1.136.361	23.047	2.680	1.579	17.147	9.223	1.931
Indústria de Madeira	5.023.673	4.024.033	4.108.182	5.070.722	5.233.715	25.808	8.700	8.268	18.352	42.630
Indústria de Mobiliário	11.032.175	9.606.742	9.641.938	8.615.225	6.033.580	23.312	24.607	31.699	25.818	-
Indústria de produtos de materiais plásticos	-	-	2.694	2969	-	-	-	-	-	-
Indústria de vestuário, calçados e artefatos de tecidos	7.876.735	4.799.544	2.685.665	1.992.773	503.501	347.541	317.523	154.559	118.015	31.445
Indústria de produtos alimentares	114.248	95.027	40.295	18.400	49.363	1.816	2.166	1.736	437	1.847
Indústria editorial e gráfica	15.169	8.153	-	-	-	-	-	-	-	-
Indústrias diversas	31.483	15.253	16.152	12.639	2.874	-	-	-	-	-
Comércio atacadista	67.369	49.980	46.295	58.777	17.341	-	-	-	-	-
Comércio varejista	6.847.179	6.070.051	6.302.286	5.069.168	4.912.805	41.031	25.127	70.252	83.836	69.405
Fornecimento de alimentação e alojamento	376.482	331.385	377.014	351.143	280.036	-	-	-	-	-
Serviços de reparação, manutenção e conservação	328.211	369.202	383.603	281.587	165.110	-	-	-	-	-
Serviços de transportes	1.050.288	642.183	375.120	337.419	476.571	47.168	18.960	6.165	3.424	9.760
Serviços comerciais	255.674	263.386	260.881	108.009	94.738	-	-	-	101	-
TOTAL	34.441.100	27.178.748	26.093.989	23.150.162	17.912.825	489.356	399.091	290.724	259.503	158.763

Fonte: Dief, 2000, ano base 1999.

2.3. A INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NO DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO

A identidade do município de Salete pode ser expressa pela sua configuração espacial, que se reflete nas diversas adaptações feitas pelo homem em seu meio, como forma de sobrevivência e relacionamento familiar, conservando assim um sentido peculiar na linguagem da sua identidade (alemã e italiana).

Na busca de se entender a identidade local de Salete, procurou-se, neste momento, identificar as imagens, os símbolos, costumes e fantasias que compõem o imaginário social do lugar. Intercalando tais imagens, como forma de se evidenciar, a preservação, destruição do passado, cedendo o seu lugar ao presente ou mesmo a dialética conciliação entre o novo e o velho, o arcaico e o moderno, observadas isto de forma objetiva nas mudanças sócio-espaciais refletidas na paisagem.

Considerando que mediante as relações estabelecidas pelo homem com o seu meio no dia-a-dia, construindo através das suas ações, um lugar de acordo com suas relações sociais. Para a geografia urbana a produção de espaços, se dá através da relação entre vários agentes sociais, relação esta movida pela contradição entre os interesses desses agentes, interesses estes, que espacializados, nos mostram os diferentes pontos de vista desses mesmos agentes produtores do espaço urbano.

Destarte, que o espaço geográfico socialmente produzido é a base material para as realizações das ações humanas, e produto, ao mesmo tempo, de

tais ações; ao produzir espaços, através da implementação de seu trabalho, intelectual ou manual, o homem garante sua própria reprodução, visto que este se constitui enquanto base, meio e produto de suas ações. Através do trabalho o homem produz espaços, ao produzir espaços garante a auto-reprodução.

Dessa forma, procurar entender os vários agentes do campo religioso (sacerdotes e fieis, leigos ou não) em suas múltiplas relações, concebendo estes como agentes em potencial na conformação de novos espaços. Inclusive, considerando as entidades (comunidades, grupos de oração e outros) nas quais estes agentes possam estar ligados e conseqüentemente se apresentarem enquanto representantes destas.

Assim a Igreja é uma espécie de força motriz que impulsiona o homem religioso a agir sobre seu espaço, criando ou transformando paisagens culturais, para que esta responda às suas necessidades, e assim se apresente como a forma material, que identifica e justifica a existência do grupo, assim também, como visa garantir a sua reprodução no momento que delimita o campo de ação deste determinado grupo social, garantindo desta forma sua expressão enquanto grupo a partir de sua territorialidade.

Um exemplo da influência religiosa sobre o homem é a própria colonização de alguns municípios do Alto Vale do Itajaí, onde,

Em alguns casos, estas migrações ocorreram em massa e tiveram o aval ou foram orientadas por religiosos que se encontravam nas localidades prestando assistência aos colonos. Isso ocorreu, por exemplo, no caso da população saída de Rodeio, que migrou da antiga colônia e deu origem a novas colônias, as quais formariam os atuais municípios de Taió, Salete, Rio dos Cedros, Encano, Encruzilhada, Benedito Novo e Massaranduba. Eles foram orientados por frades franciscanos, que, (...) tiveram uma atuação importante na região SILVA, 2001: 39).

É necessário que se esclareça que o agente social age de acordo com suas necessidades, seu papel pode ser múltiplo e variar no tempo e no espaço, um agente produtor de espaços pode ser, ao mesmo tempo, religioso (sacerdote ou leigo) e proprietário dos meios de produção, o Estado pode estar representado, ao mesmo tempo, pelos sacerdotes, promotores imobiliários, agentes proprietários dos meios de produção, dentre outros.

No conjunto, tais agentes concorrem para uma organização espacial específica, podendo esta servir como um indicador a mais, do modo como os diversos agentes sociais fazem uso de seu espaço, atribuindo a estas formas específicas de valor, diferentes formas de ocupação e organização espacial.

A Igreja torna-se por meio da religiosidade um agente social capaz de produzir ou de se apropriar de espaços já existentes no município de Salete, imprimindo características particulares, espaços que justamente por esta peculiaridade possuem o caráter de ser sagrado ou profano, que pode ser transitório ou permanente. Lembrando que uma das condições impostas pelo colonizador na venda das terras referia-se ao caráter religioso, pois todos deveriam pertencer a Igreja católica.

O espaço geográfico de Salete foi marcado pela materialização das relações existentes entre, inicialmente os colonizadores, e posteriormente os moradores e a Igreja, que através de seus representantes – os padres – exerciam forte poder decisório na construção e no desenvolvimento do município.

Ao se estabelecerem em Salete, os primeiros colonizadores sentiram necessidade de construir uma capela. Isso mostra a auto-organização religiosa dos colonos, que precisavam de um local sagrado para realizar suas orações,

promessas, procissões, devoções e outros. A primeira capela foi construída, por volta de 1933, pelos colonizadores. A construção era de madeira e tinha 6X4 metros, onde cada família doou duas toras de madeiras, além da mão-de-obra, móveis, imagens e altar.

Em 1945, foi construída uma das obras mais importantes da região, o Seminário Nossa Senhora da Salette, na parte mais alta do município. Construído pelos padres seculares e, posteriormente, comprado pela Congregação do Espírito Santo, em 1959.

Em 1947, Salette recebeu a autorização que a transformou em Paróquia Imaculada Conceição. Frente à criação da paróquia os moradores se reuniram, em 1949, para construir uma nova Igreja Matriz. Construíram uma olaria atrás da futura Igreja, na qual cada família se comprometeu em fazer 4.000 tijolos, e as famílias que não podiam trabalhar doaram quarenta caminhões de madeira.

A Igreja apresentava-se como reguladora da sociedade, pois utilizava as práticas, sermões, homilias para transmitir opiniões pessoais, faziam política, amedrontavam o povo em relação ao comunismo, julgavam o comportamento das pessoas, determinavam as normas e os valores morais (tipos de roupas, festas, jogos, bebidas, danças). Com isso, a Igreja perdeu muitos fiéis, houve muitas trocas de padres, pois a comunidade não aceitava as imposições. Além dos conflitos por poder entre os padres e o colonizador Luiz Bertoli Sênior.

Devido à construção apressada da Igreja houve necessidade de se fazer uma reforma, em 1960. Mas desta vez com um diferencial, em 1961, além da doação dos moradores, a Igreja recebeu ajuda financeira da Alemanha para terminar a reforma, com essa ajuda também se realizou a ampliação.

Em 1960, a Congregação do Espírito Santo, construiu um novo Seminário na área central, influenciado pelos moradores:

Percebemos que os padres haviam comprado o Morro, eu fui incumbido de ir a São Paulo falar com o provincial, padre Henrique Pohlen, para construir o seminário na praça. Daí ele dizia: porque vocês não falaram antes. O engenheiro já estava em Salete para construir no Morro. No dia seguinte ele veio comigo. Em poucos dias resolvemos construir o seminário na praça. O terreno, 3 hectares, vendemos barato. Outra parte Vitória e Fregulia venderam (SAMUEL ROHDEN apud BONIN, 1992: 196).

Salete apresenta outra relação com a Igreja, pois seu nome está vinculado à imagem instalada no Morro de Nossa Senhora da Salette (santa chorando), na intenção de aumentar a devoção da população.

A presença religiosa no município ainda é facilmente percebida no espaço, pois praticamente todas as comunidades rurais têm sua capela, os membros estão envolvidos em atividades como: catequese, diretoria da Igreja, ministros da Eucaristia e outros.

As festas constituem-se em momentos propícios aos encontros e reencontros de amigos e familiares distantes, consolidando ou criando desse modo laços afetivos. Em geral, os jovens ficam muito motivados, pois concebem esses momentos como de iniciação aos contatos que acenam para a formação de casais e, portanto, a constituição de novas famílias.

Nas tardes de domingo, sempre são organizadas partidas de futebol das quais participam crianças, homens e mulheres. Nesse sentido, as manifestações culturais, religiosas e as diversas formas de lazer são tidas e assumidas, por todos, como componentes fundamentais para o fortalecimento dos laços de amizade e da identidade sociocultural da comunidade.

A participação dos moradores vai além da construção das Igrejas, também foram solicitados para auxiliar na construção da Casa Paroquial, da Escola e do Hospital, que demandou boa parte do excedente econômico familiar, dos primeiros moradores de Saleté.

Esta estreita ligação entre a religião e os moradores, inferiu na organização da sociedade. A comunidade se estruturou a partir da identificação de necessidades coletivas, como a escola, a Igreja e o hospital, baseados na cooperação e solidariedade, permeada por fortes laços de parentesco, compadrio e amizade, bem como por interesses externos vinculados à necessidade dos grupos políticos de ampliarem suas bases eleitorais.

CONSIDERAÇÕES

O processo de ocupação do município de Saleté deu-se com a chegada dos imigrantes europeus que através da agricultura de subsistência e posteriormente o beneficiamento da produção destinada ao mercado interno e externo proporcionando a circulação do capital local.

Apesar das dificuldades encontradas no início da colonização, principalmente no que se refere aos aspectos naturais (vegetação, clima, relevo, animais silvestres) que por outro lado possibilitou o desenvolvimento com a exploração da madeira, a construção de infra-estrutura a adequação aos fenômenos climáticos, o domínio de técnicas agrícolas entre outros.

A presença do colonizador e da Igreja impulsionou a organização espacial e influenciou as relações sociais locais, configurando o espaço geográfico. Por algumas décadas a economia local foi gerida por estes atores locais, proporcionaram a distribuição e a constituição das atividades agrícolas e comerciais. Além disso, a influência da Igreja sobre os aspectos culturais é perceptível desde a colonização, qual priorizava a religiosidade dos colonos (alemães e italianos católicos).

A atividade agrícola exercida pelos pequenos agricultores e suas famílias foram as condições básicas da acumulação de capital local, impulsionadas pela transformação da economia agrícola em industrial. Essas condições a existência de arranjos locais distribuídos no desenvolvimento de atividades como infraestrutura e recursos humanos, bem como os fluxos relacionados à atividade produtiva e inovativa.

Com o desenvolvimento das atividades agrícolas inicialmente para subsistência familiar, os agricultores utilizavam-se dos conhecimentos trazidos de outras regiões, na produção diversificada, na tentativa de obter maior produtividade de seus produtos para inseri-los no mercado interno e até timidamente no mercado externo. Aos poucos esta agricultura consolidou-se com a interdependência dos pequenos proprietários locais (desvinculados do colonizador e dos comerciantes). No qual o excedente econômico provindo da pequena produção mercantil foi direcionada a transformação dos produtos agrícolas.

Além disso, a agricultura contribuiu na organização e desenvolvimento do setor comercial local, onde são aplicadas quantidades expressivas do capital

oriunda das propriedades rurais. Somando-se a isto, a organização das indústrias, primeiramente como extensão da agricultura (agroindústria), e conseqüentemente, com a liberação de mão-de-obra do campo à atividades industriais. Neste sentido, as mudanças ocorridas na organização da produção industrial relacionam-se as alterações nas formas de uso do trabalho, nas inovações tecnológicas e nos investimentos financeiros destinados ao setor.

Paralelamente, as configurações espaciais dadas pelos setores agrícolas, comerciais e industriais, encontram-se o fator cultural, impulsionado pelo homem religioso, que cria e transforma o espaço através de suas ações, de acordo com as relações sociais. Manifestadas por símbolos, costumes e imagens que produz e apropria-se de espaços existentes por meio da materialização.

3. GÊNESE E EVOLUÇÃO GEOECONÔMICO DAS EMPRESAS ROHDEN

As empresas familiares são a forma empresarial importantes nas economias de mercado atuais. Tal importância deste tipo de empresas no panorama mundial resulta do seu elevado número, volume de negócios consolidados, emprego e repercussões econômicas.

Segundo Lodi (1998: 6) uma empresa familiar “é aquela em que a consideração da sucessão da diretoria está ligada ao fator hereditário e onde os valores institucionais da firma identificam-se com um sobrenome de família ou com a figura de um fundador”.

Nesse sentido, Lodi (1998: 7) também afirma que “o pior dos conflitos que infestam as empresas familiares, o conflito na fase de sucessão, é quase sempre o resultado de problemas estruturais”.

A origem da empresa familiar está nas empresas caseiras, em geral pequenas e que não representavam a única fonte de renda da família, pois está é uma extensão de atividades agrícolas exercidas pelas famílias, onde são aplicados os excedentes econômicos. Quando a empresa é capaz de oferecer uma renda adequada para a família, alguns dos seus membros passam a dedicar-se exclusivamente a esta atividade. Profissões como ferreiros, sapateiros, carpinteiros, marceneiros deram origem à maioria das empresas familiares que atuam nos setores metal-mecânico (ferreiro), calçadista (sapateiro), moveleiro (carpinteiro) e madeireiro (marceneiro), da região do vale do Itajaí.

Ao analisar a história de formação de uma empresa, é possível visualizar claramente a inter-relação que o fundador estabelece entre a sociedade-empresa-família e os indivíduos envolvidos.

A relação empresa *versus* família carrega consigo lealdade, dedicação, sensibilidade, integridade de diretrizes administrativas, sacrifícios feitos pela família, entre-ajuda, orgulho familiar, concepção da continuidade e uma consciência profunda dos objetivos da empresa.

Esses elementos não são prerrogativas específicas da empresa familiar, porém manifestam-se, pois eficiência e eficácia, ser empreendedor e empresário também pressupõem e têm por base a compreensão mais ampla das relações humanas, que são fundamentais na relação de trabalho, entre capitalista e operário. As palavras utilizadas pelos dirigentes empresariais para definirem a empresas familiares apresentam uma conotação da importância dada ao conjunto de valores e crenças do fundador, os quais, obrigatoriamente, devem estar incorporados aos dirigentes atuais para caracterizá-la como tal.

Este fato pode ser facilmente percebido nas empresas Rohden, nas quais a presença do fundador diária aos postos de trabalho de seus operários impõe condições de respeito, comprometimento e valorização da mão-de-obra, vislumbrando um ambiente harmônico que permita maior produtividade, menor desperdício, controle de eficiência produtiva entre outros.

Uma análise da empresa familiar em nível regional revela que a maioria se defronta com uma problemática própria, com implicações para a sua sobrevivência, envolvendo questões, como sucessão, gestão profissional e abertura de capital. No entanto, enquanto o empreendedor está no comando, as

decisões são tomadas priorizando a quebra de paradigmas. Essas empresas demonstram ser organizações exemplares, flexíveis e inovadoras, mesmo carregadas de forte tensão devido aos estilos gerenciais conflitantes entre pais (empreendedores) e filhos (sucessores).

As empresas familiares de diversos tipos têm um peso significativo na economia mundial. Essas empresas podem ser modernas e competitivas mesmo com uma forte presença familiar. As empresas familiares tradicionais, contudo, são vulneráveis no novo ambiente econômico. Alguns setores, submetidos à forte concorrência, exigem escala global e capital intensivo, variáveis que são mais estranhas às empresas familiares. O acirramento da concorrência decorrente das mudanças na economia mundial exige vultuosos recursos financeiros para investimentos em tecnologia e ampliação de escala. É preciso investir em tecnologia; fazer uma opção pela modernidade, antecipando tendências de mercado; ter uma administração consistente (estrutura mais enxuta, transparente e inteligível para quem olha de fora) e não deixar que os laços familiares interfiram nas decisões empresariais.

Cabe, aqui, apresentar as características (severidade, intuitivo, autoritário, centralizador, líder, patriarcal e confiança) do fundador de uma empresa familiar e que também é aplicada às empresas Rohden. A severidade é um traço que caracteriza principalmente fundadores que iniciam seu processo de conquistas enfrentando dificuldades ou oriundas de situações adversas ou que têm muita determinação, pessoas que em algum momento viram outros perderem tudo.

De maneira geral o empreendedor tende a centralizar em si todo o processo não apenas decisório, mas os controles em geral, tanto os mais simples

como os mais importantes, chegando até a controlar o comportamento pessoal das pessoas que trabalham em suas empresas. Mesmo em casos de sociedades na fase inicial, sempre existe uma liderança, natural ou carismática, que tende a ser aceita e respeitada. O que se tem então é um processo em que as decisões não são discutidas para busca de consenso.

O sistema e estilo patriarcal que caracterizam muitos fundadores nas estruturas familiares são facilmente transferíveis para suas empresas. Este sistema trata os funcionários com uma grande família e, para tanto, exige uma lealdade que ultrapassa os parâmetros normais de dedicação. Para a contratação de pessoal os empreendedores tendem a valorizar muita a vivência. A prática, a experiência e ter enfrentado situações reais estão cotadas muito acima de títulos acadêmicos e uma formação teórica ou técnica. Outro atributo muito valorizado pelos fundadores é a confiança. Quando perguntados sobre uma variável que colocam em alta conta na contratação de colaboradores a confiança aparece com destaque. No entanto, a empresa moderna²⁵ é vista,

(...) como locus de acumulação de capital, crescimento, e lucros aparecem como objetivos complementares. Pode-se afirmar que os lucros são necessários para o crescimento da firma e que o crescimento é necessário para a manutenção e o aumento do lucro. (...) Na medida em que os montantes de lucros e de dividendos são dados, a firma depara com um determinado volume de lucros retidos em cada período. Tais lucros retidos, mais o montante retido como depreciação, correspondem à acumulação interna da firma (GUIMARÃES, 1987: 25-27).

²⁵ Segundo Guimarães (1987: 25), “A firma fica demarcada por duas características: 1. a existência de uma gerência central que ‘é responsável pela definição ou alteração da estrutura administrativa da firma, estabelecendo as políticas gerais e tomando decisões sobre aquelas matérias que não tenham sido delegadas a nenhum executivo subordinado ou em relação às quais não tenham sido definidos princípios precisos anteriormente’ – esta última categoria incluindo ‘pelo menos as principais decisões financeiras e de investimento da firma e o preenchimento dos cargos gerenciais mais elevados’ [Peronse *apud* Guimarães, 1987]; 2. a existência de um *pool*, real ou virtual, dos lucros de suas partes constituintes, sob o controle da gerência central que é a responsável final por sua aplicação e pelas decisões de investir”.

A gênese e evolução das empresas Rohden, teve na sua trajetória muitos períodos de acumulação de capital, o que lhes permitiu a expansão e inserção nos mercados internos e externos. Utilizando-se, inicialmente, de vantagens comparativas (com a disponibilidade de madeiras) e de estratégias competitivas, que levaram as empresas à expansão.

3.1. ORIGEM DAS EMPRESAS ROHDEN E EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES

Em 1933, a família Rohden, atraída pela propaganda de adquirir terras férteis com facilitadas condições de pagamento, deixa, com Bernardo Rohden o município de São Ludgero (Sul do Estado de Santa Catarina) para conhecer novas terras.

Num primeiro momento Bernardo Rohden e a família instalaram-se num pequeno galpão (construído pela empresa colonizadora), onde moraram por aproximadamente oito meses até conseguir construir uma casa (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Após a aquisição das terras, a única atividade a ser desenvolvida na freguesia, a priori, era a agricultura, que consistia numa policultura de subsistência. Mas como era comum nos núcleos coloniais vastas área de matas, a exploração da madeira tornou-se uma opção viável, contribuindo mais tarde para a fixação da população no município, devido às oportunidades de emprego, que refletiriam numa renda mensal fixa. Já que na agricultura era utilizada

tecnologia rudimentar e não havia condições para corrigir o solo (Bonin, 1992: 47).

Com todas essas dificuldades encontradas e a necessidade de sobrevivência, em 1938, Samuel Rohden (filho de Bernardo Rohden) foi a Blumenau, onde iniciou atividades em marcenaria, buscando apreender este ofício em uma pequena fábrica de móveis, pertencente a Hugo Hadtke. Depois de nove meses, retornou à Saleté, para confeccionar peças de móveis artesanalmente, no intuito de garantir a sobrevivência da família no período em que a produção agrícola não fosse suficiente para tal finalidade. No decorrer de dois anos fundou uma pequena marcenaria movida por uma roda d'água (conforme Figura), tendo comprado um eixo de serra circular da Alemanha, pois na época não se produzia tal engenho no Brasil (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

Vale ressaltar que nessa época a industrialização brasileira adquiriu um impulso extraordinário desde a revolução de 30, em conjuntura com forte contração do comércio internacional. Como menciona Fausto, citado por Mamigonian (2000:45), que “a revolução de 30 teve relação direta com o período depressivo do 3º Kondratieff (1920-1948) e com o final da hegemonia industrial britânica e da economia agro-exportadora, inaugurando o período de expansão da economia nacional, sob dinamismo próprio...”.

Samuel Rohden trabalhou desta forma por dois anos, e sem perspectivas de melhoras, optou pelos estudos em um colégio interno. Durante este período, seu irmão Cornélio Rohden deu continuidade às atividades, tendo como base às experiências adquiridas do irmão (BONIN, 1992: 94). Esta é uma característica

importante da pequena produção mercantil; demonstrando claramente que a realização do trabalho era, inicialmente, realizada somente pela família, sem mão-de-obra assalariada.

Os primeiros produtos confeccionados na pequena marcenaria eram móveis (móveis para escolas e igrejas - católicas, portas, janelas, e outros) destinados basicamente à população local, mas que com a passar do tempo ampliou-se para o âmbito regional, devido ao relacionamento mantido com os padres alemães (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Em 1946, Samuel Rohden voltou à Salete, a convite do seu irmão, Cornélio Rohden, para entrar como sócio na firma denominada “Cornélio Rohden”, com 50% das ações. Vale ressaltar que todo capital inicial investido nas empresas provinha do excedente econômico da agricultura, ou seja, da pequena produção mercantil (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Assim,

(...) as zonas de pequena produção mercantil, que vão se formar a partir da segunda metade do século XIX, em áreas como o planalto paulista, o nordeste catarinense... vêm demonstrar nitidamente a presença de importantes manchas de uma formação de tipo clássica ou norte-americana (SILVA, M.A., 1999).

Essa evolução diferencial da sociedade é baseada nas relações econômicas e sociais, que caracterizam a sociedade em determinada época, composta por uma estrutura técnico-produtiva. Contendo diferentes formas técnicas e organizacionais do processo produtivo, as relações de produção existentes concebidas em um espaço, dão-nos a formação social. E caracteriza todo processo de instalação das indústrias originadas de pequenos proprietários

comerciais, que acumularam capitais e originaram indústrias de alto poder competitivo.

O ano de 1954 marcou o início das atividades do grupo Rohden, quando a razão social foi mudada para “Fábrica de Esquadrias Rohden S.A.”, decorrente do aumento da produção e da inserção de mão-de-obra assalariada, que produziam portas, janelas e móveis (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

Como as indústrias não tinham perspectivas a curto e médio prazo, Samuel Rohden mudou-se temporariamente para Rio do Sul, onde cursou o 2º grau como técnico em contabilidade. Durante este período, Cornélio Rohden continuou a fabricação de móveis e tendo a produção aumentada a cada ano, a empresa iniciou sua inserção na comercialização de esquadrias de madeira para os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

“Em 1957, com a eliminação de alguns itens da linha anterior, ocorreu o início da produção de carretéis de bobinas para condutores elétricos. Nessa época a empresa já contava com a serraria própria vertical, com 12 empregados na produção” (ROHDEN S.A., 2003).

A determinação e a índole empreendedora levaram a “Rohden S.A.” a tornar-se pioneira, entre as empresas madeireiras brasileiras, na fabricação de carretéis de bobinas para a indústria metalúrgica de fios e cabos. A inserção deste produto na linha de produção da empresa surgiu numa proposta feita por um engenheiro da IMPRAL - São Paulo, que apresentou o desenho do produto e

propôs o negócio, pois até esta época as indústrias metalúrgicas tinham em suas empresas um departamento de marcenaria (BONIN, 1992: 95).

No ano de 1960 mudou-se novamente a razão social da empresa para “Rohden S.A.”, e o freqüente contato com os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro reanimaram Samuel Rohden a voltar para Salete (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000). E com a ampliação da mão-de-obra para 25 empregados, promovendo a dinamização da produção, sendo instalada nesta época uma serra-fita e energia elétrica própria, gerada por turbina e locomotiva.

A necessidade de ampliar a fábrica deu-se em 1964, com a criação de um setor especial para bobinas, construção de novo prédio para o escritório e instalação do gerador. Já em 1969, houve um aumento expressivo de mão-de-obra que passou para a casa dos 120 funcionários, o que necessitou de nova ampliação do setor de esquadrias, bobinas e instalação de estufas para secagem de madeira (ROHDEN S.A., 2003).

Nos anos 70, devido a grande demanda de mercado, que implicou no aumento da produção e conseqüentemente a falta de espaço físico para expansão da infra-estrutura, a empresa criou nova unidade. Esta unidade atuava sempre em conjunto, com a Rohden S.A., pois até mesmo os pedidos de compra e venda de produtos eram divididos. Em 1968, foi instado um novo setor de esquadrias, dobrando a produção de portas e janelas, com o auxílio de 360 operários divididos entre as duas empresas.

No início da década de 80, a nova unidade passou a atuar com administração própria e contabilidade separada, quando foi realizada a cisão

parcial da Rohden S.A., com a desincorporação de 50% do patrimônio a “Rohden Artefatos de Madeira Ltda.”, sob a direção de Samuel Rohden.

Apesar da diversificação e inserção das empresas Rohden em setores e mercados distintos, neste trabalho são abordadas somente as empresas atuantes e pertencentes à família, no município de Salete: Rohden S.A., Rohden Artefatos de Madeira Ltda. e Marroh Confecções Ltda.

- **Rohden S.A.**

Tendo como objetivo de ampliar e melhorar o setor de produção, em 1986 foi construído em galpão pré-moldado com área de 1.284,80 m², destinado ao setor de produção de carretéis e bobinas. Também, em 1987, foi construído um prédio novo para o escritório com área de 521,83 m². E em 1988 foi concluída a construção de um galpão pré-moldado com área de 2.226,35 m², para o setor de portas.

Com a expansão das empresas e a divisão familiar (herança), novamente dividiu-se a empresa: a “Rohden S.A.” foi dividida entre os 11 filhos de Cornélio Rohden, que até hoje formam um grupo de acionistas, sendo que dois deles, atualmente Laércio e Genésio Rohden, foram eleitos para dirigir a empresa (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Em 1993, foram concluídas a construção de uma estufa com área de 95,00 m², um galpão em pré-moldado em alvenaria com área de 694,03 m² para serraria e um galpão industrial de pré-moldado em alvenaria com área de 42,58 m².

Em 1995, foram concluídas: uma construção em alvenaria servindo para casa da caldeira com área de 320,00m²; uma construção de madeira servindo de almoxarifado e oficina mecânica com área de 715,00m².

No ano de 1996, foi eliminada a produção de carretéis de bobinas para condutores elétricos e telefônicos, com a empresa concentrando sua produção em portas de madeiras de *pinus* com “nó” e *clear* para o mercado externo.

Em 1999, no galpão que serviu ao setor de bobinas, foi adaptado para a produção em série de móveis diversos: roupeiros, estantes, cômodas, camas de casal, camas de solteiro e camas de beliches.

No ano de 1991, a Confederação Nacional da Indústria - CNI, institui o Prêmio Nacional de Qualidade e Produtividade, visando a melhoria dos processos produtivos e a qualidade do produto nacional, sendo a empresa Rohden S.A. participante e conquistadora do 1º lugar em nível de Brasil, através de melhoramentos de processos produtivos e das máquinas.

- **Rohden Artefatos de Madeira Ltda.**

Os equipamentos iniciais da empresa (plainas, galopas, tupias, serras) eram de origem nacional, assim como a comercialização dos produtos: bobinas (carretéis de madeira para condutores elétricos e telefônicos, representava 70% do faturamento), portas (para construção civil, respondia a 15% do faturamento) e janelas (também para construção civil, representava os outros 15% do faturamento).

No decorrer do tempo a empresa realizou diversas alterações na planta original, como modernização e ampliação da planta e adaptações na planta produtiva para promover modificações na composição do produto. Além de reposição de equipamentos, adaptação às exigências do mercado internacional, melhorias na qualidade do produto, investiu em controle ambiental e na formação de mão-de-obra.

No início o capital empregado era próprio, no valor de Cr\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros). Com a ampliação da produção foi necessária a inclusão de mais capital, onde as principais fontes de financiamento foram os Bancos Oficiais (1980, 1985, 1993, 1998), Bancos Privados (2001) e recursos externos (2000).

Enquanto que, em 1991, Samuel Rohden dividiu a “Rohden Artefatos de Madeira Ltda.” entre seus 12 filhos, que constituíram novas sociedades entre si, todas autônomas, que passaram a ser administrada por Lino Rohden. Com essa divisão originaram-se outras empresas que partiram para diversos setores, tais como: madeireiro (Rohden Florestal Ltda. - Silvio Rohden), metal-mecânico (Romaq Ltda. - Agenor Rohden) e têxtil (Marroh Confecções Ltda. - Agenor Rohden) todas em Salete, e madeireiro (Rohden Pinus – Ademir Niehues) em Itararé-SP. Hoje, a empresa encontra-se com a seguinte composição acionária: Lino Rohden (96,1%) e Flávio Kennedy Rohden (3,9%) (Rohden Artefatos de Madeira, 2003).

Em comparação com 1990 sobre a situação do principal produto comercializado pela empresa verifica-se que em 1985 apenas os preços eram maiores, enquanto que em 2001 houve uma redução. Porém o custo de

produção, o nível médio dos salários, o prazo de entrega, a sofisticação tecnológica, a durabilidade e o faturamento são maiores que em 1990.

A introdução de portas de *pinus* no mercado internacional, no final da década de 80, exigiu das empresas a aquisição e o plantio de *pinus*, por exemplo o entorno da empresa é composto por reflorestamento de *pinus*.

- **Marroh Confecções Ltda.**

Enquanto que a indústria têxtil desenvolveu-se a partir de 1987, num espaço de 30m², contando com apenas duas máquinas de costura. Foi fundada por Marlizete Antônia Roza Rohden, esposa de Agenor Rohden. Tendo inicialmente o nome fantasia “Por do Sol”, e capital inicial empregado na ordem de R\$ 7.000,00, proveniente da poupança familiar. Neste período a empresa produzia e comercializava bermudas no mercado local. (Todas as informações sobre a empresa Marroh Confecções Ltda. foram fornecidas por Agenor e Marlizete Rohden, em 10/10/2000).

A partir de 1989, após visitar a maior feira mundial do setor “ISPO” (International Society For Prosthetics And Orthotics), em Munchen, na Alemanha, houve uma grande inovação na linha de produtos. Que levou a necessidade de criar uma nova marca que se identificava com o público alvo – jovem. Somente em 1991 surgiu a nova razão social “Marroh Confecções Ltda.”, tendo como sócio Agenor Rohden. A partir deste ano passaram a atuar com lojas próprias e com a marca Hanapepee, porém ainda continuavam a atender as lojas multi-marca, por intermédio de representantes.

Em viagens aos Estados Unidos e Europa observou-se que a moda esportiva desses países era elaborada com matérias primas diferentes das brasileiras, enquanto que aqui se utilizava basicamente produto de algodão e também nylon, no exterior utilizava tecidos com composição e acabamento bastante diferentes. Assim quando a indústria brasileira começou a disponibilizar no mercado estes novos tecidos – tactel e microfibra – iniciou-se a produção de bermudas e agasalhos confeccionados com estes tecidos.

Em 1995, a empresa começou a trabalhar com produtos/marcas de maior expressão no mercado. Desta forma, buscou formar parceria com empresas como a Rhumell, Fido-Dido e Diadora, sempre confeccionando produtos na linha esportiva (bermudas, camisas de futebol, calções, agasalhos, etc.). Paralela a essa produção, a empresa sempre atuou com marca própria – Hanapepee – na confecção de produtos esportivos.

3.2. ESTRUTURA ORGANIZACIONAL/OPERACIONAL

Ao procurar compreender o fenômeno industrial deparou-se com a seguinte questão: como entender o conflito das múltiplas determinações, que se estabelecem entre o contexto sócio-espacial e o arranjo sistêmico dos elementos (matéria-prima, maquinário e tecnologias organizacionais, mão-de-obra e mercado) que compõem as indústrias, refletindo na organização da estrutura interna.

Ora, não obstante partindo do princípio de que a estrutura interna das indústrias, em certo sentido, absorve e reflete as forças oriundas do contexto (local, regional, nacional e mundial) em que está inserida, é preciso considerar também que suas estruturas internas, que se expressa pela luta e interação entre o novo e o velho, também implica em forças reversas que contribuirão na organização interna.

No contexto mundial a economia passa, hoje, pela consolidação de um novo paradigma de competição internacional, baseado na capacitação tecnológica, inovação e flexibilidade. Para muitas empresas, o novo ambiente competitivo desconhece fronteiras e sofre constantes alterações com a alta mobilidade do capital e conseqüentes mudanças na localização das atividades produtivas, e com o ritmo acelerado da mudança tecnológica.

Para os sistemas produtivos regionais, a existência de vantagens comparativas tradicionais como a mão-de-obra barata e a disponibilidade de insumos primários demandam um novo modelo de desenvolvimento baseado na inovação, capacitação de recursos humanos e utilização do conhecimento científico e tecnológico. Estes fatores demandam por sua vez novas estratégias regionais de relacionamento entre os agentes econômicos, tanto no setor público como na iniciativa privada, e a redefinição do papel do Estado no apoio à inovação e o desenvolvimento de capacidade tecnológica.

O potencial de políticas de reestruturação regional é condicionado em grande parte pela composição setorial e configuração espacial da produção, bem como outros fatores regionais como o nível tecnológico, qualificação da mão-de-obra, produtividade e posição competitiva. A introdução de núcleos dinâmicos na

região do Vale do Itajaí pode impulsionar grandes mudanças nas bases técnicas, organizacionais e institucionais do seu sistema produtivo, mas também exacerbou as disparidades tecnológicas, econômicas e sociais entre diferentes setores da economia e diferentes pontos da região, integrando-os a estratégias mais amplas para um desenvolvimento equilibrado.

Sob o ponto de vista do desenvolvimento regional, isto implica a necessidade de identificação e aproveitamento das vocações, potencialidades e singularidades de cada local, juntamente com os seus vínculos com o contexto espacial mais amplo, para promover um modelo de desenvolvimento baseado na inovação, na difusão tecnológica, principalmente entre pequenas e médias empresas, e na acumulação progressiva de vantagens competitivas.

3.2.1. PROCEDÊNCIA DAS MATÉRIAS-PRIMAS EMPREGADAS NAS EMPRESAS

As indústrias, neste caso têxtil e madeireira, caracterizam-se pela soma de diversos processos de produção, envolvendo diferentes insumos/matérias-primas e uma diversidade de produtos finais. Assim, podem ser segmentadas, em função dos materiais com que seus produtos são confeccionados, bem como de acordo com os usos a que são destinados. Além disso, devido a aspectos técnicos e mercadológicos, as empresas em geral são especializadas em um ou dois tipos de produtos.

No que se refere às indústrias madeireiras (Rohden S.A. e Rohden Artefatos de Madeira Ltda.) as madeiras eram retiradas no município de Salete,

inicialmente nas próprias terras e depois eram compradas num sistema de troca: árvore inteira por madeira serrada para construção das casas. Uma vez que as áreas de mata eram extensas, onde se encontravam grande quantidade e diversidade de madeiras de lei, como a canela e o cedro (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

As primeiras linhas de produtos fabricados pela empresa eram de madeiras de lei, como: mogno, cerejeira, imbuia, cedro, retiradas na região ou vindas do Mato Grosso. Devido à extinção de espécies e as restrições ambientais, quanto ao uso de madeiras de lei, tem aumentado muito a importância, no comércio internacional a utilização de madeiras de reflorestamento como o *pinus* e o eucalipto.

Com a dinâmica da modernização tecnológica, os grandes empecilhos ao uso de madeiras menos nobres foram sendo eliminados. Além disso, devem-se mencionar os avanços adquiridos com as técnicas de acabamento que permitem fazer com o "*pinus Elliottis*", por exemplo, portas de ótima apresentação e qualidade (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

Paralelamente, a introdução de novas matérias-primas, além das tradicionais madeiras nobres, cuja comercialização devido a preocupações ambientais, encontram-se hoje restritas, também vem influenciando tanto o processo produtivo como o mercado consumidor. Entre as madeiras reflorestáveis destacam-se o "*pinus Elliottis*", que atualmente é utilizado como matéria-prima básica na fabricação dos produtos nas indústrias madeireiras pertencentes à família Rohden (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

Em relação às florestas plantadas, as empresas têm potencial para ser bastante competitiva, em função do baixo custo de sua madeira de reflorestamento. Além disso, esse é um mercado com excelentes perspectivas, em vista das atuais restrições ambientais ao comércio internacional de madeiras nativas e ao elevado custo financeiro das florestas nativas brasileiras.

O baixo custo das madeiras de reflorestamento no Brasil relaciona-se, principalmente, com os seguintes fatores: clima adequado ao rápido crescimento das florestas plantadas – em geral entre 12 e 14 anos, contra o período médio de corte de 50 anos nos climas temperados; tecnologia florestal dominada; e extensas áreas disponíveis (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

Não obstante, sempre há necessidade de melhorar o manejo florestal da madeira, visando obter melhor qualidade do produto, principalmente com a diminuição da alta incidência de “nós” e os problemas relacionados à secagem (teor de umidade e rachaduras) (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

A madeira que apresenta “nós” é considerada normalmente de baixa qualidade. Isto porque estes nós causam transtornos no processo de industrialização da madeira, reduzem a resistência física da madeira e nem sempre são aceitos do ponto de vista estético. Em todas as árvores que tem galhos também são encontrados “nós” na madeira do tronco, depende, no entanto

do histórico de desenvolvimento destas árvores o tamanho e as características destes “nós”²⁶.

A secagem correta é muito importante nos processos de transformação da madeira em produtos, pois proporciona melhoria nas características de manuseio e redução da movimentação dimensional e da possibilidade de ataque por fungos e insetos. Além disso, quando o processo é realizado em secadores e conduzido de maneira adequada, obtém-se considerável redução do tempo de secagem e maior controle sobre os defeitos.

O aumento da demanda da produção, feito através de acordos comerciais estáveis com os países da Europa, Ásia e Estados Unidos, que exigiu das empresas Rohden maior quantidade de matérias-primas. Assim, considerando que as áreas reflorestadas não eram suficientes para suprir as exigências do mercado internacional, partiu-se para aquisição de madeiras (“*pinus Elliottis*”) de terceiros, que na sua maioria estão localizados no planalto serrano em Santa Catarina. Conseqüentemente, um setor terceirizado ou sub-contratado foi o transporte de matérias-primas, sendo que as empresas prestadoras de serviços são compostas por ex-funcionários e pequenos agricultores locais (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

²⁶ Os “nós” são formados a partir da base dos galhos. Enquanto os galhos estão vivos, o desvio das fibras da madeira para formar o lenho do galho ou para contornar a base do galho é o maior problema tecnológico. A partir do momento da morte do galho o lenho novo do tronco perde contato com o lenho do galho provocando a descontinuidade das fibras. Após a morte do galho inicia o processo de decomposição de sua madeira, reduzindo ainda mais a resistência da madeira. A porção do galho com madeira sem ligação com o tronco ou com madeira em deterioração é denominada de “nó” morto. A deterioração da madeira do galho avança até que o galho quebre. Neste momento inicia a oclusão do “nó” morto através do crescimento radial do tronco. Concluída a oclusão dos nós é formado lenho sem nós nos troncos, de alta qualidade. Este processo ocorre naturalmente em todas as espécies arbóreas e é denominado de desrama natural. O que muda de espécie para espécie e mesmo entre árvores da mesma espécie é a velocidade e eficiência desta desrama natural.

A empresa Rohden S.A. possui também em alguns municípios vizinhos, reflorestamentos próprios de *pinus*, particularmente nos municípios de Salete, Witmarsum, Papanduva, Taió, Mirim Doce e Monte Castelo, contendo no conjunto aproximadamente 1.500.000 (um milhão e quinhentas mil) árvores plantadas.

Além da falta de florestas para a exploração de madeira, a empresa Rohden S.A. também adquire madeira serrada, pois a demanda por produtos tem apresentado expressivos aumentos, e às vezes a empresa não tem condições (tempo) para serrar toda a madeira e entregar o pedido no tempo solicitado. Outros produtos que fazem parte do processo produtivo, como: colas e adesivos, vernizes, lixas²⁷ e outros, provenientes de Santa Catarina e do Paraná.

As principais dificuldades na aquisição de matérias-primas, para as empresas são: aumento dos preços da matéria-prima, prazo de entrega, falta de capital de giro e transporte com custo elevado.

No setor têxtil os recursos naturais oferecidos pela região do Vale do Itajaí são pouco relevantes no que se refere ao fornecimento de matérias-primas ou insumos para as atividades da cadeia têxtil-vestuário, uma vez que uma das principais matérias-primas: o algodão é fornecido por agentes de fora do sistema local. São insumos que podem combinar-se de diversas formas e transformar-se em diferentes produtos. Assim a matérias-primas que a empresa de confecções

²⁷ A indústria madeireira tem enfrentado uma certa dificuldade em obter um acabamento final com qualidade, onde se destaque a lisura da película de tinta que foi aplicada. Alguns processos podem auxiliar a diminuir o problema apresentado visando obter melhor qualidade sem aumentar os custos do processo produtivo da pintura. Em princípio, o processo de lixamento da madeira é o primeiro passo para obter-se um bom acabamento na pintura.

necessita, como: tecidos, linhas, agulhas, embalagens e outros, vem parte da região do Vale do Itajaí e parte de São Paulo.

Se no passado, a competitividade resultava fundamentalmente da exploração de condições naturais como seja a disponibilidade de matérias-primas e/ou de elevados contingentes de mão-de-obra desqualificada e a baixo custo, com a mudança de paradigma técnico-científico-informacional, passa ser a principal bandeira, na competitividade, resultando em vantagens competitivas.

3.2.2. MAQUINÁRIO E TECNOLOGIAS ORGANIZACIONAIS

No início das atividades os fundadores recorriam aos próprios conhecimentos e experiência, adquiridos nas oficinas e viagens à Europa, para projetar, fabricar e encomendar os equipamentos e peças de reposição para as máquinas importadas (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

A tecnologia necessária à fabricação pioneira de alguns produtos das indústrias madeireiras foi desenvolvida no próprio estabelecimento, baseada muitas vezes em visitas a outros estabelecimentos do ramo. Já as primeiras máquinas foram importadas da Alemanha por intermédio dos padres católicos, e as primeiras ferramentas adquiridas na própria região ou importadas da Alemanha (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

A preocupação com a qualidade de bens e serviços não é recente. Os clientes sempre tiveram o cuidado de inspecionar os bens e serviços que recebiam. Surgindo, assim, a preocupação com a gestão ambiental por parte das empresas Rohden, tendo em vista tornarem-se ainda mais competitivas, além do

avanço tecnológico. No intuito de aumentar a qualidade de seus produtos, o grupo Rohden passou a adotar técnicas e métodos de qualidade (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Em 1988, houve a introdução de novos equipamentos para atender a demanda do mercado interno e, agora, também externa. Assim como a construção de uma nova planta e inserção de novas tecnologias organizacionais no processo produtivo da Rohden Artefatos de Madeira Ltda.

Com a abertura comercial, que vem sendo implantada na economia brasileira desde 1990, as empresas Rohden (madeireiras) se viram diante de um novo concorrente, o produto era exportado por outras empresas, oriundas principalmente do Chile, Polônia e alguns países africanos e asiáticos. O fato é que esses países são bem agressivos em termos de comércio exterior, considerando que seus produtos são mais competitivos (Informações fornecidas por Laércio Rohden, em 05/10/2000).

Dentre as técnicas utilizadas para se tornarem mais competitivas, os Círculos de Controle de Qualidade (CCQ), foram aplicados com a finalidade de obter a melhoria da qualidade através da automotivação dos operários e uma opção para a reorientação gerencial das organizações. Certamente pode ser entendido como um novo modo de pensar, antes de agir e produzir, que implica numa mudança de postura gerencial, no que tange suas atitudes e comportamento.

Da gestão de qualidade depende a sobrevivência das organizações, que precisam garantir aos seus clientes a total satisfação com os bens e serviços produzidos, contendo características intrínsecas, de qualidade e preço que os

clientes possam pagar, entregues, pois, dentro do prazo esperado. (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000). Focalizam a satisfação do cliente, aperfeiçoamento contínuo da empresa e de todos os funcionários na resolução de problemas de qualidade, destacando, aqui, os conhecimentos, as habilidades e a confiança no operário.

Outros programas de qualidade também foram aplicados, como o sistema *kanban*²⁸ e o *just in time*²⁹, que estavam voltados, basicamente, para contenção e redução de todo tipo de desperdício nas áreas de produção e de materiais das empresas.

Esse processo de controle implica ainda na modificação do *layout* da fábrica, através da criação de células de produção, que reduzia o gasto com material, resultando no aumento da produtividade, redução do estoque e diminuição da mão-de-obra (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

Com estes programas de melhoria de qualidade implantados (CCQ - Círculo de Controle de Qualidade), as empresas, inclusive as empresas Rohden,

²⁸ O *Kanban*, um método de controle de estoque e controle da produção, surgido no Japão por volta da década de 60, refere-se às estações de trabalho na quantidade e no momento em que são necessários. Na sua forma básica, ele constitui um método de controle por meio de cartões, que se sustenta em “*kanbans*” (cartão ou bilhete em japonês) reutilizáveis, os quais autorizam a realimentação de material das estações de trabalho ou depósitos precedentes. Várias formas diferentes de sistemas *Kanbans* foram estabelecidas, desde que Taiichi Ohno introduziu o *Kanban* em fábricas de automóveis da *Toyota*. O *Kanban*, também molda processos de produção de forma que facilitem o aperfeiçoamento, além dos padrões originais.

²⁹ O nome *Just-in-Time* significa “*bem na hora*” ou “*em tempo*”, e, de fato, este é um dos principais conceitos que tem como característica a procura contínua do caminho da simplicidade, através do atendimento das necessidades dos clientes de forma exata e no momento requerido. Evita-se assim, desperdícios de uma maneira geral, eliminando tudo aquilo que não agregue valor ao processo ou produto. Atua de forma completa, envolvendo a organização como um todo em todos os seus processos (marketing, financeiro, vendas, produção) e nas inter-relações entre eles. O foco principal deste trabalho está centrado no sistema produtivo, sendo assim, dar-se-á ênfase ao Sistema de Produção JIT e aos aspectos a ele relacionados.

submetem seus sistemas de qualidade à avaliação internacional da ISO³⁰ (*International Organization for Standardization*), para regulamentar os sistemas de qualidade nas empresas Rohden. Em 1999, a indústria Rohden Artefatos de Madeira Ltda, obteve o certificado da ISO 14000, sendo esta a primeira madeireira catarinense a receber tal certificado (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

Os importantes “Certificados” como ISO 9000 e ISO 14000 são disponibilizados por instituições externas ao local. As “Diretrizes”, consideradas como guias para os procedimentos dos agentes avaliarem as organizações, são definidas como normas técnicas fundamentais que servem para garantir um certo desempenho dos produtos e processos.

Para entender o papel potencial das relações de cooperação para aumentar as capacidades tecnológicas regionais, é útil estabelecer uma distinção entre dois elementos-chave da aquisição do conhecimento. Que podem ser caracterizados como insumos internos ou "endógenos" e externos ou "exógenos" à empresa. O primeiro tipo é um fluxo de conhecimento gerado como resultado de atividades internas da empresa; o segundo representa um fluxo de conhecimento gerado por atividades orientadas ao ambiente externo, como a busca e absorção de informação fora da empresa.

A introdução de novas tecnologias e programas de qualidade sempre esteve ligada ao SENAI-SC (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – Santa

³⁰ A ISO editou uma série de normas de qualidade (série 9000), na qual visam a qualidade ambiental ou o equilíbrio entre as atividades empresariais e o ambiente. Envolvem o ciclo de vida do produto e o tratamento de seus dejetos. Entretanto, outra série (série 14000) foi elaborada a fim de integrar os princípios de desenvolvimento sustentável e a gestão ambiental.

Catarina), a visitas em empresas internacionais, participação em feiras e eventos do gênero, pois há uma procura constante, com maior abertura e criatividade, que geram um ambiente propício à busca de soluções novas e mais eficientes.

Na indústria têxtil houve avanços tecnológicos com a utilização dos sistemas CAD/CAM (*Computer Aided Design/ Computer Aided Manufacturing*) e de dispositivos de controle numérico. Os benefícios obtidos são a redução no tempo do processo produtivo e no desperdício de tecido, além da flexibilidade para alteração dos modelos.

A costura é a principal etapa do processo, concentrando cerca de 80% do trabalho produtivo. Nesta fase são encontradas muitas dificuldades que vêm retardando os avanços tecnológicos, principalmente em relação às características do tecido, como sua maleabilidade, que dificulta o seu manuseio, e suas diferentes texturas. Outro empecilho é a necessidade de serem realizados alguns trabalhos em terceira dimensão.

O equipamento básico utilizado é a máquina de costura, que embora tenha sofrido alguns avanços, ainda realiza basicamente as mesmas tarefas. Apesar das técnicas e procedimentos aplicados, no sentido de mudar este aspecto, a costura ainda é extremamente dependente da habilidade e ritmo da mão-de-obra. No entanto, alguns avanços já foram obtidos, como, por exemplo, na costura de bolsos e confecção de golas.

Há múltiplos elementos no Vale do Itajaí que se relacionam às atividades produtivas do setor têxtil-vestuário que determinam importantes vantagens competitivas para o local, concretizada em uma grande variedade de produtos³¹ e

³¹ Dentre os produtos elaborados destacam-se os artigos de vestuário (camisetas de malha, agasalhos de moletom, pijamas, camisas pólo, bermudas, blusas e outros).

serviços³² desenvolvidos no local. Essas singularidades se materializam dentro de um processo histórico específico do desenvolvimento da configuração local, caracterizado por aspectos de origem histórico-cultural e pelas relações sociais singulares. As quais, por meio de um sistema de conhecimento aberto a agentes externos (nacionais ou estrangeiros), dá ao local a possibilidade de estar constantemente se atualizando, absorvendo as novas informações que servem de base para o processamento de novos conhecimentos e para a construção de novas competências.

Isto ocorre porque há necessidade de dominar tecnologias diversificadas que mudam rapidamente e envolvem custos altos induz as empresas a se concentrarem em suas competências centrais e recursos especializados. As tecnologias complementares podem ser obtidas através de redes que as ligam a fontes especializadas através de alianças e outros acordos.

Similarmente, a competitividade das regiões depende não só da eficiência do sistema produtivo local, mas também da sua capacidade de articular a organização da produção local com tecnologias e oportunidades de mercado. Sua competitividade e potencial de integração com sistemas produtivos mais amplos dependerão também do desenvolvimento de uma base empresarial com um grau relativamente elevado de capacitação tecnológica.

Os altos encargos sociais, aliados ao falta de tecnologias na fase de costura das indústrias de confecções, têm impulsionado estratégias empresariais baseadas na subcontratação. As empresas subcontradas são facções ou domiciliares, formalizadas ou não, mais freqüentemente para os processos que

³² Há uma variedade de serviços complementares ao processo produtivo do setor têxtil-vestuário e importantes serviços tecnológicos prestados por organizações de infra-estrutura tecnológica.

exigem mão-de-obra intensiva. É uma maneira de reduzir custos com mão-de-obra, capacidade produtiva.

3.2.3. ALOCAÇÃO DA MÃO-DE-OBRA NO PROCESSO PRODUTIVO

A maior parte da mão-de-obra disponível às empresas Rohden sempre foi de origem agrícola, proveniente do próprio município e de todo o Vale do Itajaí, cuja qualificação baixa, inadequada em relação a expectativas do setor industrial, aparece como um fator dificultoso para as indústrias locais (BONIN, 1992:95).

Neste sentido, a importância das condições locais que podem favorecer as atividades produtivas e inovativa, relacionadas a aspectos como a proximidade entre empresas, complementaridades, a confiança entre os indivíduos baseada na afinidade cultural. Uma abordagem amplamente utilizada para a análise da produção difusão e uso de inovações relacionado a condições locais é a de sistemas nacionais de inovação. Neste sistema, há um novo padrão de produção, onde os processos de aprendizagem são fundamentais para se transferir os conhecimentos gerados nas atividades produtivas e inovativa, e este é elemento-chave para sustentar o aumento da competitividade das economias localizadas.

No início a mão-de-obra consistia de imigrantes que chegavam com poucos recursos para adquirir terras ou para abrir algum comércio, mas que acabavam empregando-se nas obras de infra-estrutura e na exploração de matérias-primas (madeiras). Num segundo momento esta mão-de-obra foi adicionada pelos os filhos dos agricultores locais, como consequência do empobrecimento dos solos e a divisão das pequenas propriedades, na forma de

heranças, tornando a terra inacessível a muitos filhos, uma vez que as famílias eram numerosas. Esta mão-de-obra oriunda das áreas rurais de origem germânica era desqualificada, mas caracterizava-se pela disciplina, produtividade, ordem e submissão (BONIN, 1992: 95).

Com o aumento da demanda dos produtos, dos contratos de venda e início da inserção das empresas Rohden no mercado externo, houve necessidade de ampliar a mão-de-obra empregada. Para tanto as empresas criaram alguns incentivos com a finalidade de atrair mão-de-obra. Estes incentivos giravam em torno do bem estar social, dentre eles a construção de moradias, fornecimento de cestas básicas, garantia de pagamento, assistência médica e odontológica e construção de área de lazer e creches.

Mas esses incentivos não suprimam a desqualificação da mão-de-obra, sendo necessário criar cursos de aperfeiçoamento interno em parceria com o SENAI-SC e SINE. Outra forma de qualificar a mão-de-obra é o apoio financeiro aos funcionários que ingressam no curso superior (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Cabe ressaltar a importância de uma organização de ensino que está instalada na Região do Vale do Itajaí, o SENAI com diversos cursos como costura, risco, corte, manutenção de máquinas de costura, técnico têxtil e técnico vestuário, entre outros, auxilia na qualificação da mão-de-obra local, destinadas ao setor têxtil. Para o setor madeireiro oferece cursos de: eletricitista, mecânica básica,, inglês, projetistas, costureiras, vendas e outros.

Além destes fatores, no intuito de aumentar a produtividade e quantidade, as indústrias, modificaram o *layout*, organizando-o em células de produção.

Entretanto, o fator diferenciador, neste caso, refere-se ao ramo no qual a empresa está inserida, uma vez que a mão-de-obra contém as mesmas características.

Hoje, a polivalência da mão-de-obra significa uma competência maior por parte dos operadores, que passam a dominar diferentes processos. O desenvolvimento de um número cada vez maior de habilidades é privilegiado pelo *layout* celular, como apresentado, onde máquinas diversas são agrupadas em mini-fábricas, possibilitando que o colaborador possa operar, simultaneamente, vários processos em andamento.

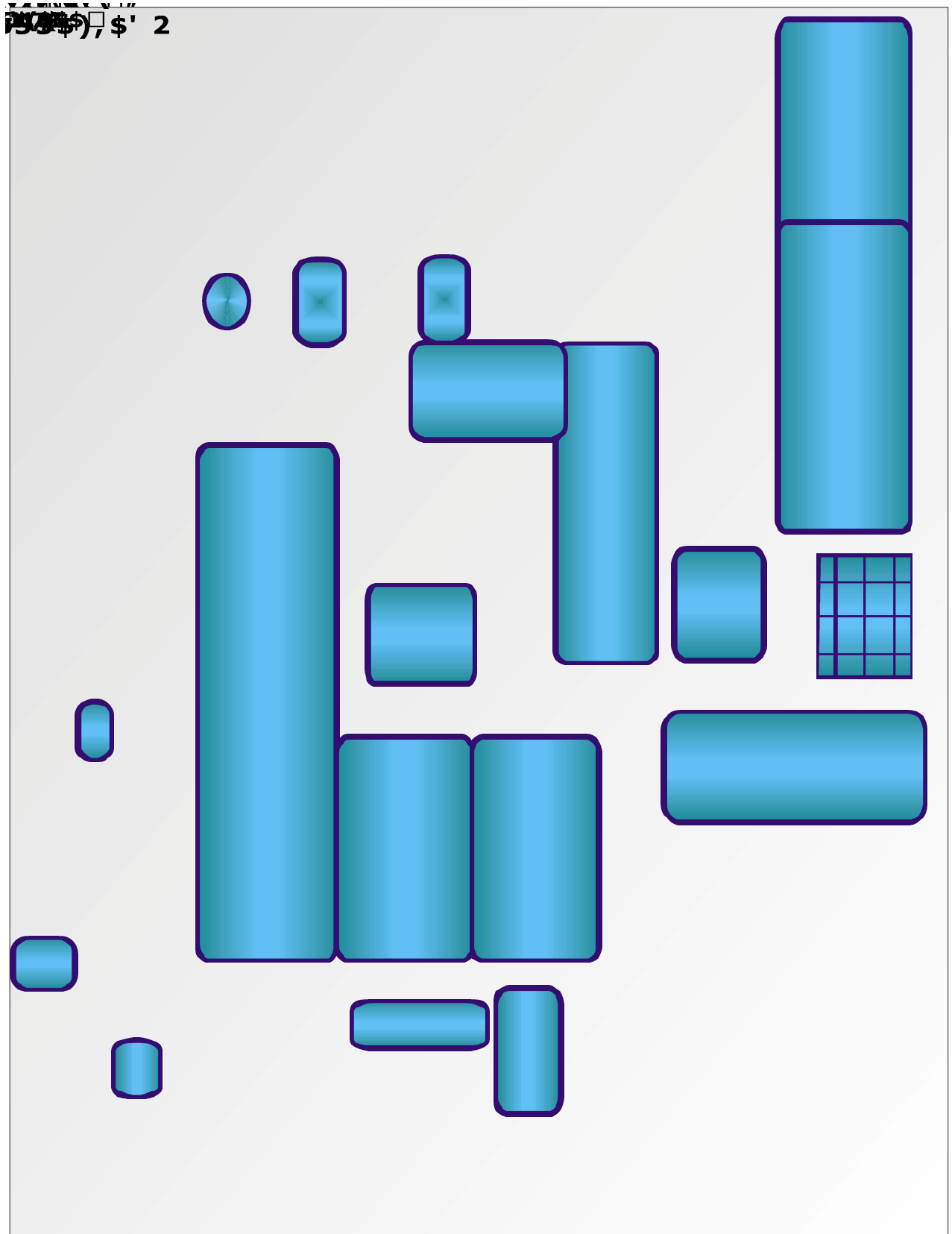
Nas empresas, existe a polivalência dentro dos setores e até fora deles, porém há definição dos postos de trabalho e o treinamento de pessoas que ocupam estes postos.

O setor têxtil mundial sofreu importantes modificações em seu padrão de concorrência principalmente a partir dos anos 90. Em que se destacam dois movimentos principais: a desverticalização da cadeia nas etapas de produção e a integração nas etapas de comercialização, decorrentes fundamentalmente das inovações que determinaram melhoramento nos insumos e equipamentos, o que permitiu maior flexibilidade produtiva em nível mundial.

A distribuição espacial das atividades da Empresa Rohden Artefatos de Madeira (conforme

Figura 7) ocorre de modo a atender as necessidades básicas para a produção, comercialização e até no desenvolvimento de novos produtos. Conta com a serraria, as estufas para secagem da madeira, almoxarifado, caldeiras, gerador de energia, escritório e guarita para controle das atividades

Figura 7- Distribuição espacial da Empresa Rohden Artefatos

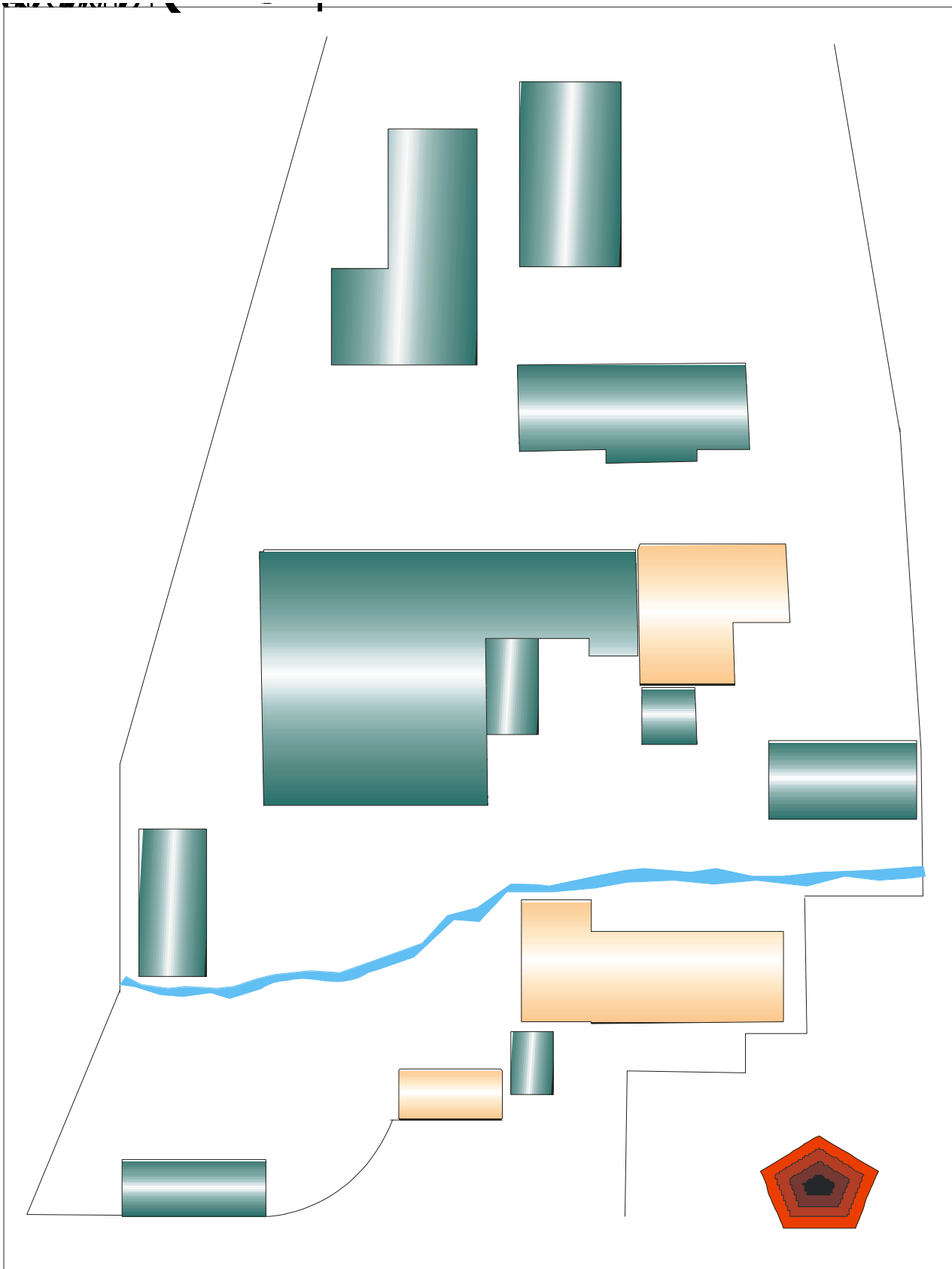


Fonte: Elab. da autora

Um elemento presente na Empresa Rohden S.A. chamou atenção ao verificar a presença do fundador da empresa (casa vermelha). Este se apresenta de maneira controladora e impõe sua presença de forma sutil, pois sua residência está localizada, praticamente dentro da área da empresa (conforme Figura 8). Deste modo o fundador, como figura central de empresário inovador e muito respeitado pelos seus recursos humanos, constitui um elemento importante no crescimento das empresas.

A empresa Rohden S.A., além de contar com a presença de seu fundador, que organizou, junto com seus filhos, de forma que a estivesse voltada para atender o mercado internacional. Com isso, dividiu em setores e distribuiu as atividades a fim de atender as normas exigidas pelo mercado externo. Porém ainda mantém parte dos serviços verticalizados, como o setor de manutenção, de segurança e de produção da matéria-prima (plantio de *pinus*).

Figura 8 - Distribuição espacial da Rohden S.A.



Fonte: Elab. da autora.

Enquanto que a empresa de confecções, no que se refere ao processo produtivo - as etapas de confecção de roupas - são: pré-montagem, que inclui criação, modelagem e corte; montagem (ou costura) e acabamento. A seguir, são brevemente descritas, na ordem em que são executadas (também podem ser vistas na Figura 9):

- Pré-montagem:

Criação – realizada por estilista é a concepção da roupa. Exige conhecimento das tendências da moda, do negócio e dos objetivos da empresa. Nessa etapa são desenhados os modelos e escolhidos os tecidos (textura e padrão);

Modelagem – consiste na concretização das idéias do estilista através de protótipos que gerarão moldes. Essa etapa é executada pelo modelista, que também faz a gradação (adaptação dos moldes aos diferentes tamanhos, também denominados gradeamento) e separa as partes das roupas (mangas, golas etc.) para facilitar o processo de fabricação. Na modelagem inclui-se ainda a atividade de encaixe, que é o posicionamento dos moldes no tecido de forma a se obter o melhor aproveitamento, minimizando-se o desperdício;

Corte – o corte feito manualmente exige grande habilidade por parte do cortador e é feito com o auxílio de uma serra fita ou circular.

- Montagem:

Costura – parte mais complexa e intensiva em trabalho humano no processo de produção. Há diversos tipos de costura, que podem ser realizadas

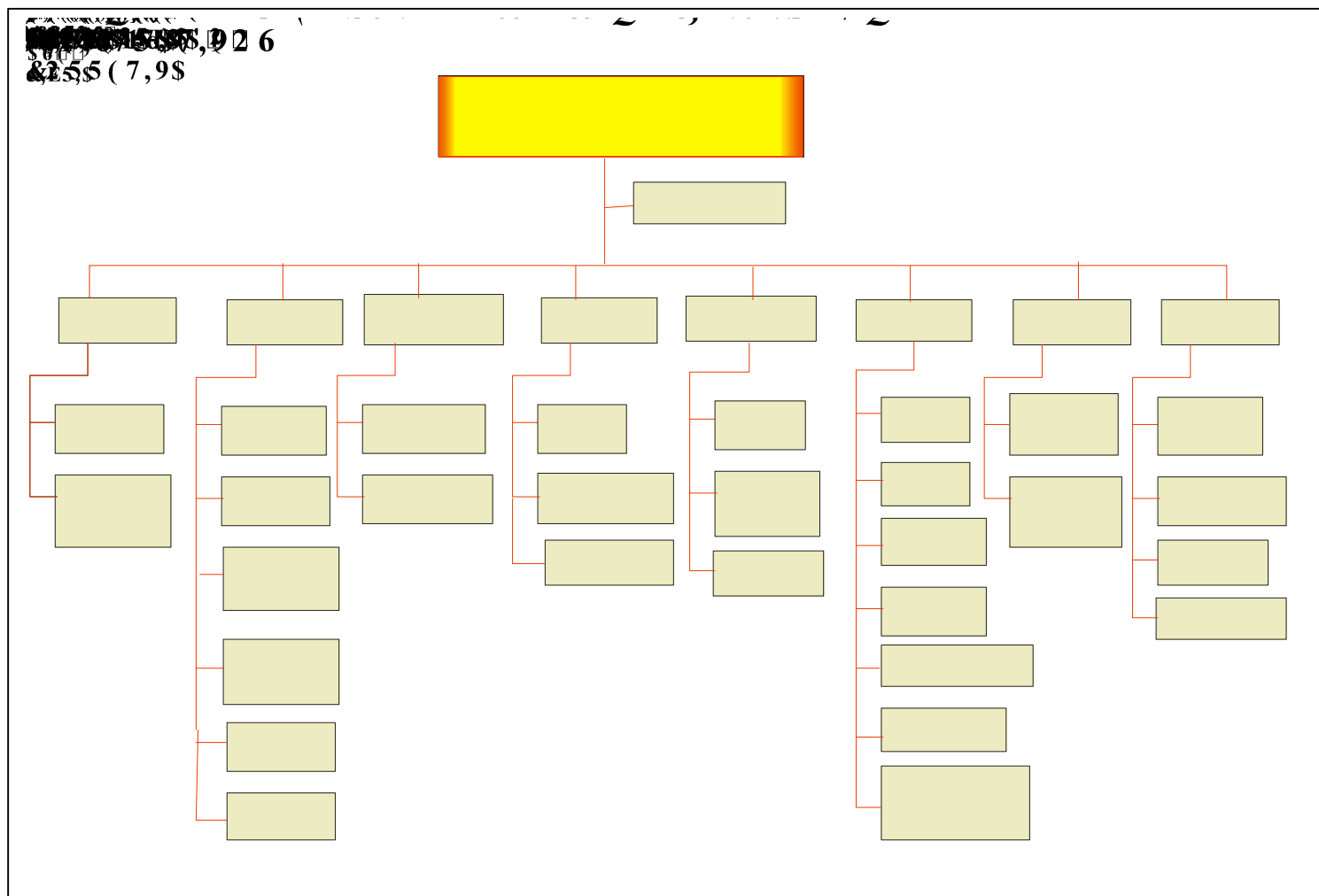
em máquinas especializadas em cada tipo. Nessa fase são encontradas dificuldades que retardam avanços tecnológicos no campo da automação industrial. As restrições estão ligadas às características do tecido, como maleabilidade, que dificulta o seu manuseio, e as diferentes texturas. O equipamento básico utilizado é a máquina de costura, que embora tenha sofrido alguns avanços, ainda realiza as mesmas tarefas, de modo que a costura continua extremamente dependente da habilidade e do ritmo da mão-de-obra. Alguns avanços foram obtidos, como a costura de bolsos e a confecção de golas, mas, por serem muito específicos, não têm grande relevância. Assim, essa fase apresenta estabilidade tecnológica em relação aos bens de capital.

- Acabamento:

Limpeza e verificação das peças – nessa fase são executadas tarefas como corte de linhas, de sobras de pano e verificação da roupa pronta, a fim de deixá-la pronta para embalagem e transporte.

Até 2002, a empresa Marroh Confecções Ltda. estava instalada no Seminário, que era alugado, e aonde vinha desenvolvendo todo o processo de produção, com a venda do Seminário para a Empresa Cattoni Tur (para construção de um hotel), a empresa teve que mudar suas instalações, em 2003. Além de outros entraves com a mão-de-obra a empresa mudou-se para o município de Lontras deixando em Salete apenas a representação (pois iniciou o trabalho com facções, muitas de antigas costureiras da empresa) e uma pequena facção própria, agora localizada no Bairro Schreiber.

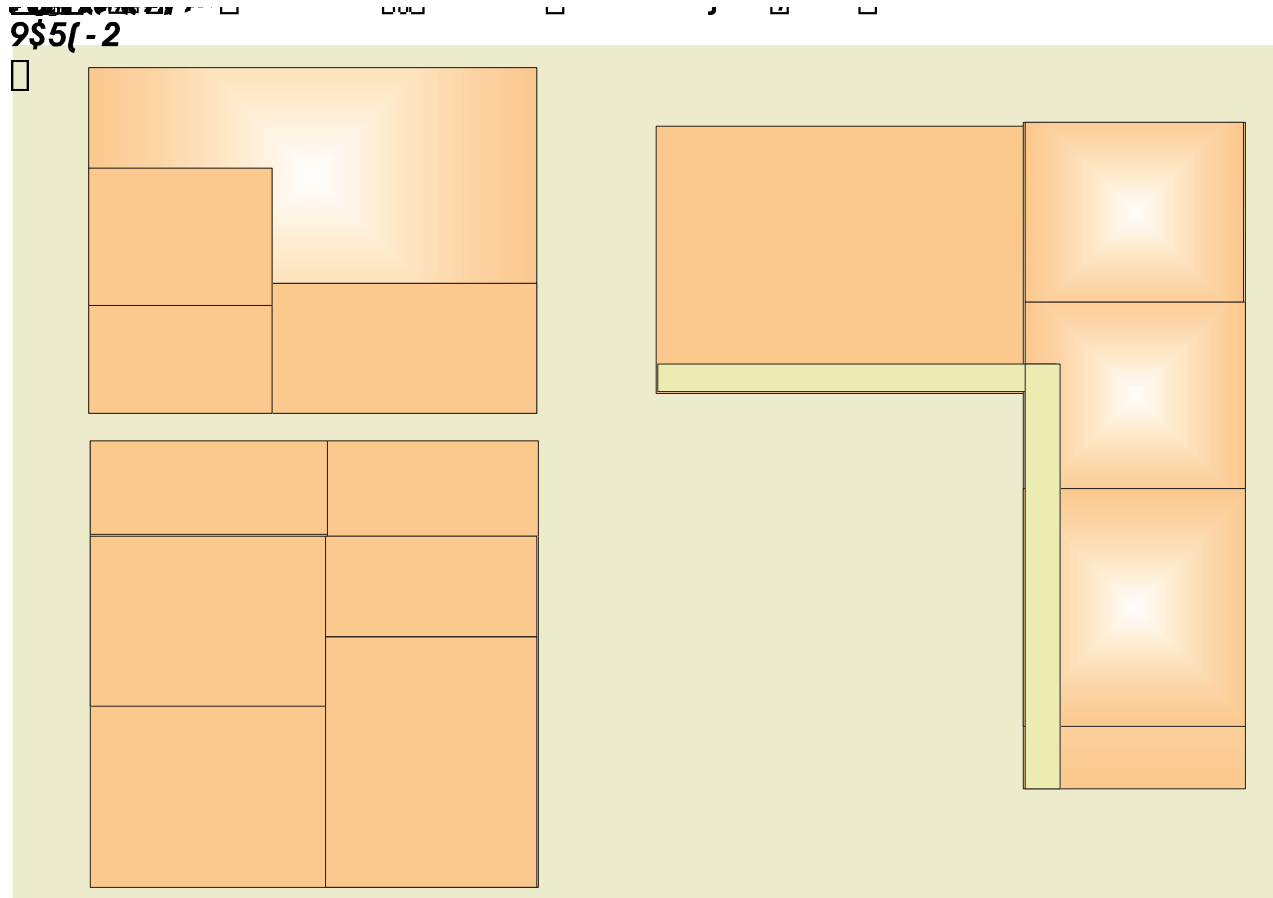
Figura 9- Organograma da Marroh Confeccões Ltda, - Ano 2002



Fonte: Elab. da autora.

Até 2001, a empresa Marroh Confeccões estava instalada no antigo Seminário dos Padres Salesianos (conforme Figura 10), porém por algum motivo (não informado) a empresa desfez suas instalações, mantendo apenas uma pequena facção juntamente com um posto de coleta de produção (roupas confeccionadas por facções locais). Outro fato importante foi à saída desta empresa, quase que totalmente, do município de Salete ao se transferir para Lontras-SC. Infelizmente a empresa não ofereceu maiores informações.

Figura 10- Layout, Marroh Confeções Ltda.



Fonte: Elab. da autora.

3.2.4. ACESSO, INSERÇÃO, CONSOLIDAÇÃO AOS MERCADOS INTERNO E EXTERNO

Dada a insuficiência dos meios de transportes que ligavam a freguesia ao resto do país, o mercado interno cresceu, primeiramente em nível local. Assim, o mercado consumidor inicial das empresas Rohden (na época somente a Rohden S.A.) restringia-se aos colonos que estavam instalados na freguesia de Ribeirão Grande. Só com o constante contato com os padres católicos foi possível ampliar

o mercado para o âmbito regional, com a comercialização de bancos e confissionários - para escolas e igrejas - armários, mesas, cadeiras e outros móveis para colonos de toda a região do Vale do Itajaí (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Neste período não havia concorrência, pois o mercado necessitava de móveis, principalmente, os padres católicos precisavam de bancos, altares e outros móveis para colocar nas Igrejas, e escolas que estavam sendo construídas na região.

“O mercado local dos núcleos coloniais, constituiu-se inicialmente na principal fonte de estímulos à atividade econômica, sendo reforçado pela demanda criada com o forte fluxo de novos imigrantes” (CUNHA, 1982:77).

Em 1954, a empresa já estava inserida nos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro, primeiramente comercializando esquadrias e móveis, e posteriormente bobinas (carretéis para cabos e fios elétricos). Neste período não havia concorrência interna, devido à produção/comercialização ser muito baixa (Entrevista com Cornélio Rohden em 08/04/2000).

Vidor (1995), caracteriza o desenvolvimento da economia local de forma endógena, baseada na expansão do mercado interno local, mas o surgimento de excedentes na produção, tornou necessário encontrar outros mercados. Assim,

(...) a abertura sobre o mercado nacional para comercialização do excedente agrícola local foi o fator decisivo para o desenvolvimento dos meios de produção, da expansão e da diversificação da produção, ou seja, o advento da grande indústria, a tradicional ou a dinâmica que, antes mesmo da instalação do Estado empresário (na década de 30), já estava mais ou menos desenvolvida (VIDOR, 1995:55).

A partir da década de 1980, as empresas Rohden - Rohden S.A. e Rohden Artefatos de Madeira Ltda. - introduziram-se no mercado internacional com a produção de portas de *pinus*, após visitas e freqüentes contatos com empresas norte-americana, européias e asiáticas.

A Rohden Artefatos de Madeira Ltda, que se firmou no início das exportações, baseado no reflorestamento ("*pinus Elliottis*"), com aproximadamente 3.000.000 de árvores plantadas, melhoramento dos equipamentos, na qualidade dos produtos, treinamento de mão-de-obra e também difundindo sua marca no exterior. Atualmente a empresa possui um capital na ordem de R\$ 3.500.000,00, e o valor total da produção gira em torno de R\$ 1.000.000,00, assim distribuída: na linha de portas (65%), batentes (10%), compensado sarrafeado (9%) e outros (16%), tendo como principais concorrentes, no mercado interno, empresas do planalto catarinense, e no mercado externo, empresas chilenas e africanas (Informações fornecidas por Lino Rohden, em 20/10/2000).

A empresa Rohden S.A. possui capital de R\$ 13.455.000,00, tendo um valor total de produção US\$ 4.500.000,00, sendo que a empresa comercializa seus produtos somente no mercado externo (Europa, Ásia e Estados Unidos), havendo concorrência com a África do Sul, Polônia, Chile e Sudoeste Asiático. (Rohden S.A., 2000).

Ultimamente, toda a produção e venda da empresa Rohden S.A. estão concentrados no mercado externo, notadamente os mercados norte-americano e europeu (Inglaterra, Alemanha e França).

Atualmente, a empresa Rohden Artefatos de Madeira Ltda. está voltada à exportação de produtos como "*pinus Elliottis*": portas - 65%, batentes - 10%, compensado sarrafeado - 9% e outros -16%. Tendo como principais concorrentes no mercado interno: Madepar (Lages) e Sincol (Caçador), Marchcti (Ibirama) e no mercado externo: empresas da África do Sul, da Polônia e da Malásia (Rohden Artefatos de Madeira Ltda, 2003).

Já o setor têxtil, através da empresa Marroh Confecções Ltda., inseriu-se primeiramente no mercado interno local. Sua participação no mercado nacional deu-se a partir das parcerias realizadas com produtos/marcas, cujos produtos tivessem boa aceitação no mercado. Com a consolidação da marca e através dessas parcerias a empresa partiu para o mercado externo (Estados Unidos e Europa), tendo como principais concorrentes as marcas Cobra D'Água, Reebok e Umbro. Atualmente a empresa possui um capital de R\$ 896.265,10, e o valor total de sua produção, em 1999 esteve na casa de R\$ 8.353.100,32.

CONSIDERAÇÕES

As empresas Rohden caracterizam-se como empresa familiar, oriunda do setor agrícola e tendo como principal atividade a exploração madeireira local e regional. As principais instalações foram construídas com o excedente econômico proveniente da pequena produção mercantil.

Num primeiro momento a produção supria as necessidades locais, porém o dinamismo dos fundadores levou a expansão da pequena fábrica, e com a ajuda

dos padres católicos na comercialização de seus produtos. A inserção de tecnologias na linha de produção possibilitou a entrada no mercado nacional (São Paulo) e conseqüentemente ampliou a produção, necessitando, assim, a expansão da infra-estrutura e contratação de mão-de-obra.

Com a divisão interna das empresas, em decorrência do processo de herança, alguns herdeiros investiram em outras atividades (têxtil, metal-mecânico, reflorestamento), porém sem perder as características de empresa familiar. Pela consolidação das empresas no contexto sócio-espacial e seus arranjos sistêmicos dos elementos que compõem as empresas, percebe-se que as empresas refletem na organização da estrutura do local.

Um dos fatores que infere na organização espacial é a matéria-prima utilizada pelas empresas madeireiras. Pois, com as mudanças impostas no mercado internacional, solicitação de madeiras reflorestadas, as empresas inseriram plantio próprio, porém este não era suficiente para suprir suas necessidades, o que levou muitos agricultores a investir (com o apoio das indústrias), na plantação de *pinus*. Sendo esta uma fonte de aplicação do excedente agrícola nos últimos anos.

Se no passado as empresas produziam manualmente seus produtos, hoje, possuem infra-estrutura e novos equipamentos para atender a demanda interna e externa. A introdução de novas tecnologias vem acompanhada dos programas de qualidade, (CCQ, just in time, kanban, ISO), tornaram as empresas mais competitivas.

Neste contexto, a mão-de-obra necessitou de qualificação profissional e adaptação aos novos sistemas produtivos e organizacionais das empresas,

exigindo sua polivalência dentro dos setores. Inclusive, da mão-de-obra do colono operário, que se especializou na atividade industrial. Vale destacar, a influência das características naturais do município de Salete, que não permitiu maior expansão da agricultura, deslocando esta força produtiva pra as áreas urbanas, principalmente as empresas Rohden.

4. INDÚSTRIA E ORGANIZAÇÃO ESPACIAL

Ao observar a configuração espacial de um determinado lugar percebe-se que alguns espaços se diferenciam dos outros pela capacidade de especialização que adquirem, mais ou menos, de acordo com a função que desempenham. Assim podemos ter os espaços do comércio, da agricultura, da boemia, do lazer, do sagrado e da indústria.

Como mencionado por Corrêa (1990):

(...) ao longo do processo de organização e reorganização da sociedade deu-se concomitantemente a transformação da natureza primitiva em campos, cidades, estradas de ferro, minas, voçorocas, parques nacionais, shopping centers etc. Estas obras do homem são as suas marcas apresentando um determinado padrão de localização que é próprio a cada sociedade. Organizadas espacialmente, constituem o espaço do homem, a organização espacial da sociedade ou, simplesmente, o espaço geográfico.

Pode-se dizer que a organização espacial é uma dimensão da totalidade social, construída pelo homem ao fazer sua própria história. As diferenças, verificadas entre países, cidades e regiões, caracterizam-se pela combinação de aspectos distintos, de grupos distintos, dos diversos momentos da história do homem, que imprimem suas próprias marcas, a paisagem, demonstrando o seu modo de vida.

O município de Saleté possui, historicamente, características predominantemente agrícolas, que tem passado, nas últimas décadas do século XX, por transformações sócio-espaciais que colocam em destaque o perímetro urbano, delineando uma dinâmica urbana que lhe confere traços interessantes,

modernos e sofisticados, sem, no entanto, excluir as características antigas e arcaicas.

Para entender a realidade urbana do município de Salete, devem-se buscar elementos no processo histórico, a fim de compreender as formas, funções, estruturas e processos, dados dialeticamente pelo movimento da história, onde sobrevive o velho, ao mesmo tempo em que o novo resiste em modelar a paisagem. Ora, esta paisagem que pode ser entendida com um “conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza” (SANTOS, 1996: 83).

Os ramos industriais compõem-se de um grande número de atividades, as quais envolvem a obtenção de matérias-primas, o processo de fabricação e a comercialização dos produtos. No entanto, a separação espacial destas atividades demanda uma articulação entre as empresas, o que resulta na importância dos fatores de localização estas empresas envolvidas no processo produtivo.

A empresa reconhece a sua complexidade como um mecanismo de aprendizado e tomada de decisões, e o reconhecimento da importância de sistemas territoriais de inovação como elementos essenciais da competitividade e do potencial de crescimento da região.

O desenvolvimento regional decorre da acumulação de conhecimento, da capacidade de inovação e da formação de redes de cooperação, tanto sob a forma de alianças estratégicas como de outros vínculos que podem ter alcance global.

A forma de organização industrial e o sistema de gestão sugerem que algumas configurações regionais são voltadas à redução de custos de transação e aumento da eficiência produtiva, enquanto outros maximizam o aprendizado tecnológico e a inovação. Onde os fluxos de relacionamentos, aliados aos aspectos como as características dos conhecimentos e as formas de organizações e instituições locais, definem alguns tipos mais frequentes de processos de aprendizagem que dão características específicas do local às soluções tecnológicas e organizacionais encontradas.

As formas organizacionais e institucionais de coordenação podem variar consideravelmente de região para região e tendem a mudar ao longo do tempo, pois elas são formas de aprendizagem coletiva em si próprias. Seja qual for a sua forma, o sucesso de sistemas de inovação certamente depende da capacidade regional de estabelecer as instituições e vínculos que apóiam o desenvolvimento e difusão do conhecimento tecnológico.

Estas características territoriais fazem parte do conceito de sistema de inovação, que relaciona a capacidade inovativa com o ambiente institucional onde as empresas estão inseridas. Esse sistema compreende características qualitativas e quantitativas, como as relações entre usuários e produtores, redes de fornecedores, redes de informações científicas e tecnológicas, vínculos entre P&D e produção, capacidade de importar e adaptar tecnologias, a existência de mercados e sistemas de consultoria técnica, e a existência de uma massa crítica de trabalhadores qualificados e profissionais de alto nível técnico. As diferenças em configurações institucionais em diferentes locais, suas capacitações, vínculos

e interações com o sistema produtivo traduzem-se em diferenças na capacidade de inovar e promover a difusão de tecnologia.

Neste contexto, percebe-se que durante muitos anos, o desenvolvimento município de Salete, esteve basicamente orientado para a sede municipal. Onde foram se instalando residências, além dos principais estabelecimentos que comercializavam bens e serviços, e em torno da área estruturou-se a malha urbana que deu densidade e sustentação à cidade.

4.1. DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DOS SETORES PRODUTIVOS MUNICIPAIS

O setor comercial da economia do município de Salete, atualmente, desvincula-se da área central do município, porém há 20 anos atrás a configuração espacial era muito diferente. Onde os setores comercial e industrial estavam localizados na parte central, pois a divisão do perímetro urbano era composta apenas da área central e do bairro Schreiber. No entanto, com a ampliação os bairros houve necessidade de se realizar nova divisão territorial a fim de facilitar a atuação dos órgãos públicos, bem como da existência de uma política de expansão e desenvolvimento econômico municipal.

Com isto, a expansão das atividades comerciais e industriais aos bairros, se concentram, principalmente nos grandes corredores de circulação ou em áreas específicas. Concomitante à expansão das atividades comerciais surgem empreendimentos inovadores, como é o caso dos pequenos comércios, que têm

se apresentado como uma tendência do comércio varejista no município, haja vista a sua expansão, principalmente nos bairros melhores estruturados.

Analisando as atividades terciárias no bairro Schreiber, verifica-se que o moderno e o tradicional ora se articulam num mesmo lugar, ora o primeiro “neutraliza” ou absorve esse último. O moderno sendo aqui definido pelo investimento em tecnologia, fácil aceitação de inovações, como podem ser conferidos em mercados, e no próprio centro comercial. Enquanto as atividades mais tradicionais são aquelas que não têm capital para investir em adereços da modernização na própria atividade, a exemplo de sapateiros, manicures, entre muitas outras atividades (SANTOS, 1979).

A qualidade e a especialização dos serviços e do comércio nos bairros são necessárias para atrair o consumidor de maior poder aquisitivo que tende a buscar cada vez mais conforto e segurança. Motivo este, que serve de atrativo para a implantação das atividades industriais e comerciais.

São as transformações empreendidas pelos agentes sociais, sobretudo os industriais, os proprietários comerciais, e o Estado, que irão produzir e reproduzir o espaço urbano, que se apresenta, assim, como principais organizadores da morfologia urbana, em toda a cidade, assim como da dinâmica da paisagem.

A produção do espaço urbano de Salete foi se dando lentamente até meados da década de 1970. Os proprietários comerciais, os proprietários industriais e o Estado foram os principais agentes sociais responsáveis pela produção social e física da cidade. As ações destes agentes remetem a várias

atividades relacionadas criação de novos bairros, ampliação e diversificação do comércio local, da criação de infra-estrutura pública e outras.

Assim, nos bairros e locais mais afastados, há um fluxo permanente de pessoas desloca-se para o centro da cidade não apenas para realizar negócios, mas para comprar bens os mais variados — alimentos, remédios, roupas, calçados e outros —, visto que o comércio do centro, era o principal ponto de atendimento das demandas da população. Soma-se a este fato a circulação de parte da população que é obrigada a transitar pela área central a fim de chegar ao seu local de trabalho.

A atividade comercial tem como um de seus fatores mais importantes a sua localização. A lógica do capital mostra que numa região uma opção locacional pode gerar para a atividade comercial um nível de rentabilidade ao empreendedor e também para o comerciante. Neste sentido, o bairro tem uma posição que podemos chamar de estratégica, já que é caminho à área central do município.

Contudo, por se tratar de um município de pequeno porte, em que a área central e os bairros estão próximos, hoje ainda não há necessidade da existência de transporte urbano pela facilidade de acesso dos bairros à cidade .

Utilizando-se de sistematização pode-se estabelecer a seguinte divisão dentro do perímetro urbano, conforme Figura 11:

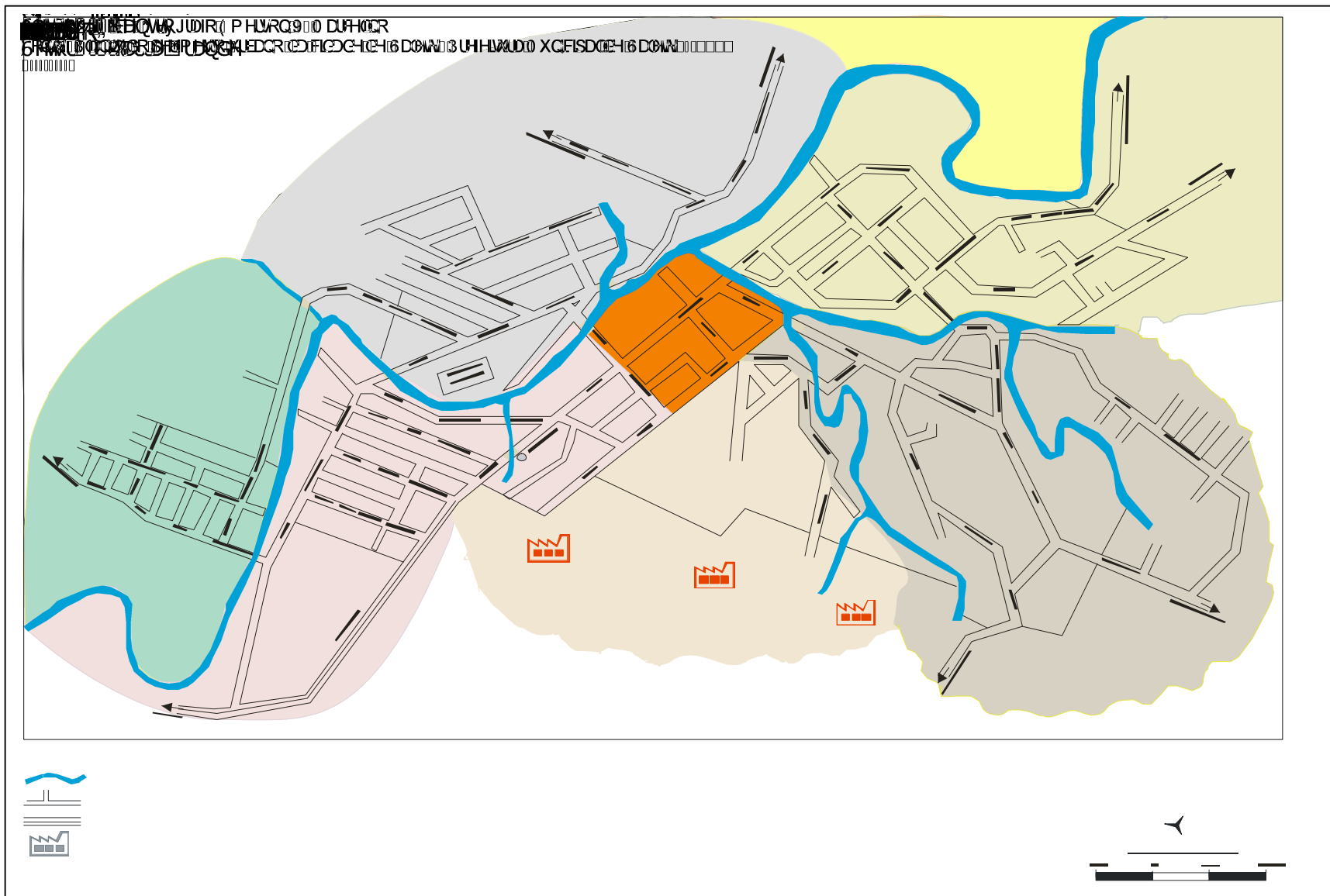
- ♦ Setor 1: Consiste na área central do município – Padaria, posto de combustível, prefeitura, oficina, funerária, agropecuária, farmácias, jardim de infância, escolas de informática, lojas de roupa, rodoviária, lanchonetes, mercados, pizzaria, cartório, bazar, cabeleireira, residências, entre outros.

- ♦ Setor 2: Barra Grande – Farmácia, lojas de roupa, mercados, restaurante, igreja matriz, escola estadual, consultórios odontológico, loja de calçado, loja de tintas, relojarias, bares, estofaria, sapataria, câmara de vereadores residências, entre outros.
- ♦ Setor 3: São Cristóvão – Correio, loja de tinta, floricultura, lojas de roupa, mercearias, hospital, bares, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Conjunto Habitacional, malharia, lanchonete, residências entre outros.
- ♦ Setor 4: Empresa Rohden e residências.
- ♦ Setor 5: Bairro Schreiber- Ginásio de esportes, posto de saúde, igreja, módulo esportivo, mercados, atafona, salão de beleza, oficina mecânica, escolas, jardim de infância, clube esportivo, chapeação e pintura, bar, residências entre outros.
- ♦ Setor 6: Bairro América- Residências, área rural.
- ♦ Setor 7: Bairro Beira Rio – Oficina mecânica, bar, vila residencial, área rural entre outros.
- ♦ Setor 8: Vila São José- Capela, campo de futebol, residência de muitos funcionários das empresas Rohden.

Já a atividade agrícola ocupa os espaços do entorno, o qual pode ser dividido em atividade agrícola mista e atividade eminentemente agrícola. Pois, as famílias agricultoras que residem próximas ao centro urbano possuem atividades ligadas a terra, mas também atuam nos setores comerciais e industriais, são os denominados colonos-operários. Estes buscam em outros setores complementação para a renda familiar, assim, parte da jornada de trabalho (além das 40 horas semanais no comércio ou na indústria) é exercido na propriedade

rural, com a produção de milho, feijão, legumes e a criação de gado bovino de corte e principalmente na produção leiteira, destinada a comercialização local ou regional.

Figura 11- Divisão setorial do município de Saleté



4.2. RELAÇÃO RESIDÊNCIA *VERSUS* TRABALHO

A partir da existência de condições específicas – econômicas, pessoais, sociais, culturais e territoriais – que influem na forma de integração/inserção ao mercado de trabalho urbano em Saleté, podem-se considerar diversas formas de relação dos indivíduos com as atividades urbanas em questão: os contratados e os não contratados; os contratados permanentes e os contratados temporários/sazonais; os trabalhadores no setor formal e os ocupados no setor informal, assim como os filhos e esposas inseridos em empresas familiares.

Na cidade, o processo de urbanização que a sociedade vem experimentando tem como um de seus principais elementos os equipamentos ou formas urbanas que aparecem no espaço como ambiente construído. O ambiente construído no urbano, ou seja, na estrutura urbana e no cotidiano das cidades, pode assumir várias funções.

Com relação à indústria em particular, a busca de maximização dos lucros (máxima rentabilidade do capital a ser investido) determina a escolha de sua localização. O empreendedor estabelece quais são os fatores envolvidos na localização da nova estrutura que afetam direta ou indiretamente os custos e a lucratividade das indústrias, ou seja, relaciona os fatores custos e benefícios envolvidos em determinada localização (Kon, 1994: 158).

“Uma das características da indústria da madeira era a pequena dimensão média, facilitando o acesso à atividade e tornando-a bastante dispersa no espaço territorial catarinense...” (Cunha, 1982:149).

A atuação das empresas, nos ramos madeireiro e têxtil, reflete a forma de organização dos espaços econômico e social, desde a distribuição geográfica das fábricas até a evolução de mercado. Neste sentido, as empresas Rohden localizam-se na área central do município de Salete, sendo que em sua volta estão instalados comércios, órgãos públicos municipais e residências.

“Ora, mas é exatamente na evolução das relações residência-trabalho da classe operária que se pode ver como fora estruturada a organização espacial da cidade em causa...” (SILVA, 1997:180).

No que se refere à localização das residências dos funcionários, observa-se na Figura 12, sua dispersão em toda a área municipal, inclusive a mão-de-obra oriunda do município próximo – Taió. Sendo que esta, mão-de-obra é constituída por migrantes, colonos-operários, mulheres, e principalmente filhos de agricultores. Onde o deslocamento é feito, na sua maioria, utilizando motos, bicicletas ou mesmo a pé.

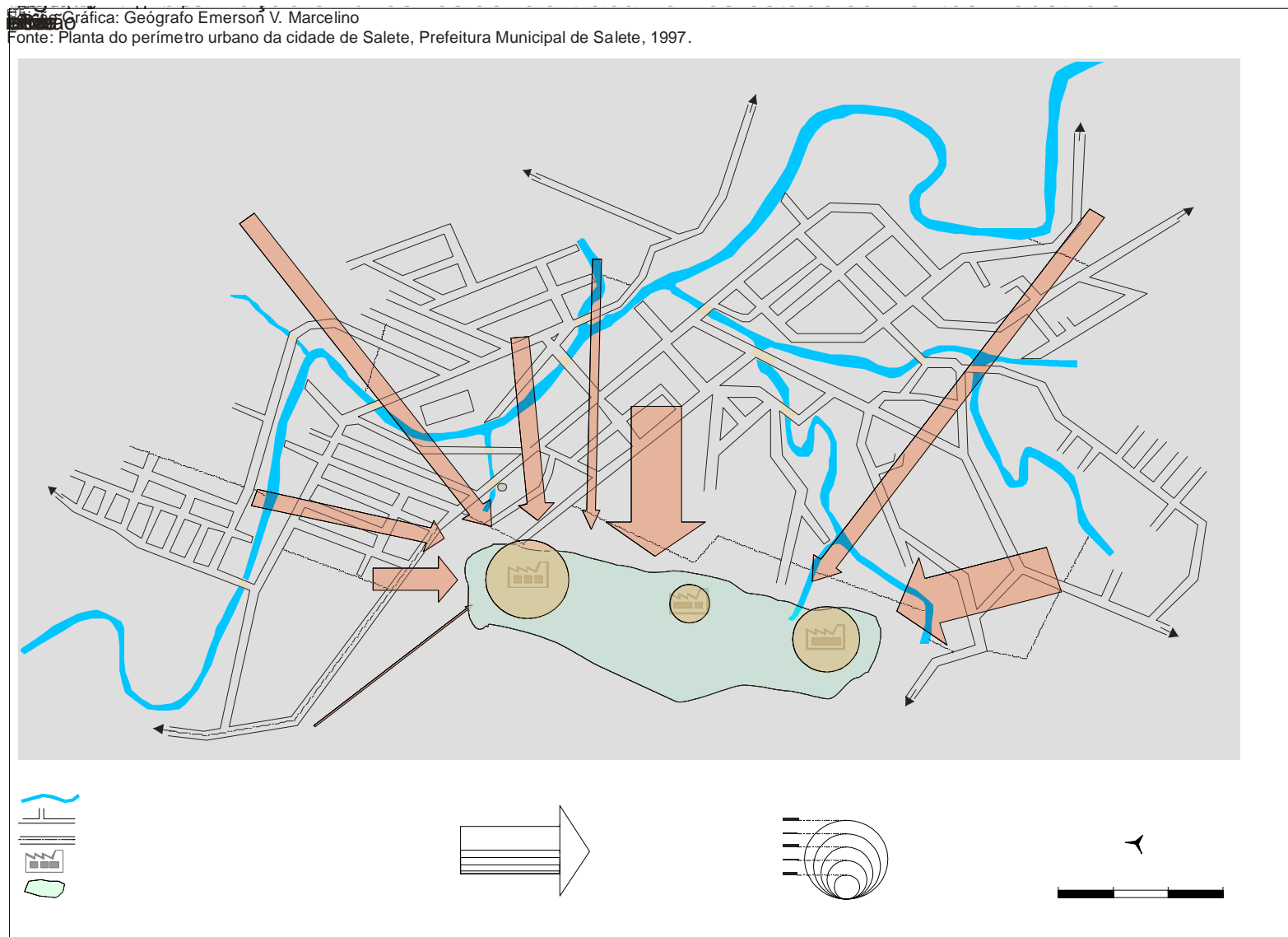
Assim, o bairro Schreiber, o mais antigo do município, juntamente com o bairro Cachoeira, apresentam características semelhantes em relação à infraestrutura básica: são bairros residenciais onde o comércio é constituído de pequenas casas comerciais, que suprem num primeiro momento as necessidades locais; dispõe de unidade escolar pública, com ensino de Primeiro e Segundo Grau, que atende toda a população residente; e área de lazer. Enquanto que os bairros São Cristóvão e Beira Rio são bairros estritamente residenciais, de modo que as primeiras casas construídas (conjunto habitacional) pertenciam à empresa Rohden S.A., tendo em vista a necessidade de moradia para seus novos operários; a empresa utilizou o fornecimento de moradia, com custo acessível,

como estratégia para atrair operários para trabalhar em suas empresas. Mais tarde estas casas foram vendidas aos funcionários que assim desejassem, e as demais colocadas à venda no mercado imobiliário; caracteriza-se como área residencial composta por vários conjuntos habitacionais. Já nos bairros América e Barra Grande, predominam a atividade agrícola, assim como é possível perceber a presença de trabalhadores vindos de outras áreas rurais do município. Enquanto que a área central provê a maior parte dos funcionários decorrente da infra-estrutura estabelecida e da colonização inicial ali instalada.

Considerando que o desenvolvimento pressupõe, então, a necessidade da organização espacial da sociedade, a necessidade do ordenamento do território; na perspectiva da produção em que importa o crescimento, pois há recursos naturais e humanos, que devem ser utilizados na perspectiva da distribuição, para satisfazer as necessidades básicas da população.

Mas o desenvolvimento pressupõe também a adoção de uma visão “não estática” do processo. O crescimento não deve acontecer como fim em si, não deve acontecer em qualquer lado e menos ainda a qualquer preço, porque o crescimento envolve o uso de recursos. Assim, a organização do espaço local deve priorizar a mão-de-obra, nele existente, oferecendo infra-estrutura capaz de suprir as necessidades e proporcionar melhores condições de vida aos trabalhadores.

Figura 12- Localização dos fluxos residência-trabalho nos estabelecimentos industriais



CONSIDERAÇÕES

Ao longo do processo de organização e reorganização espacial do município de Salete, deu-se concomitantemente a transformação das empresas, apresentando um determinado padrão de localização próprio. No qual a sociedade têm um vínculo econômico com as empresas Rohden.

Muitos elementos do processo histórico delinearão a dinâmica urbana, conferindo-lhe traços interessantes, modernos e sofisticados, sem abandonar as antigas características. Configurando, hoje, uma paisagem que exprime dialeticamente as relações entre homem e natureza.

As formas organizacionais e institucionais locais definem alguns processos de aprendizagem que interagem com o sistema produtivo gerando uma massa crítica de trabalhadores qualificados e ampliando a capacidade de inovar e promover a difusão da tecnologia.

Quanto a distribuição espacial dos setores produtivos, estes se configuram de acordo com as necessidades das empresas. São transformações de ampliação e diversificação do comércio local, da criação de infra-estrutura básica para atender as necessidades da mão de obra empregada, sob a lógica do capital.

Um importante elemento a ser considerado neste processo é a relação da residência-trabalho, constituída no ambiente urbano e rural, na busca de maximização dos lucros pelas empresas que estabelecem a dispersão da mão-de-obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sócias econômicas ocorridas na Inglaterra, no século XVIII, relacionadas à Revolução Industrial, resultaram em profundas mutações no espaço geográfico. Este devendo ser entendido como um processo histórico e social de relações que se estabelecem entre a sociedade e o meio, ou seja, essas relações são de trabalho dentro do processo produtivo da sociedade.

Partindo da premissa de que toda a sociedade produz um espaço geográfico e, que, adaptam-se às condições físicas, os elementos que a integram passam a desenhar seu lugar no meio espacial. Esses espaços estão imbuídos de diversas representações sociais que acabam por abarcar em seu bojo, uma parcela da sociedade com seus quadros e funções que caracterizam sua identidade, estrutura e sentido perante distintos grupos sociais.

Percebe-se o espaço como um produto histórico resultante do embate constante entre os diferentes objetivos dos diversos agentes sociais que ora fazem alianças, ora agem de forma conflituosa de acordo com seus interesses, que mudam conforme suas necessidades. Dessa forma, concordamos com CORRÊA (1995) quando diz que a configuração espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície da terra é assim um meio de vida no presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução).

Deste modo, as estruturas industriais absorvem e refletem as forças oriundas do contexto ao qual estão inseridas, resultando e interferindo no arranjo

sistêmico dos elementos que as compõe (mão-de-obra, matéria-prima, e outros); tornando-as assim objeto de especial interesse geográfico.

O município de Salete nasceu do desenvolvimento da colonização, principalmente de origem germânicas e italianas, oriundas do Sul do Estado, e adquiriu características industriais importantes. É nítida a dinâmica dos processos que ocorrem nas indústrias Rohden, principalmente relacionados à origem, desenvolvimento, ampliação de tecnologias, relações de trabalho, adaptação a abertura econômica e inserção nos mercados interno e externo.

Assim, no decorrer do tempo as indústrias Rohden atravessaram algumas fases: a primeira denomina-se fase artesanal, onde as unidades de produção são pequenas e constituídas pela família, sendo que esta realiza todas as etapas da produção – característica da pequena produção mercantil. Com o aumento do consumo surge a manufatura. Nesta fase há ocorrência de empregados assalariados e emprego de máquinas simples. Já a fase industrial propriamente dita, caracteriza-se pelo uso maciço de máquinas, produção em larga escala, e divisão do trabalho. Dentro das fábricas, mudanças importantes ocorreram, tais como a ampliação de circulação de matérias-primas, inovação tecnológica e organização produtiva.

As indústrias Rohden nasceram a partir da pequena produção mercantil, onde os excedentes econômicos da produção agrícola eram investidos na produção industrial. Todo esse processo é decorrente de alguns fatores essenciais, como criatividade, dinamismo e conhecimento técnico da família Rohden, matéria-prima abundante e mão-de-obra disponível, apesar de não ser qualificada.

Outro fator importante para o desenvolvimento das indústrias foi a forte ligação com a Igreja. Para onde seus primeiros produtos foram comercializados bem como em função dos freqüentes contatos com a Alemanha, resultando em avanços tecnológicos. Neste trabalho destacou-se uma característica fundamental da cultura alemã. Trata-se da divisão dos bens – herança, onde todo o patrimônio é dividido entre os filhos, sendo que alguns destes partem para outros ramos de atividades.

Vale destacar que a organização espacial do município deu-se em torno das empresas Rohden mostrando, de certa forma, a sua importância para o município. Assim, estes diversos fluxos de relacionamentos indicam que há uma série de interações que determinam a configuração espacial de Salete.

Por outro lado, deve-se salientar que os fluxos fundamentais para o desempenho do arranjo produtivo local são estabelecidos entre as organizações produtivas madeireiras e têxteis e seus clientes e com organizações produtivas (fornecedores) externas ao arranjo. Por absorverem importantes informações tais como as tendências e oportunidades de diferenciação dos produtos, os quais são aspectos que atualmente determinam a competitividade no mercado. Neste sentido, o arranjo local, dado que não fabrica parte de seus equipamentos nem seus insumos e matérias-primas, não tem a possibilidade de manter um sistema fechado de conhecimentos que resultariam em constantes inovações.

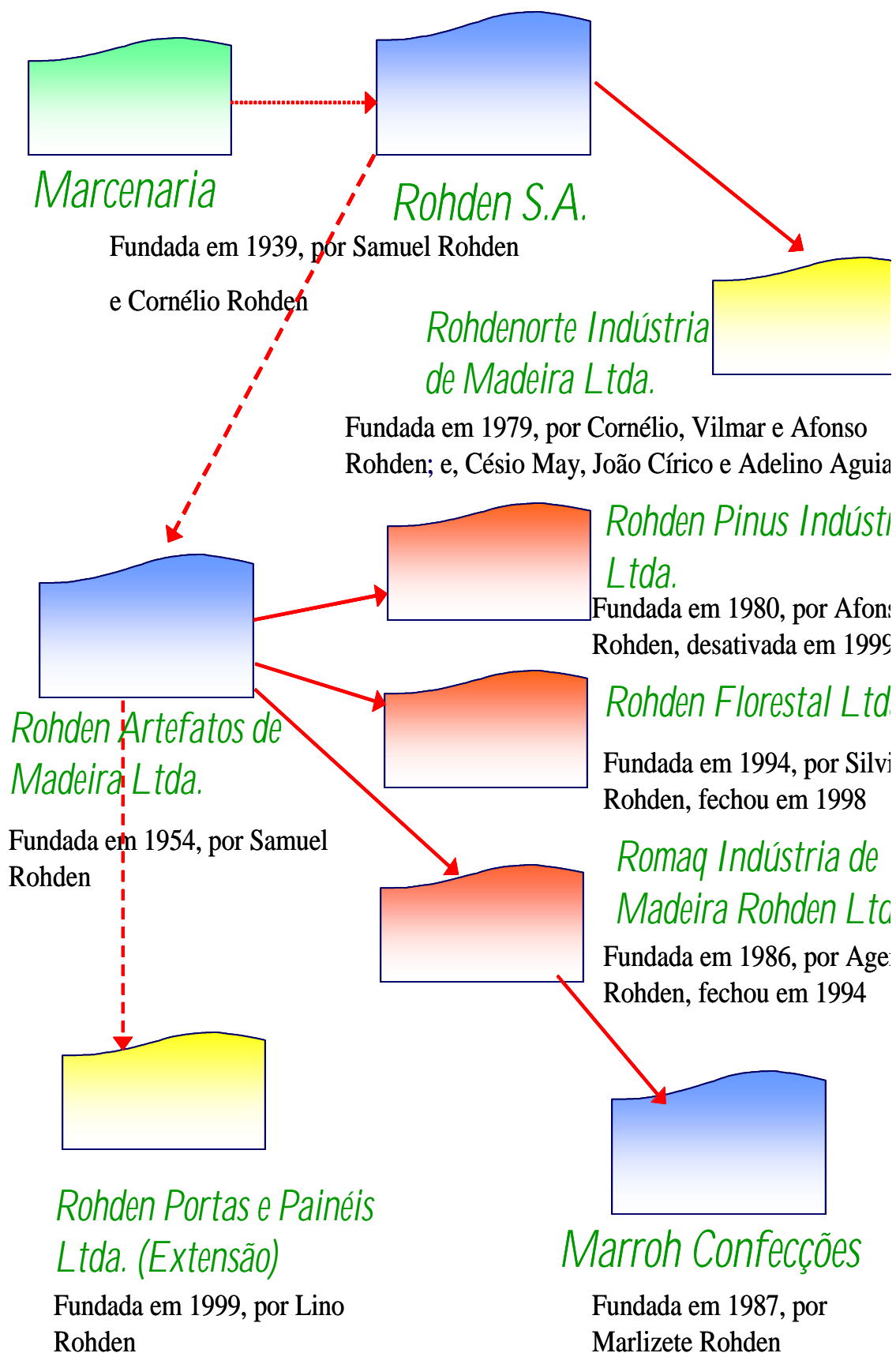
Se no passado, a competitividade resultava fundamentalmente da exploração de condições naturais como seja a disponibilidade de matérias-primas e/ou de elevados contingentes de mão-de-obra desqualificada e a baixo custo,

atualmente, as empresas procuram explorar as suas vantagens comparativas, com a mudança de paradigma técnico-científico.

Privilegiando a análise das dinâmicas industriais regionais a partir da identificação dos fatores de localização, os quais pressupõem bases sócio-espaciais diferenciadas.

Este trabalho amplia significativamente os conhecimentos abordados durante a formação acadêmica e responde a algumas questões anteriormente levantadas, Porém no decorrer de sua elaboração percebeu-se que há muitas informações primárias e secundárias que podem ser estudadas, e que conseqüentemente permitirão uma pesquisa mais aprofundada, principalmente na compreensão do setor de confecções.

ANEXO - ORGANOGRAMA DAS EMPRESAS ROHDEN



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 2.ed. Rio de Janeiro : IPLANRIO/ZAHAR,1988.

BARRIOS, Sônia. **A produção do espaço**. In: Maria Adélia A. de Souza & Milton Santos (coord.). A construção do espaço. São Paulo: Editora Nobel, 1986.

BELTRÃO, Leila Maria Vasquez. **A industrialização em Sombrio/SC: gênese e evolução**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

BONIN, Dante. **História de Salete: terra do Ribeirão Grande**. Salete: Editora Jornal Gazeta do Alto Vale Ltda, 1992.

BRASIL, **Anuário Estatístico**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1970.

_____. **Anuário Estatístico**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1980.

_____. **Anuário Estatístico**. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1995.

_____. **Anuário Estatístico**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.org.br/cidades>

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX**. Trad. de Nathanael Caixeiro. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

CASTRO, Antônio Barros de. **Sete ensaios sobre a economia brasileira**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço: um conceito-chave da Geografia**. In CASTRO, Iná Elias de et al (orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

COUTINHO, Luciano & FERRAZ, João Carlos (coord.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas: Editora Papyrus/Editora da UNICAMP, 3 ed., 1995.

CUNHA, Idaulo José. **Evolução econômico-industrial de Santa Catarina**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

_____, Idaulo José. **O salto da indústria catarinense: um exemplo para o Brasil**. Florianópolis: Paralelo 27, 1992.

_____, Idaulo José. **A indústria catarinense rumo ao novo milênio: desafios, evolução e oportunidades**. Florianópolis: FIESC/SEBRAE 27, 1996.

DONNE, Marcella Delle. **Teorias sobre a cidade**. Trad. De José Manoel Vasconcelos. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FISCHER, Rosa Maria, et al. **Cultura e poder nas organizações**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GUIMARÃES, Eduardo Augusto. **Acumulação e crescimento da firma: um estudo de organização industrial**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A., 1987.

HERING, Maria Luiza Renaux. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Ed. Da FURB, 1987.

IGLÉSIAS, Francisco. **A revolução industrial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 11 ed. 1992.

KUMAR, Krishan. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Trad. De Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

KON, Anita. **Economia industrial**. São Paulo: Editora Nobel, 1994.

KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia. **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

LAGO, Paulo Fernando. **Santa Catarina: a transformação dos espaços geográficos**. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 2000.

LODI, J. B. **A empresa familiar**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

MAMIGONIAN, Armen. **Kondratieff, ciclos médios e organização do espaço**. Geosul, Florianópolis, v.14, n. 28, 1999.

_____. **Industrialização de Santa Catarina**. Atlas de Santa Catarina. Florianópolis: Gaplan, 1986.

_____. **A industrialização da América Latina: o caso brasileiro**. Governo do Estado de São Paulo, 1989.

_____. **Tecnologia e desenvolvimento desigual no centro do sistema capitalista**. Revista de Ciências Humanas. v.1. n. 2. Florianópolis, jul 1982.

MANTEGA, Guido. **A economia política brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, São Paulo: Livraria e Ed. Polis, 1984.

MANTOUX, Paul. **A revolução industrial no século XVIII**. Trad. de Sônia Rangel. São Paulo: Editora da UNESP/Editora Hucitec, 1957.

MARTINS, Walfrido Antônio. **Indústria de clear blocks no Paraná: análise da competitividade diante da globalização e das mudanças estruturais ocorridas na década de 90**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Trad. De Reginaldo Sant'Anna. 18 ed. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Empresa familiar: como fortalecer o empreendimento e otimizar o processo sucessório**. São Paulo: Atlas, 1999.

PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. **Rio do Sul**. Florianópolis: Departamento Estadual de Estatística, n.26, 1942.

PEREIRA, José Carlos. **Formação industrial do Brasil e outros estudos**. São Paulo. Editora Hucitec/Secretaria de Estado da Cultura, 1984.

PORTER, Michael E. **Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. Trad. De Elizabeth Maria de Pinho Braga; Rev. Técnica Jorge A. Garcia Gomez. 7ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

RANGEL, Ignácio. **Dualidade básica da economia brasileira**. São Paulo: Ed. Bienal, 1957.

_____. **Recursos ociosos e política econômica**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1980.

_____. **A história da dualidade brasileira.** In: Revista de Economia Política. v. 1. n. 4. São Paulo, out./dez. de 1981.

_____. **Introdução ao desenvolvimento econômico brasileiro.** 2 ed. São Paulo: Ed. Bial, 1990.

_____. **Economia brasileira contemporânea.** São Paulo: Ed. Bial, 1987.

_____. As crises gerais. In: Revista de Economia Política. v. 12. n. 2. São Paulo, 1992.

RAUD, Cécile. **Indústria, território e meio ambiente no Brasil: perspectivas da industrialização descentralizada a partir da experiência catarinense.** Florianópolis: Editora da UFSC/Editora da FURB, 1999.

ROCHA, Isa de Oliveira. **Industrialização de Joinville (SC): do gênese às exportações.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica.** 2 ed. Rio de Janeiro: ED. UERJ, 2002.

SALETE. Prefeitura Municipal de Salete. **Salete: santuário de fé, dos belos vales e colinas.** Prefeitura Municipal de Salete. Gráfica Tambosi, 2003a.

SANTA CATARINA. Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa. SEBRAE. **Projeto de desenvolvimento econômico regional: Salete.** SEBRAE, 1998.

_____. **Geografia de Santa Catarina: dados básicos.** Florianópolis, Secretaria do Planejamento e Fazenda, 1994.

_____. **Saete: programa integrado de desenvolvimento sócio-econômico.** SEPLAN, 1990.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: formação sócio espacial como teoria e como método.** Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

_____. **O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil.** Espaço & Debates, n. 25, 1988.

_____. **Por uma geografia nova.** São Paulo: Editora Hucitec, 1990.

_____. **A urbanização brasileira.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

_____. **Espaço e Método.** 3 ed. São Paulo: Editora Nobel, 1992.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

SIEBERT, Claudia Freitas. **Rede urbana do Vale do Itajaí.** Blumenau: Ed. Da FURB, 1996.

SILVA, Armando C. **As categorias como fundamento do conhecimento geográfico.** In: Milton Santos & Maria A. A. de Souza (coord.). O espaço interdisciplinar. São Paulo: Editora Nobel, 1986.

SILVA, Célia Maria e. **Ciclos de Kondratieff e pequena produção mercantil pesqueira.** Geosul, Florianópolis, v.14, n.28, 1999.

SILVA, Marcos Aurélio da. **A indústria de equipamento elétrico do nordeste catarinense: um estudo de geografia industrial**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.

_____, Marcos Aurélio da. **As origens da burguesia industrial e o tipo de evolução capitalista do nordeste catarinense (uma nota crítica)**. Geosul. Florianópolis, v.14, n.28, 1999.

SILVA, Marilda R. G. C. Gonçalves da. **Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí**. Campinas: Ed. da FURB/Ed. da UNICAMP/ Centro de Memória da UNICAMP, 2001.

SINGER, Paul. **As contradições do Milagre**. In: Paulo J. Krischle (org). Brasil: do milagre à abertura. São Paulo: Editora Cortez, 1982.

SROUR, Robert Henry. **Poder, cultura e ética nas organizações**. 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

STEIN, Stanley J. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil: 1850-1950**. Trad. De Jaime Larry Benchimol, Rev. Técnica de Helena Gasparian. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SOUZA, M. J. L. de. **O Território: Sobre Espaço e Poder, Autonomia e Desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SUZIGAN, Wilson. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VIDOR, Vilmar. **Indústria e urbanização no nordeste de Santa Catarina**. Blumenau: Editora da FURB, 1995.

Informações Fornecidas:

Prefeitura Municipal de Salete. Setor de Tributação, 2003b.

Rohden S.A., 2000 e 2003.

Rohden Artefatos de Madeira Ltda., 2000 e 2003.

Marroh Confeções Ltda., 2000.